

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**POR UMA EDUCAÇÃO CATÓLICA:  
UM ESTUDO SOBRE A DISCIPLINA RELIGIÃO NO  
GINÁSIO SANTA TERESINHA (1947-1968)**

**Simone Paixão Rodrigues**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

POR UMA EDUCAÇÃO CATÓLICA:  
UM ESTUDO SOBRE A DISCIPLINA RELIGIÃO NO  
GINÁSIO SANTA TERESINHA (1947-1968)

Dissertação submetida ao Colegiado do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eva Maria Siqueira Alves.

Simone Paixão Rodrigues

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R696e Rodrigues, Simone Paixão  
Por uma educação católica : um estudo sobre a disciplina religião no  
Ginásio Santa Teresinha (1947 – 1968) / Simone Paixão Rodrigues. – São  
Cristóvão, 2008.  
170 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em  
Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade  
Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves.

1. Educação – Currículo – Religião. 2. Ensino religioso – Ginásio  
Santa Teresinha. 3. História da educação – Brasil República – Igreja  
Católica. 4. Escola – Material didático. Título.

CDU 373:371.214.1:282(81)

**POR UMA EDUCAÇÃO CATÓLICA: UM ESTUDO SOBRE A DISCIPLINA  
RELIGIÃO NO GINÁSIO SANTA TERESINHA (1947-1968)**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves (NPGED/DED/UFS/Orientadora)

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup> Kazumi Munakata (PUC/SP)

---

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Antônio Carlos dos Santos (NPGED/DFI/UFS)

---

Miguel André Berger (NPGED/DED/UFS/Suplente)

A minha mãe, pela sua capacidade de amar sem medida.

## AGRADECIMENTOS

Ao bondoso e maravilhoso Deus, pois sem a Sua infinita bondade não seria capaz de prosseguir diante dos obstáculos que enfrentei durante a caminhada de construção deste trabalho.

A minha dedicada e amada mãe, minha fonte inesgotável de carinho e atenção, sem cuja dedicação e proteção hoje não seria o que sou.

Aos meus irmãos Cláudia, Cristiane, Elisângela e Fabiana, Cláudio, Adriano e Júnio por torcerem sempre por mim e se fazerem presentes na minha vida.

Aos meus sobrinhos, uma das grandes alegrias da minha vida. Vocês foram essenciais nos dias em que me encontrava desanimada. Sem o sorriso e a alegria de vocês seria mais difícil.

À Professora Dr<sup>a</sup> Eva Maria Siqueira Alves, minha orientadora, que com muita responsabilidade, carinho e dedicação, orientou-me de forma ímpar. Quero dizer-lhe que suas orientações vão além do Mestrado. Obrigado por tudo que me proporcionou. Saiba, mais uma vez, que é um presente divino na minha vida.

A todos os meus professores do Mestrado, agradeço as contribuições e sugestões, em especial a Professora Dr<sup>a</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Professor Dr<sup>o</sup> Jorge Carvalho por ter me incentivado na pesquisa em História da Educação.

À Banca da Qualificação formados por Professor Dr<sup>o</sup> Antonio Carlos dos Santos e o Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Itamar Freitas por suas valiosas sugestões para o desenvolvimento do texto.

Aos secretários do NPGED, Geovana e Edson por toda a atenção que me deram durante estes dois anos.

Aos meus colegas de turmas por terem dividido comigo momentos de sorrisos, tristezas e decepções. A todos agradeço imensamente a salutar convivência. Em especial quero agradecer a Suzana Mary por sua hospitalidade e palavras sinceras, a Sérgio Elias, meu carinhoso e prestativo amigo, a Evelylen e Marta pelo carinho da amizade.

A Maria José Dantas, uma pessoa maravilhosa e sincera com quem tive alegria de conviver durante o curso do Mestrado e que muito me auxiliou para suportar as intempéries do convívio acadêmico.

As minhas amigas Ilene, Nazaré, Telminha, Patrícia e Vânia por sempre torcerem por mim e ouvir meus desabafos.

A João Paulo. Outro dia ouvi alguém dizer que na UFS dificilmente se faz amizade. Discordo totalmente disso, pois foi lá que encontrei você, um amigo incapaz de dizer não e está sempre pronto para ouvir-me e ajudar. Obrigado por ter sido tão presente nesta etapa da minha vida.

Às irmãs Teresinha por disponibilizarem valiosas informações, em especial Ir. Rosário por ter sempre me recebido com muita atenção e respeito. Sua presença foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Padre. Isaías pelo carinho que me demonstra e pela alegria que transmite quando fala da minha pesquisa.

Às Freiras da Congregação Divino Mestre, em especial Ir. Theosete e Ir. Marinueza pela hospitalidade e preciosas conversas.

Aos meus entrevistados por suas falas, pelo riso, pelo gesto de alegria e saudades registrado durante as entrevistas. À Ir. Eleonora que me disponibilizou preciosas informações.

Ao Professor Pacheco Júnior, por sempre vibrar com minhas conquistas e me transmitir palavras verdadeiras de amizade.

A todos que fazem o grupo de pesquisa História das Disciplinas Escolares: história, ensino e aprendizagem por ter dividido comigo momentos valiosos de estudo e debates, em especial a Fabiana Cristina pelas palavras amigas.

A Joseane Ramos pela leitura dedicada e atenta.

A Erlânio pelas palavras de carinho e conforto que sempre foram dadas nos momentos que eu mais precisava ouvir.

A Valtinho pela preciosa ajuda na diagramação do texto final.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a culminância deste trabalho.



## RESUMO

O presente trabalho enfoca a disciplina Ensino Religioso ministrada no Ginásio Santa Teresinha, no período de 1947 a 1968, buscando inferir sobre o uso desse componente curricular enquanto instrumento de propagação da fé católica. Esta produção escrita segue um caminho metodológico coerente com o campo de pesquisa história das disciplinas escolares e seus pressupostos teóricos, articulado a análise de fontes escritas e orais. A escolha pelo estudo desta disciplina escolar nesse estabelecimento foi impulsionada por dois motivos: primeiro, pela necessidade de compreender as estratégias católicas para a manutenção de sua hegemonia no campo social e cultural do país; segundo, pela grande necessidade de ampliar os estudos dentro do campo de pesquisas da história das disciplinas escolares.

**Palavras-chave:** Disciplina Escolar; Ensino Religioso; Ginásio Santa Teresinha; Educação Confessional; Igreja Católica.

## **ABSTRACT**

The present work focuses the discipline Teaching Religious given in the Gymnasium Santa Teresinha, in the period from 1947 to 1968, searching to infer on the use of that curricular component while instrument of propagation of the catholic faith. This written production follows a coherent metodológico way with the research field history of school disciplines and its estimated theoreticians, articulated the analysis of written sources and prays. The choice for the study of that school disciplines intervien that establishment was stimulated by two reasons: first, for the necessity to understand the catholics strategies for the maintenance of its hegemony in the social and cultural field of the country; second, for the great necessity to extend the studies inside of the field of the history of the school disciplines.

**Word-key:** School Disciplines; Teaching Religious; Gymnasium Santa Teresinha; Education; Church Catholic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
 <b>CAPÍTULO I</b>	
<b>IGREJA E EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA</b> .....	20
1.1. A Igreja Católica e a República.....	21
1.2. O Ensino Religioso na República.....	32
 <b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O GINÁSIO SANTA TERESINHA: DA CRIAÇÃO À CONSOLIDAÇÃO</b> .....	42
2.1. Perfil Biográfico do Fundador.....	43
2.2. A Congregação Santa Teresinha .....	63
2.3. De Externato a Ginásio Santa Teresinha.....	68
2.3.1. As Instalações.....	68
2.3.2. O Tocar da Corneta: um chamado para as aulas.....	82
2.3.3. Os Professores: zeladores do saber.....	87
 <b>CAPÍTULO III</b>	
<b>A DISCIPLINA RELIGIÃO NO GINÁSIO SANTA TERESINHA</b> .....	95
3.1. A Disciplina de Religião como Instrumento para a Formação Cristã.....	96
3.2. A Disciplina Religião no Currículo do Ginásio Santa Teresinha.....	98
3.3. A Carga Horária.....	106
3.4. As Aulas, as Práticas, os Professores e as avaliações.....	108
3.5. O Livro Didático.....	116
3.6. É Festa no Ginásio Santa Teresinha.....	123

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	138
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	141
<b>ANEXOS</b> .....	156

## Lista de Quadros

Quadro 1- Inscrições no Exame de Admissão.....	81
Quadro 2- Corpo Docente do Ginásio – Ano 1949.....	90
Quadro 3- Corpo Docente do Ginásio Santa Teresinha – 1947 – 1968 .....	91
Quadro 4 - Currículo do Curso Primário – 1947 .....	100
Quadro 5- Currículo do Curso Ginásial – 1949.....	101
Quadro 6- Currículo do Curso Ginásial de 1960 – 1966.....	102
Quadro 7- Currículo do Curso Ginásial- 1967.....	103
Quadro 8 - Currículo do Curso Pedagógico – 1967 .....	105
Quadro 9 Carga Horária da Disciplina de Religião – 1947 – 1968 .....	106
Quadro 10- Professores de Religião de 1947 – 1968.....	115
Quadro 11- Primeira Turma de Concluintes do Curso Ginásial- Ano: 1952 .....	134

## Lista de Imagens

FOTO 1: José Gumercindo com 15 anos de idade em Lavrinhas/SP.....	47
FOTO 2:Pe. Gumercindo no dia da sua ordenação sacerdotal em 1934.....	49
FOTO 3: Pe. Gumercindo e alunos do Colégio Salesiano de Baturité – CE – 1945.....	51
FOTO 4: Ir. Thoeseite, Pe. Gumercindo e Ir. Valdelícia- s/d.....	56
FOTO 5: Capa do livro Para Boi Dormir.....	60
FOTO 6: Capa do livro Asael.....	60
FOTO 7: Capa do livro Pedaco d’ Alma.....	61
FOTO 8: As Co-Fundadoras da Congregação Santa Teresinha- s/data.....	64
FOTO 9: Pe. Gumercindo (centro) e as Irmãs Teresinha - Década de 1950.....	66
FOTO 10: Madre Valdelícia Martins da Silva .....	67
FOTO 11: Fachada do Externato Santa Teresinha- Década de 1950.....	74
FOTO 12: Pe. Gumercindo.....	75
FOTO 13: Prof. Alfredo Oliveira .....	75
FOTO 14: Ir. Theosete G. Oliveira.....	75
FOTO 15: Ir. Valdelícia M. Silva.....	75
FOTO 16: Ir. Nicária M. Nascimento .....	76
FOTO 17: Ir. Lídia da Anunciação.....	76
FOTO 18: Ir. Francisca N. Paes Barreto.....	76
FOTO 19: Fardamento de gala masculino – ano 1952.....	84
FOTO 20: Fardamento de gala feminino, década de 1950.....	85
FOTO 21: Fardamento diário feminino, década de 1960.....	86
FOTO 22: Fardamento de Gala Masculino e feminino- 1961.....	87
FOTO 23: Professor Gibson de Almeida Pinho - Ano de 1960.....	89
FOTO 24: Capa do Livro de Religião.....	117
FOTO 25: Ilustração da Expulsão de Adão e Eva do Paraíso.....	121
FOTO 26: Ilustração da Crucificação de Jesus Cristo.....	122
FOTO 27: Aluna Maria José Ávila Góis nos festejos juninos- 1952.....	127
FOTO 28: Desfile de 7 de setembro – Fardamento Masculino de Gala – 1948.....	128
FOTO 29: Desfile de 7 de setembro – Década de 1950.....	129
FOTO 30: Desfile de 7 de setembro – Fardamento Feminino de Gala – 1949.....	130

FOTO 31: Desfile de 7 de setembro- Homenagem aos esportes do Brasil – 1958.....	131
FOTO 32: Quadro da Turma de Concluintes - 1955 .....	132
FOTO 33: Maria José Ávila Góis- Concluintes – 1958 .....	133
FOTO 34: Eleonora de J. Moraes.....	133
FOTO 35: Formandos e Madrinha- 1952.....	135
FOTO 36: Entrega de Diploma do Ginásio – 1960 .....	136
FOTO 37: 1º Baile de Formatura- 1952.....	136
FOTO 38: Pe. Gumercindo (centro) com a 1ª Turma de Concluintes.....	137
FOTO 39: Celebração dos 10 anos da Congregação Santa Teresinha -1957.....	164
FOTO 40: Pe. Gumercindo (centro) e Concludentes do Ginásio (ao fundo) -1952.....	165
FOTO 41: Alunas no terreno do fundo do Ginásio -1958.....	165
FOTO 42: Concludentes do Ginásio -1960.....	166
FOTO 43: Alunos na aula de Educação Física -1958.....	167
FOTO 44: Fachada do Ginásio Santa Teresinha – Década de 1950.....	167
FOTO 45: Igreja Matriz Senhora Santana –Década de 1960.....	168

## INTRODUÇÃO

*Uma disciplina é igualmente, para nós, em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte.*

*CHERVEL, 1990.*



A definição de André Chervel acerca de disciplina enquanto matéria e conteúdo de ensino de certo modo provocou em muitos pesquisadores indagações como: O que é uma disciplina escolar? Qual a sua importância? Quais são suas finalidades? Estas indagações motivaram-nos a desenvolver estudos sobre a história das disciplinas escolares, na tentativa de se compreender o saber que a escola produz e transmite, ou seja, compreender a constituição do conhecimento escolar.

A apropriação das disciplinas escolares como objeto de estudo possibilita a compreensão de uma forma de educação presente no ambiente do espaço educativo da escola, estando atrelado a essa compreensão o conhecimento das particularidades de uma instituição educacional. É como se os estudos sobre esses componentes curriculares abonassem uma investigação dos espaços em que eles são ministrados. Os debates sobre a formação do campo de pesquisa das disciplinas escolares revelaram que foi a partir do período de 1970 a 1980 que ocorreu um crescimento das pesquisas no interior desse campo. De acordo com Bittencourt,

O crescimento das pesquisas da história das disciplinas articula-se ao processo de transformações curriculares dos anos de 1970 e decorrer de 1980, momento em que se repensava o papel da escola em suas especificidades e como espaço de produção do saber e não mero lugar de reprodução de conhecimentos impostos externamente. Estudos críticos baseados na linha da interpretação estruturalista haviam destacado os aspectos ideológicos inerentes às instituições criadas pelo capitalismo e, no conjunto de ações desencadeadas a partir do século XIX, nos quais o Estado-Nação mostrava-se como grande sujeito das mudanças, o sistema escolar tornou-se um dos destaques dessas análises baseadas em concepções macro do processo histórico (BITTENCOURT, 2003, p. 11).

É importante destacar que repensar o papel da escola enquanto espaço de produção do conhecimento e não de reprodução de conhecimentos impostos externamente contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas que objetivavam analisar o sistema educacional; e como indica Bittencourt,

os agentes constituintes do saber escolar, como professor, aluno e comunidade escolar e, nesse processo as disciplinas escolares passaram a ser incluídas como um dos objetos importantes das investigações sobre as práticas escolares (BITTENCOURT, 2003, p.13).

Ao iniciar meus estudos e pesquisa no campo da História da educação aproximei-me dos caminhos da pesquisa em instituições educacionais e disciplinas escolares.

Contudo, as leituras realizadas na disciplina optativa Tópicos Especiais de Ensino: História das Disciplinas Escolares<sup>1</sup> que cursei no Mestrado em Educação, bem como no Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem<sup>2</sup> aproximaram-me ainda mais do campo de pesquisa da história das disciplinas escolares. Após analisar alguns trabalhos acadêmicos que versam sobre as escolas católicas de Sergipe, constatei que todos eles dissertaram sobre a história e a cultura escolar da instituição, porém em nenhum havia a opção por uma disciplina como objeto de estudo. Tal constatação unida às leituras de autores como Chervel e Bittencourt, que versam sobre o campo da história das disciplinas escolares, despertou-me o interesse por estudos dentro da perspectiva da compreensão de instituição educacional por uma disciplina escolar.

De certo modo, os estudos sobre instituições escolares e disciplinas escolares vêm contribuindo por uma via de mão dupla para a história da educação. Por um lado, o pesquisador, ao optar em desenvolver a pesquisa no âmbito das disciplinas escolares, abre caminhos e indica aspectos das instituições de ensino em que as disciplinas escolares são ministradas, e por outro lado, ao deslocar as lentes da pesquisa para uma instituição escolar, o pesquisador de certa maneira, corrobora sobre algumas disciplinas escolares que compõem o seu currículo.

Dessa forma fiz a opção por analisar a disciplina Religião ministrada em uma instituição de ensino confessional e busquei identificar as instituições confessionais criadas em Sergipe. No decorrer do levantamento optei pelo Ginásio Santa Teresinha, uma das últimas instituições confessionais católicas fundadas em território sergipano. A escolha pelo estudo da disciplina Religião nesse estabelecimento foi impulsionada por dois motivos: primeiro, pela necessidade de compreender as estratégias católicas para a manutenção de sua hegemonia no campo social e cultural do país, bem como demonstrar o uso da disciplina Religião como instrumento para a propagação da fé católica; segundo, pela grande necessidade de ampliar os estudos dentro do campo da história das disciplinas escolares.

O contato inicial com as fontes indicava o Ginásio Santa Teresinha como uma casa de educação que muito tinha a dizer sobre suas práticas, seus objetivos, suas contribuições e sua relevância para a historiografia educacional de Sergipe. Pesquisá-lo

---

<sup>1</sup>Esta disciplina optativa foi ofertada no segundo semestre de 2006 do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino, Aprendizagem é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eva Maria Siqueira Alves e está vinculado à Universidade Federal de Sergipe.

possibilitaria a compreensão de suas peculiaridades, bem como as práticas da disciplina Religião, haja vista ter sido criado por um padre ex-salesiano e por ter sido a primeira instituição de ensino católico que iniciou suas atividades ministrando aulas para meninos e meninas<sup>3</sup>.

Na primeira década do século XX, Sergipe recebeu em seu território colégios católicos, dentre os quais estão: Escola Agrícola de São José ou Tebaída, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, ambos fundados pela Congregação Salesiana, e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. A cada ano a presença da Igreja Católica no universo educacional de Sergipe intensificava-se mais, movida por transformações que ocorreram no cenário político, social e econômico do país no final do século XIX, destacando-se como exemplo a mudança do regime escravocrata para o trabalho assalariado, o fim do regime de padroado e as reformas educacionais, como a Reforma Epiácio Pessoa (1901), que beneficiou significativamente os futuros estabelecimentos particulares de ensino.

O Ginásio Santa Teresinha foi um dos estabelecimentos católicos de ensino criados durante o primeiro bispado da Diocese de Aracaju, José Thomaz Gomes da Silva, fundado pelo padre e também criador da Congregação Santa Teresinha, José Gumercindo dos Santos. Enfrentando obstáculos, como as condições financeiras e a oposição salesiana, Pe. Gumercindo, fundou em 12 de março de 1947, na cidade de Boquim/SE, essa instituição de ensino que foi reconhecida pelo Ministério da Educação em 27 de novembro de 1948. Inicialmente, era um externato de curso primário, que atendia filhos e filhas das famílias mais abastadas de Boquim e cidades circunvizinhas, sendo denominado Externato Santa Teresinha.

Anos mais tarde, com a estrutura física ampliada, foram implantados o internato e o curso ginásial. Nesse momento o estabelecimento já tinha sua fama espalhada pelas cidades e estados circunvizinhos, contribuindo para o ingresso de jovens pernambucanos, baianos, alagoanos, nesse espaço educativo.

Tendo como objetivo primordial educar a juventude dentro dos preceitos do catolicismo, essa instituição de ensino confessional marcou a história da cidade de Boquim/SE, pois foi no seu ambiente educativo que se educaram centenas de jovens, contribuindo para o desenvolvimento cultural e intelectual do município, dos quais alguns ocuparam posições de destaque no cenário político e profissional de Sergipe.

---

<sup>3</sup> O Colégio Imaculada Conceição a priori foi fundado para atender o sexo feminino, mas dois anos após sua fundação em 1929, foi implantado o ensino misto. No caso do Colégio Nossa Senhora das Graças, fundado em 1915, a implantação do ensino misto só ocorreu em 1970.

A análise dessa instituição de ensino, que enfrentou profundas crises ao longo de sua história e que ainda continua a desenvolver suas atividades, teve como preocupação e motivação a compreensão da disciplina Religião nela ministrada, como também o uso desta disciplina como instrumento de propagação do catolicismo, buscando assim contribuir para os estudos em história das disciplinas escolares. Desta forma, este trabalho incide na disciplina escolar Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha, no período de 1947 a 1968, buscando incluir o uso desse componente curricular como estratégia católica para manutenção de sua hegemonia na educação brasileira.

A educação confessional teve presença histórica dentro do cenário educacional de Sergipe. De acordo com Nunes (1984), o ensino ministrado pelos padres seculares, no interior das casas-grandes e das fazendas foi fundamental para a formação da sociedade sergipana.

Já nos anos iniciais da República foi crescente a presença de religiosos na educação sergipana. A precariedade das escolas públicas primárias era muito forte e visível no cenário educacional de Sergipe, impulsionando, assim, a presença dos religiosos e a implantação dos colégios particulares. Segundo Costa (2003), a crescente implantação do ensino confessional da doutrina católica foi também uma reação contra a expansão do protestantismo no estado. As instituições de ensino protestante contribuíram muito para o aperfeiçoamento do ensino e intelectualidade do estado, a exemplo da Escola Americana.

O estabelecimento de ensino confessional em foco, ao longo de sua história, foi denominado Externato Santa Teresinha (1947), Ginásio Santa Teresinha (1948) e Colégio Santa Teresinha (1974). Contudo, aqui se utilizará a denominação Ginásio Santa Teresinha, por ser a denominação utilizada no período em estudo.

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa História, Sociedade, e Educação, do Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, que abrange estudos e pesquisas sobre educação dentro do campo das políticas públicas, das relações entre o organismo social no contexto histórico brasileiro, como também temas relacionados à memória e à institucionalização do ensino. O estudo segue a linha de trabalhos produzidos no campo da história da educação e da história das disciplinas escolares.

Analisar uma disciplina escolar ministrada em uma instituição de ensino admite um olhar para estudos em história da educação, o que contribui expressivamente para a uma maior visibilidade das relações sociais e políticas nela existentes. De certo modo, consente novas leituras sobre o que Gatti Jr. (2002) denomina de ciclo de vida das

instituições educativas, composto pelas mudanças ocorridas na arquitetura, no quadro docente e discente, nas práticas, no currículo e no processo de ensino de aprendizagem.

O pesquisador em história da educação invade o universo educacional e vai em busca de sua compreensão nos diversos momentos históricos através da análise dos vários objetos e fontes. A ampliação dos objetos e das fontes evidencia um rompimento dos estudos em história da educação com as velhas tradições da pesquisa histórica e coloca em seu palco objetos de estudos, outrora ignorados, como as disciplinas escolares.

O historiador André Chervel, em seu texto clássico “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”, no qual analisa as relações entre as ciências identificadas como ciências de referências e os saberes escolares considerados sob a forma de disciplinas escolares, confirma que os estudos em história das disciplinas escolares recentemente

tem se manifestado uma tendência, entre docentes, em favor de uma história de sua própria disciplina. Dos conteúdos do ensino, tais como são dados nos programas, o interesse então evoluiu sensivelmente para uma visão mais global do problema, associando-se as ordens do legislador ou das autoridades ministeriais ou hierárquicas à realidade concreta do ensino nos estabelecimentos, e, algumas vezes, até mesmo às produções escritas dos alunos (CHERVEL, 1990, p. 177).

Dessa forma, debruçar-se sobre a história das disciplinas escolares no âmbito de suas vertentes implica efetuar escolhas, constituir hierarquias, considerar conceitos como também organizar análises. Ao pesquisar uma disciplina escolar deve-se considerar, antes de mais nada, sua constituição e organização.

Para tanto, ao pesquisar as disciplinas escolares faz-se necessário atentar para suas distintas concepções defendidas por seus pesquisadores. Estas concepções promovem um debate significativo em que as posições não são iguais, e as posturas acerca do conhecimento escolar são conflitantes, de maneira especial entre os defensores da idéia de disciplina como transposição didática e os que concebem a disciplina como campo de conhecimento autônomo. A concepção de disciplina como transposição didática, defendida pelo pesquisador francês Yves Chevallard, indica que o conhecimento presente na escola é resultante do fluxo e adaptações de saberes provenientes das ciências produzidas pela academia. “Em sentido restrito, a transposição didática designa a passagem do saber sabido para o saber ensinado” (CHEVALLARD, 1991, p. 10).

Nessa concepção, a escola é apresentada como incapaz de produzir saberes, sendo apenas um espaço de reprodução dos conhecimentos eruditos ou científicos, sendo o professor “um intermediário desse processo de reprodução, cujo grau de eficiência é medido pela capacidade de gerenciamento das condições de adaptação do conhecimento científico ao meio escolar” (BITTENCOURT, 2004, p.37). Ocorre então uma hierarquização do conhecimento em que, segundo Chevallard (1991), a disciplina escolar apresenta-se em uma escala de inferioridade, ou seja, como um saber de segunda classe que só é legitimado pelo saber científico.

No tocante à disciplina como campo de conhecimento autônomo, temos como principais defensores o pesquisador inglês Ivor Goodson e o pesquisador francês André Chervel, para os quais a disciplina escolar não se constitui na simples transposição didática, do saber erudito, mas sim em outros conhecimentos. Nesta concepção a escola é compreendida como lugar de produção do saber autônomo, e as disciplinas escolares são entidades epistemológicas relativamente autônomas e produzidas com objetivos e finalidades próprios.

As disciplinas escolares, dessa forma, constituem-se dentro dessa cultura, apresentando objetivos e finalidades próprios e muitas vezes distintos aos das ciências acadêmicas. A disciplina escolar tem autonomia e é produzida dentro do espaço escolar, este apresentando-se como uma instituição que, mesmo recebendo influências de agentes externos e internos, é capaz de produzir seus próprios saberes.

Martins (2004), ao analisar as mudanças propostas para o ensino das disciplinas de humanidade no currículo escolar, durante a ditadura militar brasileira, no período de 1964 a 1985, confirma que os estudos sobre as disciplinas escolares, sua lógica organizativa, suas histórias da criação, suas disputas políticas e ideológicas travadas em sua configuração e a eficiência para a sua autopromoção no sistema de ensino possibilitam-nos a ampliação do debate sobre cultura escolar.

Sendo assim, o principal palco de atuação das disciplinas escolares é o espaço educativo das instituições de ensino, a escola. É no ambiente escolar que se desenvolvem e contribuem verdadeiramente para o entendimento da cultura escolar, pois se considera que no espaço escolar foram historicamente edificadas normas e práticas definidoras dos

conhecimentos que seriam ensinados e dos valores e comportamentos que seriam inculcados.<sup>4</sup>

Parece óbvio, portanto, que o estudo sobre a história das disciplinas escolares permite a abertura de uma janela para a compreensão da cultura escolar, que tem apresentado seu conceito sempre relacionado com um “espaço destinado, privilegiado para a transmissão do conhecimento e, principalmente, de valores em determinado tempo” (JULIÁ, 2001, p.10).

O estudo da construção das disciplinas escolares e de um currículo escolar deve considerar os aspectos educacionais dentro do conceito das práticas pedagógicas e do movimento de caráter político, econômico, social e cultural que ocorre no âmbito de uma sociedade. Para Venturi e Gatti Júnior,

O contexto que faz surgir uma disciplina escolar, a evolução e as mudanças pelas quais ela passa, que pode inclusive levar o seu desaparecimento, deve-se a fatos internos e externos. Os fatos internos dizem respeito às estruturas e organização do trabalho na própria área e os externos relacionam-se às questões da política educacional e ao contexto social, político, cultural e econômico (VENTURI, GATTI JUNIOR, 2004, p.68).

É notório que a construção e a evolução da disciplina escolar estão decididamente influenciadas pelos interesses das classes dominantes da sociedade, bem como pelas lideranças intelectuais, pelos centros acadêmicos de formação de professores, pelas associações profissionais. Em meio à criação e evolução de uma disciplina escolar ocorre todo um jogo de interesses regados de conflitos, contradições e mudanças inerentes à sociedade. A disciplina escolar sofre interferência das finalidades educacionais, principalmente no tocante à hierarquia das disciplinas de uma série, nível, grau ou modalidade de ensino, inclusive em seu conteúdo, que é fruto de uma conjuntura, da época e de um lugar em que ela é produzida<sup>5</sup>. Deste modo,

A evolução das disciplinas escolares está também relacionada com as condições materiais em que se desenvolve o ensino, as construções escolares, o mobiliário, os recursos didáticos, o material do professor e do aluno que se instaura e se modifica em função das finalidades educacionais e, sobretudo, conforme o público escolar (idade,

---

<sup>4</sup> PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. “Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa”. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 27, 2004. p.58.

<sup>5</sup> Idem

características sócio-culturais, condições de vida, etc) (VENTURI, GATTI JR, 2004, p.68).

Investigar a história das disciplinas escolares revela-nos a história dos saberes escolares, das práticas e, sobretudo, como já dito, da cultura escolar. O pesquisador tem como tarefa realizar um trabalho de análise das metodologias, das práticas, dos materiais didáticos utilizados, dos agentes educacionais, dos exercícios trabalhados, como também dos conteúdos. Segundo Bittencourt (2003), o pesquisador da história das disciplinas escolares deverá considerar as concepções de História e suas categorias decorrentes dessa concepção para analisar os principais agentes construtores das disciplinas escolares, a seleção e interpretação da documentação pertencente a esse campo de pesquisa, bem como considerar o processo contínuo e descontínuo presente na trajetória da história<sup>6</sup>.

Portanto, caberá ao pesquisador munir-se de uma fundamentação teórica e metodológica dentro da perspectiva da pesquisa histórica para assim produzir um trabalho comprometido com o rigor científico e compreender os elementos intrínsecos à história das disciplinas escolares. A investigação de uma disciplina escolar conduz ao conhecimento da cultura escolar de uma instituição educacional. Todavia, ainda é muito pouco o número de trabalhos em que as disciplinas são utilizadas como lentes para a compreensão da cultura escolar de uma instituição educacional. Disciplinas escolares e instituições escolares compõem uma sólida união dentro do campo de investigação da cultura escolar na história da educação.<sup>7</sup>

Dentre as instituições educacionais sergipanas que já foram objetos de estudos dos pesquisadores em história da educação, apenas o Atheneu Sergipense foi analisado através dos planos de estudos, o que permitiu a apropriação e leituras das disciplinas ministradas naquele espaço educativo e conseqüentemente contribuiu de forma significativa para a compreensão da sua cultura vigente.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ver: BITTENCOURT, Circe Fernandes. “Disciplinas escolares: história e pesquisa”. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Taborda; Ranzi, Serlei Maria Fischer. (org). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 30.

<sup>7</sup> Após uma investigação na biblioteca do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED) da Universidade Federal de Sergipe, foram encontradas 5 dissertações que abordam ou têm as instituições educacionais como objeto de estudo. Destas, duas versam sobre as instituições confessionais católicas criadas em Sergipe na primeira metade do século XX que são os Colégios Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora das Graças. É importante destacar que dessas produções acadêmicas, nenhuma toma as disciplinas escolares como prováveis lentes que poderiam conduzir aos saberes da cultura escolar, bem como da própria história da instituição.

<sup>8</sup> ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos 1870-1908**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica. Tese (Doutorado). Programas de Estudos. Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade.



São notórios os silêncios dentro do universo dos estudos em história da educação de Sergipe, cabendo ao pesquisador interpretá-los como um convite para desvendar esses silêncios, pois assim as luzes serão postas sobre as disciplinas escolares. As tentativas de compreender o universo particular e singular das instituições educacionais são opções cada vez tomadas por pesquisadores em história da educação. Uma gama de fontes, lá resguardadas, sugere opções de pesquisas capazes de desvendar mais um traço da história da educação e capaz de conduzir e revelar a história das disciplinas escolares.

Sendo assim, esta pesquisa de Mestrado buscou contribuir para a ampliação dos estudos na historiografia de Sergipe sobre a história das disciplinas escolares. A pesquisa no campo da história das disciplinas escolares permite novas interpretações com ênfase na apreensão de elementos constituintes que configuram as finalidades de uma disciplina, colocando-a como parte integrante da cultura escolar de uma instituição.

### **Sobre a Periodização**

Delimitar o tempo de uma pesquisa histórica está sempre ligado ao início ou fim de um acontecimento que transformou a realidade vigente. No caso do estudo sobre a disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha, a data inicial nasceu juntamente com o interesse de estudar este objeto. Eu poderia ter optado por outras datas importantes que expressam momentos de grandes modificações na estrutura do Ginásio, mas não o fiz. Assim que decidi estudar o componente curricular Religião, a análise das fontes conduziu-me a fazer a opção pelo marco inicial, ano de 1947, este correspondente ao início do funcionamento da citada instituição de ensino.

O ano de 1947 apresentou-se convidativo. Lançar os olhos sobre ele possibilitou conhecer as alegrias, as dificuldades, os obstáculos e as inovações ocorridas, não só no ambiente do Ginásio Santa Teresinha, como também no universo social educacional da cidade de Boquim/SE. A opção pelo ano de 1947 é justificada pelo que este representou para o Ginásio, bem como para a educação da cidade.

Se o marco temporal inicial foi escolhido de maneira tão firme, a opção pelo marco temporal final não seguiu os mesmos passos. Quando optei por este objeto de estudo a partir do ano de 1947 senti alguns receios, pois, ao iniciar a catalogação das fontes que

me conduziram ao conhecimento das particularidades do Ginásio Santa Teresinha, deparei-me com um acervo de fontes alicerçadas em datas que muito tinham a dizer sobre o objeto.

Inicialmente decidi estudar o objeto dentro do período de 1947 a 1973, este correspondente à criação do estabelecimento até a implantação do 2º Grau. E montei o projeto de pesquisa dentro deste período de estudo, visto que até o momento toda a documentação a que tive acesso indicava sempre o ano de 1973 como um ano de grande respaldo na história do Ginásio Santa Teresinha. Voltando às fontes com mais apreço – pois o tempo exigia – para a escrita da dissertação, encontrei alguns pedidos de compras de carteiras estudantis emitidos, em 1966, pela direção do Ginásio para uma loja de imobiliário didático. A solicitação das carteiras trazia expresso o caráter de urgência, uma vez que o curso Pedagógico estava com a data da aula inaugural marcada para o início do mês de fevereiro de 1967.

Impulsionada pelo desejo de querer saber se esse curso realmente foi implantado, e como eram ministradas as aulas da disciplina Religião nesse curso, fui cada vez encontrando fontes que me revelaram que o citado curso tinha iniciado em 1967, mas que em 1968 deixou de funcionar por falta de alunos e professores. Neste curso a disciplina Religião apresentava-se como componente curricular obrigatório. Agora, ciente da presença efêmera desse curso nas modalidades de ensino do Ginásio Santa Teresinha e da importância desta disciplina Religião neste curso, decidi pela delimitação temporal de 1947 a 1968, período correspondente à criação da instituição escolar Ginásio Santa Teresinha até a suspensão das atividades do curso Pedagógico.

Ao longo desse marco temporal expresso serão evidenciadas datas de grande representatividade dentro do desenvolvimento estrutural da instituição, como o ano de 1948, que corresponde à implantação do curso ginasial, e o ano de 1953, ano em que Pe. José Gumercindo, fundador do Ginásio Santa Teresinha, passou a direção desse estabelecimento de ensino ao professor Alfredo Alves de Oliveira e às Irmãs Teresinha.

Contudo, não posso afirmar que no desenvolvimento da pesquisa prender-me-ei ao marco temporal de 1947 a 1968, até porque, para melhor compreensão de suas especificidades, foram necessários recuos e avanços na periodização, sendo que as lentes da pesquisa estavam sempre direcionadas para a disciplina Religião ministrada em uma instituição de ensino confessional católico, o Ginásio Santa Teresinha.

## Metodologia e Conceitos

A presente pesquisa procura apropriar-se da disciplina Religião como foco primordial para assim compreender o espaço escolar enquanto espaço de produção e geração de cultura e de valores morais e religiosos. Seguindo o caminho metodológico dentro do enfoque da pesquisa qualitativa e coerente com o campo de pesquisa da história das disciplinas escolares e seus pressupostos teóricos, este trabalho foi realizado com base nos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre educação confessional no Brasil e em Sergipe, história das disciplinas escolares, instituições escolares e ensino religioso, consulta e catalogação de fontes arquivísticas, realização de entrevistas orais e por fim estabelecimentos de conceitos teóricos.

A busca pela compreensão de uma disciplina escolar presente no universo de uma instituição de ensino conduz ao conhecimento de sua estrutura organizacional. As instituições escolares são impregnadas de valores, políticas e ideais educacionais, e conseqüentemente as disciplinas acabam se estruturando neste âmbito. A terminologia disciplina escolar é recente dentro do universo da educação. Para Chervel,

No seu uso escolar, o termo disciplina e a expressão disciplina escolar não designam até o fim do século XIX mais do que a vigilância dos estabelecimentos, a repreensão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso (CHERVEL, 1990, p.178).

Somente após a Primeira Guerra Mundial é que o vocábulo disciplina vai aproximar-se do termo matéria de ensino, mas sem abandonar seu sentido de origem: disciplinar, ordenar, controlar. Chervel (1990) afirma que no âmbito da pesquisa em história das disciplinas escolares o termo disciplina refere-se ao sentido dos conteúdos de ensino.

Contudo, com o olhar direcionado para o estudo da disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha, busquei compreender a cultura e o seu processo de transmissão, os modelos e métodos de ensino, os materiais didáticos, o currículo, os valores, as práticas e a ação dos alunos e agentes educacionais.

Ao investigar uma disciplina escolar em uma instituição educativa é-nos permitido o conhecimento das práticas, da estrutura, da organização, das formas de

disciplinar, do currículo e de seus atores, o que conseqüentemente garante a abertura de uma visão mais aprofundada dos espaços sociais destinados aos processos de ensino-aprendizagem, bem como dos constituintes de uma disciplina.

A análise da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha tornou-se imperativa para a compreensão do processo pelo qual ela originou-se, instalou-se no currículo e configurou a cultura escolar dessa instituição. Desta forma, fez-se necessária a apropriação dos conceitos de disciplina e currículo defendidos por Chervel e Goodson<sup>9</sup>. Segundo Chervel, uma disciplina entendida como um modo de disciplinar o espírito, garante os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte dos diversos níveis de escolarização<sup>10</sup>. Destarte, o uso deste conceito permitirá compreender a disciplina Religião enquanto instrumento de propagação da fé católica e que através de suas práticas disciplinou o aluno.

Assim, o que se buscou foi uma acurada fundamentação para melhor evidenciar as disciplinas escolares como entidades independentes, que deslocam o acento das decisões das influências e legitimações exteriores em direção à escola, permitindo que o saber que dela brotou introduza-se no interior de uma cultura escolar<sup>11</sup>. O enfoque a uma disciplina escolar neste trabalho, no caso a disciplina Religião, parte da necessidade de compreender suas práticas que tinham como propósito a inculcação dos valores católicos no espaço do Ginásio Santa Teresinha. E permite levantar a hipótese de que a disciplina Religião era a base máxima para esse propósito na instituição de ensino, contribuindo para a formação de bons cristãos.

Dessa feita, torna-se necessário apresentar que fiz uso do conceito de cultura escolar defendido por Dominique Juliá, pois a busca pelo entendimento de uma instituição escolar perpassa pela compreensão do conjunto de normas que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar<sup>12</sup>. E ao propor-me a compreender uma disciplina escolar e suas práticas, não posso deixar de considerar estas como um modo de civilizar a juventude dentro dos moldes católicos. Portanto, buscou-se fazer a interpretação deste modelo de civilizar sob a luz do sociólogo Norbet Elias, a partir de seu conceito de civilização. Segundo ele, civilização

---

<sup>9</sup> Cf. GOODSON, Ivor F. **Currículo, teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 2001

<sup>10</sup> Cf. CHERVEL, André. "História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa". In: **Teoria & Educação**, n. 2, 1990, p.177.

<sup>11</sup> BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>12</sup> Cf. JULIA, Dominique. "A cultura escolar como objeto histórico". In: **Revista Brasileira de História da educação**. 2001. Campinas: Editora Autores Associados. Nº 1, Jan./ Jun. p. 09.

[...] refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, aos tipos de maneiras, ao desenvolvimento dos conceitos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitação ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos; à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo que se pode descrever como civilização (ELIAS, 1990, p. 23).

Para esse sociólogo, em uma sociedade, civilizar o indivíduo é um processo fundamentado dentro da constituição do seu desenvolvimento. A utilização de seu conceito de civilização é imprescindível para a compreensão das relações, bem como para a compreensão das instituições sociais e educativas. As práticas nelas embutidas buscam civilizar o homem de acordo com suas normas de condutas e regras, para assim moldar os seus componentes, as suas emoções e valores. Por este ângulo, a instituição educativa seria um local de referência civilizatória, pois, através de seus códigos, ela civiliza o indivíduo de acordo com a sociedade a que ele pertence.

Assim, ao advir sobre as práticas da disciplina Religião, bem como as práticas existentes no espaço educativo do Ginásio Santa Teresinha, considerado como um local de referência civilizatória, optei por uma análise de normas e formas de controle, de vigilância e disciplina, o que me conduziu a fazer uso do conceito foucaultiano de vigilância. Para Foucault (1995), a disciplina expressa um tipo de poder e serve como um instrumento essencial para o alcance de um fim determinado, designado por uma instituição<sup>13</sup>. O êxito do poder de disciplinar se dá mediante o uso de instrumentos simples, dentre os quais está a vigilância figurada através do olhar que regula e pune o indivíduo.

---

<sup>13</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência na prisão. Trad. Raquel Ramallete. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2005, p.177.

## Sobre as Fontes

Definido o objeto de estudo, comecei a galgar os primeiros passos para a sua construção. E ao iniciar a caminhada não me dirigi de imediato ao local mais óbvio da existência de fontes, que seria o arquivo do Colégio Santa Teresinha. Preferi iniciar visitando os locais que tinham apenas suspeitas de que lá estavam preservadas algumas fontes que dissessem algo sobre o objeto de estudo. E assim iniciei, cheia de dúvidas, de receios, de entusiasmos, com muito medo de tropeçar e não ter mais ânimo para erguer-me, pois tinha a única certeza de que a caminhada do pesquisador é árdua.

O primeiro local que visitei foi o arquivo da Igreja Matriz de Boquim, Igreja Senhora Santana, indo buscar o livro tomo para obter informações sobre a chegada do Pe. José Gumercindo e das freiras Teresinha na cidade e, quiçá até sobre a construção do prédio do Ginásio Santa Teresinha. Surpreendida pelas poucas informações que lá encontrei, dirigi-me para o arquivo da Cúria Metropolitana, onde eu tinha a certeza de que encontraria muito sobre o meu objeto de estudo, afinal lá estava muita documentação das congregações religiosas e especialmente o jornal *A Cruzada*<sup>14</sup>, órgão oficial da Igreja Católica. Este órgão da imprensa católica traria informações sobre o Ginásio Santa Teresinha, haja vista que ele foi um importante instrumento de divulgação dos colégios católicos de Sergipe.

Ao folhear muitos jornais ficou perceptível o quanto os avisos e propagandas do Ginásio Santa Teresinha eram ínfimos em relação a outras instituições de ensino católico como os colégios Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora das Graças e o Colégio Imaculada Conceição. A presença do Ginásio Santa Teresinha era quase silenciosa, mas as informações sobre ele que pude garimpar foram imprescindíveis.

Total silêncio foi o que encontrei no Arquivo Público de Sergipe. Após abrir e fechar várias pacotilhas, senti a angústia do silêncio, mas não me abati, pois o silêncio das fontes tem muito a dizer sobre os objetos de pesquisa.

---

<sup>14</sup> Sobre o jornal *A CRUZADA*, ver: SOUZA, Valéria Camerlita Santana. “**A Cruzada**” Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2005 (Dissertação – Mestrado em Educação).

Buscando superar a angústia do silêncio das fontes, desloquei-me para o arquivo do Colégio Santa Teresinha onde fui recepcionada com muita dedicação, atenção e generosidade por parte das Irmãs Teresinha. Aos meus olhos os arquivos em armários de aço e em madeira que preservaram durante anos boa parte das fontes que utilizei para a construção do meu objeto foram vistos como verdadeiros espelhos da história da instituição. Diante das fontes que lá se encontravam, saciei a fome normal que o pesquisador sente ao ingressar no mundo da pesquisa em história da educação, a fome de desvendar os mitos, os valores, as normas, as brincadeiras, enfim, a cultura escolar.

Das fontes escritas encontradas no arquivo do Colégio Santa Teresinha fiz uso em especial dos livros de atas da Congregação Santa Teresinha, do regimento interno, dos relatórios de inspetores e diretores, das atas de exame de admissão e de exames finais, das fichas de matrícula, correspondências expedidas e recebidas, currículos, livros de ponto dos funcionários, documentação financeira, livro de crônicas da congregação e ofícios.

Continuei a minha caminhada em busca de qualquer vestígio do Ginásio, por considerar a afirmativa de Febvre:

A história se faz sem dúvida com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer sem documentos escritos, se não existirem. Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam flores habituais: com palavras, signos, paisagens e telhas com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com piratagens de pedras feitas por geólogos, e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem dele depende lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser (Apud Le Goff, 1984, p.107).

Foram levantadas fontes em diversos locais: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Casa Central da Congregação Santa Teresinha, Câmara Municipal de Boquim, Secretaria de Educação do Município de Boquim, Biblioteca do Tribunal de Justiça de Sergipe, Biblioteca Epiphânio Dória, Biblioteca do Seminário Menor Nossa Senhora da Conceição, Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, Biblioteca do Núcleo de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, Programa de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Sergipe, Arquivo da Congregação Divino Mestre, Memorial Padre José Gumercindo dos Santos e Inspeção Escolar da Secretaria de Educação de Sergipe. Os acervos particulares também foram consultados como por exemplo de ex-alunos: de Maria José Ávila Góis, Rivanda dos Santos Meneses, Fernando

Ferreira Matos, acervo de ex-professora como Theosete Gomes de Oliveira, e das Irmãs Teresinha, como Eleonoura de Jesus Morais e Maria Olga de Souza Santana.

Recorri também às contribuições das fontes orais, já que pesquisei um período que permite ouvir os depoimentos de ex-alunos, ex-professor, freiras e ex- diretora. A história oral nos últimos anos vem cada vez mais se tornando um importante meio de coletas de dados no desenvolvimento das pesquisas em história da educação.

Sua construção dá-se através de depoimentos de pessoas, registrando a história contemporânea, dando espaço ao grupo maior de agentes da história. Para Thompson, (1992), a história oral é um instrumento de mudanças e colabora para a construção de uma sociedade mais justa. Diz ele: “[...] a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário, inerente a sua tradição. E oferece meios para uma transformação radical do sentido da história” (THOMPSON, 1992, p.44).

É necessário um contato direto do pesquisador com as suas fontes (os entrevistados) para que ocorra a história oral. Segundo Meihy, “[...] o encontro humano é fundamental. Sem o contato direto não há história oral” (MEIHY, 1996, p.18). As entrevistas são apenas um ponto de partida, em que o pesquisador irá debruçar-se incansáveis vezes para poder compreender as informações contidas em cada fala e contrapô-las com outras fontes. É necessário também que o pesquisador entenda não só as falas como também os silêncios dos entrevistados, quando estes se recusam a prestar informações sobre algum assunto, quando se emocionam, quando choram e ou quando sorriem.

Nesse sentido foram realizadas dez entrevistas. Dentre os entrevistados estavam ex-alunos, ex-professor, ex-diretora, freiras e membros da sociedade de Boquim. As entrevistas foram marcadas respeitando-se a vontade de cada entrevistado. Eles escolhiam o local, o horário e o dia para a entrevista, tendo sido todas elas gravadas e transcritas na íntegra. O uso das fontes orais possibilitou a reconstrução de algumas cenas do cotidiano do Ginásio Santa Teresinha, o que não poderia ser reconstruído com tantos detalhes pelas fontes escritas, pois nelas não estariam expressos os gestos, os risos, as emoções e as lágrimas de nostalgia apresentadas com tanta espontaneidade durante as conversas.

Contudo, o uso dos diferentes tipos de fontes foi extremamente importante para o alcance dos objetivos elencados na pesquisa. Cada fonte contribuiu significativamente para o enriquecimento das informações e construção do objeto de estudo.



## **Estrutura do Texto**

A organização estrutural do texto requer um compromisso coerente com as fontes documentais utilizadas e “um potencial criativo e acurado para expor por escrito de forma aprofundada, precisa, clara e de prazerosa leitura os resultados da pesquisa” (ALVES, 2005, p.20). Sendo assim, o trabalho segue um plano de redação dividido da seguinte forma: introdução, três capítulos, considerações finais e anexos.

No primeiro capítulo, intitulado “Igreja e Educação nas Primeiras Décadas da República”, analiso o papel da Igreja Católica na história da educação brasileira e o ensino religioso como disciplina escolar. Nele faço uma reflexão sobre as estratégias católicas para continuar participando da formação da sociedade com a inculcação de seus valores morais e religiosos.

No segundo capítulo, “O Ginásio Santa Teresinha: da Criação à Consolidação”, inicialmente procuro analisar a atuação do Pe. José Gumercindo, fundador da instituição de ensino e da congregação, na educação de Sergipe, através de uma breve biografia seguida da trajetória da criação do Ginásio Santa Teresinha, além de sua organização, destacando o papel da Congregação Santa Teresinha.

No terceiro capítulo, que recebe o título: “A Disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha”, propus-me analisar os currículos e a disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha. Inicialmente faço uma reflexão sobre a apropriação desse componente curricular como instrumento para a efetivação do projeto de civilizar a sociedade brasileira. Nesse capítulo, também busco compreender as peculiaridades dessa disciplina por ter sido ministrada em ambiente confessional.

Portanto, o presente estudo buscou alcançar seus objetivos na certeza de que os esquecimentos seriam inevitáveis, pois nenhum historiador detém o poder de descrever o processo histórico em sua totalidade. Por mais dedicado, por mais seguro, por mais perspicaz que ele seja, deixará sempre um silêncio, o que de certa forma serve de instrumento motivador para outros pesquisadores enveredarem nos caminhos da pesquisa histórica. Espera-se que este trabalho contribua para os estudos em história da educação de Sergipe e que os esquecimentos e as formas de interpretação nele registrados ampliem o debate sobre os estudos em história das disciplinas escolares.

Não pretendi aqui apresentar uma forma exclusiva de interpretação do passado, nem tampouco defender uma verdade incontestável; até porque sou ciente de o

desenvolvimento da pesquisa histórica tem confirmado uma prática vinculada ao desenvolvimento de “estudos empíricos, nos quais a teoria não mais é vista como um a priori absoluto, mas apenas como uma forma de acesso, ou seja, um recurso para iniciar o inquérito das fontes de pesquisa [...]” (GATTI JR, 2005 p.07). Nesta perspectiva, apresento o estudo acerca da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha como uma reticência nos estudos referentes às disciplinas escolares e não como um ponto final. Almejo que sua leitura desperte pesquisadores que se proponham a lançar novos olhares, novas interpretações, novos questionamentos e se disponham a desvendar a cultura escolar de outras instituições educativas sob a lente de uma disciplina escolar.

## **CAPÍTULO I**

### **IGREJA E EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA REPÚBLICA**

*Sou, pois, visceralmente contrário ao fechamento do colégio católico em troca da simples evangelização. Entregar a educação da juventude aos leigos ou ao Estado para mim é fim de linha. É covardia. É suicídio. É lançar na vida da sociedade, um substrato de civilização pagã, início da derrocada de todos os princípios cristãos*

*Pe. Gumercindo, 1981.*

## **1.1. A Igreja Católica e a República**

Ao adentrarmos no universo dos estudos sobre a história da educação brasileira, é-nos revelada a presença marcante, desde as suas gêneses, das ordens religiosas na formação educacional do país. O ler, o escrever e o contar da sociedade brasileira, implantados com o ideal de civilizar os povos nativos, apresentaram-se carregados de uma ideologia católica que tinha a transmissão dos saberes como um instrumento eficaz para a propagação da fé cristã<sup>15</sup>.

O advento da Proclamação da República brasileira, em 1889, ocasionou grandes transformações no campo social, político e religioso do país. Ocorreu, então, o fim do padroado, regime em que a Igreja Católica e Estado mantinham uma união indissociável que interferia nas questões políticas e sociais do Brasil. Neste regime a Igreja fazia-se presente nas instituições de beneficência e de educação, que eram mantidas pelo Estado através da Instituição do Padroado.

Contudo, a educação no Brasil republicano foi utilizada como um mecanismo de civilização da nação. Era necessário reformar o povo através de uma educação permeada por valores intelectual, tecnológico e moral. A educação assume em meio à ânsia de civilizar um papel importante na regeneração, moralização, disciplina e unificação dos povos. Não se pensava em educação sem objetivar formar um novo cidadão, o cidadão republicano.

Era impossível pensar uma nação próspera com um povo incivilizado. Era impossível pensar na modernidade de uma sociedade em que seu povo era incivilizado. O

---

<sup>15</sup> O período colonial do Brasil é fundamentalmente marcado pelo domínio da Igreja Católica, que serviu de instrumento para a legitimação da cultura portuguesa na nova terra. O início da história da educação do Brasil é marcado a partir do ano de 1549. É neste ano que a Coroa portuguesa implanta, na colônia, o seu projeto administrativo, trazendo junto com o primeiro governador geral, Tomé de Souza, os padres da Companhia de Jesus. A educação Jesuítica transmitida aos filhos de nativos, colonos e colonizadores não garantiu apenas o desenvolvimento da obra da catequese, como também possibilitou a transmissão da mesma fé, da mesma língua e dos mesmos costumes aos povos da nova terra. Através de seus colégios, os Jesuítas uniram seus objetivos com os objetivos do Estado Português. Contudo, os Jesuítas não foram os únicos religiosos a marcarem a educação brasileira. Seu ensino tradicional focado na doutrina católica foi transmitido para os padres seculares e para os frades franciscanos e carmelitas. Para Sangenis (2004), os estudos em história da educação brasileira acabaram privilegiando a ação educativa dos Jesuítas e silenciaram ou ignoraram a ação educativa dos beneditinos, das carmelitas e dos franciscanos.

ideal de civilização era a força motriz dos projetos educacionais da nação brasileira republicana, e seus agentes sociais tinham o ideal de que a República proporcionaria a civilização dos valores da sociedade. A sociedade brasileira vivia neste momento um processo civilizatório, em que a educação era o bem maior. Na visão de Elias (1994), o processo de civilização de uma nação compõe-se como uma transformação de conduta e sentimentos humanos que objetivam uma direção peculiar. No caso da nação brasileira, a direção seria o progresso de um povo a ser moldado dentro de uma educação, a qual visava educar os sentidos como o ouvir, o falar, o ver, o tocar, valorizar a cultura, a arte, a literatura, a tecnologia. Segundo Veiga,

[...] a referência à necessidade de educação sob todos os aspectos é constante nos mais diferenciados discursos e práticas, o objetivo era reformar o povo. Modernizar, civilizar eram ações que não se faziam sem resolver uma questão fundamental - o que deveria ser um cidadão? Essa questão já estava presente nos problemas decorrentes dos movimentos revolucionários franceses e na necessidade de se produzir um modelo universal onde todos se espelhassem nele, bem como a apreensão de degeneração política do povo (VEIGA, 2000, p.403).

O fim do regime do padroado representou uma ruptura das relações entre Igreja e Estado, sobretudo na educação. Para Cury (1984), a instituição do padroado transformava o Imperador numa espécie de “censor” dos atos da Santa Sé, o qual, por sua vez, tornava a Igreja Católica no Brasil bastante desligada das preocupações de Roma. Continuando, ele afirma que a proclamação da República

[...] rompe oficialmente com o Padroado e se proclama leiga. O rompimento desta simbiose não significou um abalo muito profundo nas relações entre ambos os poderes. O Padroado não permitia uma margem muito grande de atuação por parte da Igreja. Já a separação oficial permite que a Igreja Católica reestruture na área religiosa os quadros eclesiásticos, seja na sua formação, seja na sua ampliação e mesmo moralização. Os laços com a Sé Romana começam a se tornar mais e mais fortes (CURY, 1984, p.14).

A proclamação do Estado leigo representou um séquito determinante no regime de padroado presente na história do Brasil desde os tempos coloniais à monarquia<sup>16</sup>. A

---

<sup>16</sup> Segundo Margotto (1997), a independência não significou uma ruptura total com o ideal político anterior (o Brasil permaneceu governado por um membro da mesma família), ao menos administrativamente adquiriu autonomia, assim, a relação Estado/Igreja manteve-se praticamente inalterada. A continuidade da antiga ordem política pode ser ilustrada pela polêmica travada por Pedro II em relação ao padroado. O Imperador irritou-se com as exigências de Roma para legalizar o padroado régio. No entendimento do Imperador, e também da maioria do clero, o padroado consistia em uma extensão do poder absoluto dos soberanos, ao

Constituição de 1891 determinou legalmente o fim do regime do padroado, decretando a laicização do Estado brasileiro. A religião Católica não mais era a religião oficial do Brasil, o que acabou conduzido-a para o campo de concorrência com as outras religiões e para a busca das recuperações das perdas<sup>17</sup>.

A proclamação da República brasileira instituiu um governo sob a égide do liberalismo, o que permitiu a consumação da ruptura entre Estado e Igreja, instaurando o estado laico. A Constituição de 1891, considerada como concretização jurídica do laicato brasileiro, fundamentalmente tratou de laicizar o casamento, o registro de nascimento e os cemitérios. E mesmo diante das aparentes perdas, a Igreja neste momento adquiriu uma autonomia até então desconhecida: a entrada de religiosos e sacerdotes católicos no território brasileiro “foi liberada e seu patrimônio foi salvaguardado após anos de pendengas judiciais, devendo, doravante, obedecer às mesmas leis do direito comum” (MARGOTTO, 1997, p. 59).

Para Dallabrida (2005), durante as primeiras décadas do regime republicano, a Igreja Católica enfrentou profundas mudanças na sua estrutura institucional; ou seja, através do estreito vínculo com a Santa Sé, a Igreja Católica brasileira reestruturou-se institucionalmente, sendo o traço mais visível o movimento de expansão do número de dioceses. Em cada estado da federação do Brasil existia, no mínimo, uma diocese, possibilitando a permanência da presença e centralização do poder da Igreja na sociedade.

Os estudos de Santana (2003) revelam que o fim do padroado colocou a Igreja livre da servidão ao governo brasileiro e a fez sentir a perda da sua supremacia vigente durante todo o período colonial e monárquico. Para a autora, a perda da supremacia foi principalmente sentida no âmbito dos sistemas organizacionais de ensino que “significou uma grande derrota política que gerou no catolicismo brasileiro uma necessidade de reorganização e fortalecimento personificado pela criação de dioceses” (SANTANA, 2003, p.02).

---

contrário de Roma, que o concebia como um privilégio especialmente cedido pelo Papa. Inclusive, um dos primeiros indícios que permitem entrever a romanização do catolicismo brasileiro ocorreu justamente por ocasião desse impasse para a concessão do padroado ao novo governo, quando uma minoria, encabeçada pelo Bispo da Bahia, esboça uma resistência em favor da Sé. Cf. MARGOTTO, Lilian Rose. **Igreja Católica e Educação Feminina nos anos 60-** O Colégio Sacré-Coeur de Marie (Vitória – 1960-1969). Vitória: EDUFES, 1997, p. 57.

<sup>17</sup> De acordo com Figueiredo (2006), durante a primeira República, o vocábulo leigo ou laico utilizado para designar a natureza do Estado, foi alvo de duas interpretações: uma de conotação americana defendida por José Soriano e outra francesa defendida por Rui Barbosa. Na conotação francesa significou hostilidade a qualquer manifestação de cunho religioso em ambiente ou instituições públicas. Na conotação americana, o vocábulo leigo ou laico foi empregado como forma de salvaguardar o princípio da liberdade religiosa como direito inalienável do cidadão, portador desta ou daquela crença, ou sem crença alguma.

A reestruturação institucional da Igreja Católica deu-se em consonância com as determinações da Cúria Romana e do episcopado brasileiro, sendo iniciada em Roma, no ano de 1899, durante o Concílio Plenário da América Latina<sup>18</sup>. Era o momento de reorganização de todo o aparato burocrático e seus prelados da Igreja em nome da romanização<sup>19</sup> do catolicismo. Segundo Dallabrida,

Naquele momento, a Santa Sé tinha dividido o território brasileiro em duas regiões eclesiais: a Província Setentrional, sediada na Bahia, e a Província Meridional, cujo centro era a capital da república. Após o ‘Concílio de 1899’, a Cúria Romana recomendou aos arcebispos que promovessem conferências episcopais em suas províncias eclesiais, com o objetivo de traduzir e disseminar nas dioceses brasileiras as disposições conciliares. Nas duas primeiras décadas do século XX, as províncias eclesiais brasileiras realizaram várias conferências episcopais, cujos resultados eram um documento conhecido por ‘pastoral coletiva’. A Pastoral Coletiva das Províncias Eclesiais Meridionais de 1915 é um documento que normatiza em detalhes as práticas católicas e foi aceito pelas outras províncias eclesiais brasileiras, tornando-se a referência doutrinária e pastoral do discurso romanizador do episcopado brasileiro até o Concílio Vaticano II [...] (DALLABRIDA, 2005, p. 78).

A Igreja buscou agir através de seu projeto de expansionismo no Nordeste, “visando à constituição de um aparato burocrático homogêneo capaz de destituir o capital religioso do laicato e a tentativa de monopolizar o controle do campo pelos especialistas” (ANDRADE JR, 2000, p.73). A criação das dioceses nos vários estados brasileiros implicou a redistribuição das divisões territoriais das paróquias e possibilitou um maior controle da Igreja nas suas ações pastorais, uma vez que agora as paróquias estavam mais próximas do centro do poder, as dioceses. Sobre a expansão das dioceses no território brasileiro, Andrade Jr. indica que essa expansão pode ser constatada em números, pois em 1899 havia apenas uma arquidiocese (Bahia) e onze dioceses no Brasil. E um ano depois este “montante ampliou-se para 02 arquidioceses. Em 1920 somavam 58; e em 1930 havia 88” (ANDRADE JR. 2000, p. 75).

---

<sup>18</sup> Durante esse concílio reuniram-se os cardeais latino-americanos que, seguindo as determinações do Concílio do Vaticano I, criam e fixam diretrizes norteadoras do catolicismo na região da América Latina. As reflexões e determinações desta conferência episcopal foram condensadas no texto oficial intitulado *Decreta Concilli Plenari Americae Latine*, publicado solenemente em 1º/01/1900, que se tornou o documento fundante da romanização do catolicismo mestiço da América Latina (Dallabrida, 2005, p. 78).

<sup>19</sup> Ações reformadoras da Igreja Católica que objetivavam moldar o catolicismo do Brasil conforme o modelo romano. Tendo como características essenciais a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso de hierarquia eclesial, o bom católico seria aquele que freqüentasse regularmente os sacramentos e obedecesse incondicionalmente às autoridades eclesiais.

O poder eclesiástico montou uma estratégia para continuar exercendo uma forte influência sobre a sociedade brasileira e proteger suas posições dentro do campo religioso, bem como combater as outras “empresas de salvação”<sup>20</sup>. A criação das dioceses em cada capital brasileira garantiu uma maior aproximação da Igreja com as autoridades oligárquicas. Segundo Andrade Jr.(2000), nesse processo, a elite eclesiástica brasileira buscava resguardar posições num dos terrenos de concorrências mais acirrados entre o catolicismo popular e o catolicismo renovado, e as outras “empresas de salvação” como o Positivismo, o Protestantismo, o Espiritismo e a Maçonaria.

E para resguardar suas posições e garantir sua hegemonia frente às dioceses, tratou de montar um projeto de inculcação de seus valores no seio das famílias brasileiras. Para tanto, a estratégia católica estava fundamentada em medidas como: a montagem e divulgação de uma imprensa católica, uma rede de escolas católicas e a reintrodução do Ensino Religioso nas escolas públicas. Através destas medidas, a Igreja buscava continuar exercendo sua forte influência nas questões sociais, ideológicas e culturais do país. O seio familiar era o alvo; era a família a porta de entrada segura para a inculcação de seus valores e de sua doutrina. Desse modo é visível a finalidade católica, que era recristianizar a nação através dos ensinamentos da Igreja e assegurar o poder eclesiástico<sup>21</sup>.

D. Leme, arcebispo de Olinda/PE, na luta pela manutenção do catolicismo como religião da nação brasileira, propõe “a formação de uma elite capaz de exercer influências na recristianização das elites, atacadas pelos males da civilização burguesa e liberal e na mobilização dos leigos em favor das teses católicas” (CURY, 1984, p. 15). Suas proposições ganharam relevância e apoio no cenário religioso do país, impulsionando a criação da Revista “Ordem”, que passa a veicular idéias católicas, apologizando-as e exorcizando as contrárias<sup>22</sup>.

O outro ponto da estratégia católica foi a criação de uma rede de escolas que viesse a atender à formação intelectual da elite dentro dos preceitos católicos. A montagem de rede de escola confessional nessa religião era principalmente também um instrumento de combate à laicidade do ensino público.

---

<sup>20</sup> De acordo com Bourdieu, tais empresas oferecem bens e serviços como batismo, casamento, extrema-unção, divindades, templos, capazes de satisfazer as necessidades religiosas de seus adeptos. Estas empresas lutam simbolicamente para impor a definição do mundo social em consonância com seus interesses. Cf. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

<sup>21</sup> Para maiores esclarecimentos ver: CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia, Educação Brasileira – Católicos e Liberais**. São Paulo: Cortez- Autores Associados, 1984.

<sup>22</sup> Idem.



Dallabrida (2005) confirma que essas estratégias católicas eram ações de combate à laicidade do sistema público de ensino. Para tanto, o episcopado brasileiro não mediu esforços e investiu suas melhores energias institucionais no estabelecimento de uma rede de escolas confessionais no território nacional. A autora ainda afirma que a atuação das ordens e congregações católicas, masculinas e femininas, de origem européia, como as lazaristas, jesuítas, salesianas, maristas, franciscanas, lassalistas, Irmãs de São José de Chambery, Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus e Irmãs da Divina Providência foi o fator decisivo para a concretização do êxito da Igreja Católica no campo educacional brasileiro<sup>23</sup>.

Para essa autora, a rede de escolas católicas criadas no território nacional deve ser matizada, pois permite compreender as diferentes instituições educativas. A Igreja envidou esforços para fundar desde escolas paroquiais até universidades, católicas, passando por colégios de ensino secundário, escolas normais e profissionais.<sup>24</sup> Para Caetano:

O objetivo maior desses colégios era o de formar, na fé católica, as classes médias urbanas e fazer frente ao laicismo dominante na República, contribuindo, assim, para a revitalização da Igreja no Brasil, em uma perspectiva voltada para os cânones de Roma. Essas Ordens encontravam, na burguesia e na classe média, o aporte financeiro de que precisavam, já que não recebiam o apoio do Estado (CAETANO, 2007, p. 49).

Em Sergipe, a criação da diocese de Aracaju em 3 de janeiro de 1910, sendo o seu primeiro bispo D. José Tomás Gomes da Silva, permitiu a execução dessa estratégia católica, que objetivava montar um aparato burocrático para conter o avanço das empresas de salvação e o catolicismo popular. A divulgação de uma imprensa e a instalação de uma rede de escolas católicas buscavam a formação do espírito do povo dentro dos preceitos cristão ditados pela Igreja.

No tocante à divulgação de uma imprensa católica no estado de Sergipe, esta somente ocorreu inicialmente em 1912 com a criação de um boletim, “A Diocese de Aracaju-Organ Oficial”, que tinha como objetivo defender os sagrados interesses da religião católica e inculcar nos fiéis o amor à virtude.

---

<sup>23</sup> Sobre o assunto ver: DALLABRIDA, Norberto. “Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolização e escolarização”. In: STPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

<sup>24</sup> Idem.

Outra medida, ainda no âmbito da divulgação da imprensa católica em território sergipano, foi a criação do jornal “A Cruzada” fundado em 1918<sup>25</sup>. Este impresso caracterizava-se como um dos que compunham o quadro daquilo que a própria Igreja denominava de “boa imprensa”. Souza declara que este jornal estaria completamente voltado para a defesa dos interesses da religião, da pátria e, de maneira mais específica, também do estado de Sergipe (SOUZA, 2005, p.45). E segundo o bispo D. José, o jornal A Cruzada seria mantido e amparado pelas ‘almas generosas’ católicas que não se negariam ao chamado da Igreja para atender a necessidade urgente da causa da “boa imprensa”, que levaria até os lares católicos leituras que contribuiriam para a formação do bom cristão.

No campo educacional sergipano, a Igreja, em nome da propagação da fé, da formação do seu povo e do amor à virtude, criou os colégios católicos. Para Souza (2005), o bispado liderado por Dom José Tomás, consciente do seu poder de mando, procurou, aos poucos, colocar em prática seu papel jesuítico de controle mental das almas “através de mecanismos como a fundação do Seminário Diocesano ou o incentivo para o estabelecimento de instituições de ensino católico predominantemente voltado para o público feminino” (SOUZA, 2005, p.39-40).

A criação de uma rede de escolas confessionais católicas deu-se em comunhão com a mobilização de recursos financeiros e humanos, bem como a migração de congregações religiosas da Europa para o Brasil<sup>26</sup>. A Igreja buscava assim reassumir sua posição dentro da educação brasileira, presente desde os tempos coloniais colocando-se como a única instituição detentora do direito e do dever de controlar a educação do Brasil, pois, através da educação, ela inculcava valores morais e formava o povo conforme a doutrina católica.

Dessa forma, o projeto de expansão do catolicismo via a criação de uma rede de escolas confessionais como um mecanismo de civilizar o povo em nome da fé cristã, visto que permitiria o afastamento das outras “empresas de salvação”. Esse projeto é evidente no cenário educacional de Sergipe na primeira metade do século XX, que foi marcado expressivamente pela criação de colégios confessionais católicos. A criação destes estabelecimentos é compreendida como um estratagema católico para conter o avanço de outras “empresas de salvação”, dentre elas o protestantismo. Buscava-se, por intermédio

---

<sup>25</sup> Sobre o tema ver: SOUZA, Valéria Camerlita Santana. “**A Cruzada**” Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2005 (Dissertação – Mestrado em Educação).

<sup>26</sup> Idem.

dessas instituições educativas, primar pela moral cristã dentro dos preceitos da doutrina católica.

Dentre as instituições de ensino católico, criadas em Sergipe a partir da primeira metade do século XX podemos destacar nove instituições que foram erguidas em diferentes municípios sergipanos. Dentre elas estão: Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>27</sup> (1903), Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora<sup>28</sup> (1909), Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus<sup>29</sup>(1913), Ginásio Patrocínio de São José<sup>30</sup> ( 1940), Ginásio Nossa Senhora das Graças<sup>31</sup> (1915), Colégio Imaculada Conceição<sup>32</sup> (1929), Colégio Sagrado Coração de Jesus<sup>33</sup> (1936), Colégio Nossa Senhora da Piedade<sup>34</sup> (1947) e Colégio Santa Teresinha (1947), como mostra o mapa 1.

---

<sup>27</sup> Foi fundado em 1903 na cidade de Aracaju sob a coordenação das Irmãs Sacramentinas. Era um colégio feminino que educou as filhas dos homens mais influentes da vida política e econômica de Sergipe. Nele as meninas tinham, além das aulas normais, também aulas de costura, prendas, música teórica e bandolim. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes encerrou suas atividades em 1973. Sobre o assunto ver: COSTA, 2003.

<sup>28</sup> A obra salesiana em Aracaju foi oficialmente inaugurada em 15 de novembro de 1909 com a criação do Oratório Festivo. Insistentes pedidos de pais moveram o Padre Giordano a transportar essa seção para o centro da cidade a fim de poderem freqüentá-la também alunos externos. No dia 1º de março de 1911, em casa alugada, era inaugurado o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Ver : SOUZA, 2005.

<sup>29</sup> Foi criado em 1913 em Aracaju por Dom José Tomás Gomes da Silva, que foi impulsionado por três motivos, tendo como objetivo: formar quadro de sacerdotes para atuar na recém-criada Diocese de Aracaju; proporcionar a manutenção de meninos pobres que revelavam amor às letras e a instrução; garantir a obtenção de patrimônio para a manutenção da Diocese. Sobre o assunto ver: BARRETO, 2004.

<sup>30</sup> Fundado na cidade de Propriá em 15 de janeiro de 1915, sob a direção das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, por iniciativa de D. Antônio dos Santos Cabral, pároco de Propriá. Foi um colégio feminino que funcionou em regime de internato e externato. Em 1933 foi equiparada à Escola Normal oficial do estado, possibilitando às alunas receberem neste estabelecimento o diploma de professora normalista. Ver: MELO, 2007.

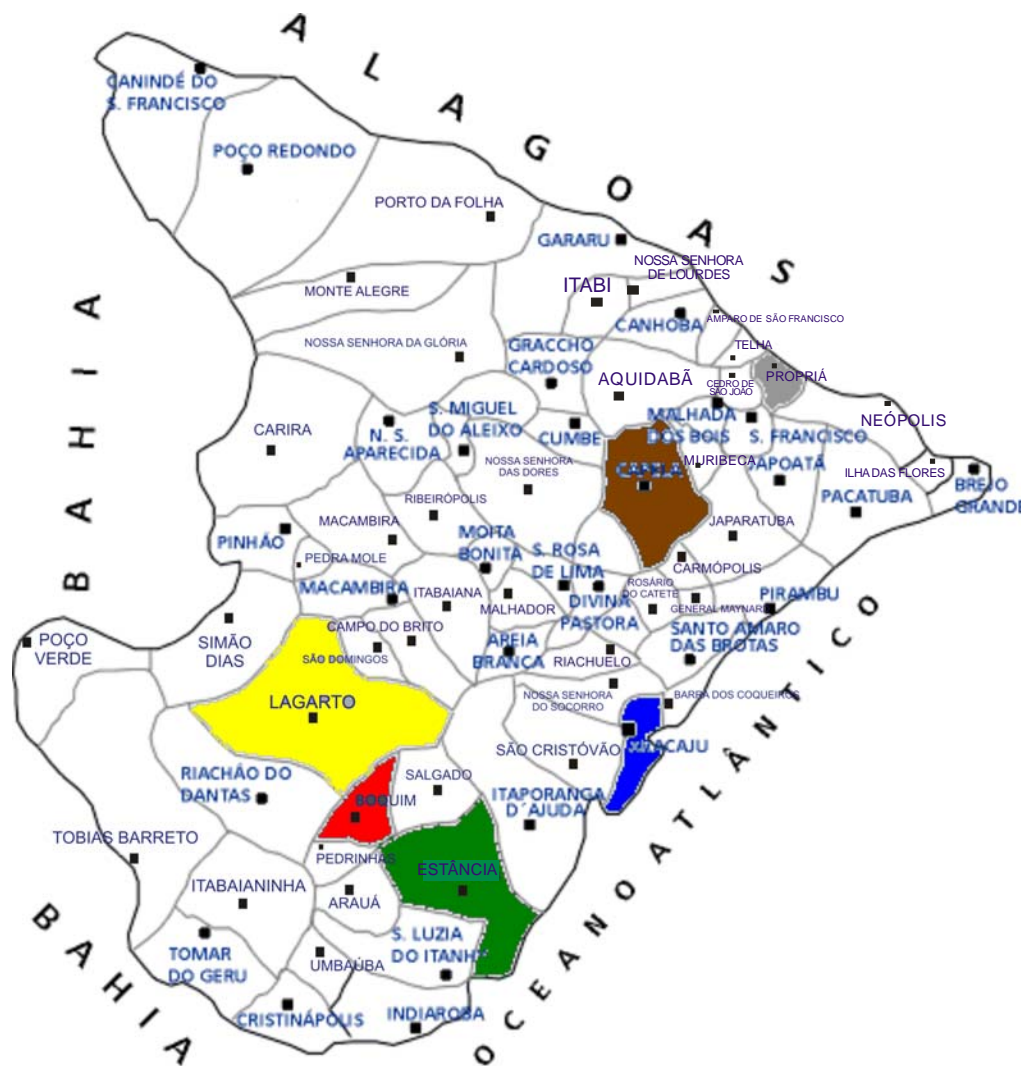
<sup>31</sup> Foi inaugurado em Capela em 1929, sob a direção da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição. O interesse pela criação dessa instituição educativa manifestou-se pela primeira vez durante uma Santa Missa pregada pelos missionários capuchinhos Frei Camilo e Frei Egydo. Ver: SANTOS, 2002.

<sup>32</sup> Fundado na cidade de Estância em 1º de março de 1936, sob os cuidados das Irmãs Hospitaleiras. Foi um colégio feminino que funcionou em prédio doado pelo Arcebispo de Stábio, D. Manuel Raimundo que o presenteou à Diocese.

<sup>33</sup> Foi fundado em 7 de abril em 1940 pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. Funcionou em prédio alugado e manteve-se exclusivamente com o curso primário até 1944.

<sup>34</sup> Fundado em 23 de fevereiro de 1947, na cidade de Lagarto, com a denominação de Educandário Nossa Senhora da Piedade, tinha como missão garantir à criança e juventude uma formação integral e solidamente cristã, moral, sócio-cultural e cívica. Este estabelecimento de ensino é dirigido pelas Irmãs Franciscanas do Bom Conselho, congregação genuinamente brasileira fundada pelo Frei Caetano de Messina ( Relatório da Diretoria, 1977).

Mapa 1- Localização dos Colégios Católicos Fundados nos Municípios Sergipanos



### LEGENDA

- Aracaju - Colégio Nossa Senhora de Lourdes
- Aracaju - Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora
- Aracaju - Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus
- Propriá - Ginásio Nossa Senhora das Graças
- Capela - Colégio Imaculada Conceição
- Estância - Colégio Sagrado Coração de Jesus
- Aracaju - Ginásio Patrocínio de São José
- Lagarto - Colégio Nossa Senhora da Piedade
- Boquim - Colégio Santa Teresinha

No universo da criação dessas instituições de ensino, apenas os colégios Nossa Senhora de Lourdes e Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora não foram criados durante o bispado de D. José Tomás Gomes da Silva. É importante destacar que o projeto católico de criação de unidades de ensino estava dividido em dois tipos de instituições que atenderam

alunados distintos. Ou seja, a Igreja Católica, ao montar uma rede de escolas confessionais, criou escolas que atendiam os filhos das famílias abastadas de Sergipe e escolas de cunho assistencialista que atendiam as crianças órfãs e de poucos recursos financeiros.

Embora boa parte das congregações e sociedades religiosas da Igreja Católica apresentasse em seus estatutos objetivos bem definidos, dentre os quais estava o amparo moral e religioso aos pobres desvalidos, na realidade não era desta forma que seus objetivos concretizavam-se. É muito comum dentro da história das congregações católicas o amparo aos pobres, mas principalmente a educação dos filhos das camadas mais populares. No caso do período das primeiras décadas do século XX, a Igreja, frente ao seu projeto de recristianizar a nação, incentivou a criação de colégios católicos para atender os filhos da elite, e paralelo à criação desses colégios fundou orfanatos para abrigar menores desvalidos. A explicação para este fato é encontrada se considerarmos que o grande projeto da Igreja era continuar exercendo seu poder moral e religioso dentro da sociedade brasileira, e a educação era trilha que levaria para o êxito deste projeto. Quanto a isso, Bencosta admite:

E a ‘reforma’ da população deveria passar, entre outras coisas, pelos ensinamentos católicos. A proposta educacional do catolicismo ultramontano, com o corpo de especialista no saber religioso, empenhou-se para afastar os católicos de certas expressões da modernidade, bem como para transformá-los em instrumentos de recristianização da sociedade. Vale dizer que a educação católica interessava não apenas ao grupo católico, mas passou a construir uma espécie de doutrina educacional das elites, por base conservadora. Elas, embora modernas em alguns aspectos e tendo um papel destacado na reestruturação do país, após a Abolição e a Proclamação da República, não pareciam demonstrar interesse por alterações mais profundas da sociedade (BENCOSTA, 2005, p. 197).

O movimento de congregações religiosas que saíram da Europa e vieram para o Brasil, motivadas pela instabilidade política europeia e pela “estratégia da Igreja Católica do Brasil no sentido de estreitar laços com o Vaticano”<sup>35</sup>, também justifica o fato de essas congregações apresentarem como papel fundamental a criação de uma rede de escolas católicas destinadas à educação dos filhos. Tais congregações mantiveram um bom relacionamento com os políticos, do qual conseguiram obter vantagens, como

---

<sup>35</sup> Sobre o assunto ver: MARGOTTO, Lilian Rose. **Igreja Católica e Educação Feminina nos anos 60- O Colégio Sacré-Coeur de Marie (Vitória – 1960-1969)**. Vitória: EDUFES, 1997, p. 61.

ajudas provenientes dos cofres públicos para a implantação de suas escolas que conseqüentemente foram responsáveis pela educação dos filhos desses políticos.

Uma aliança estabelecida entre os governadores dos estados e a Igreja determinava que essas congregações fundassem uma rede de escolas secundárias no país, sendo que a concretude desta rede de escolas ganhou maior força devido à ausência de recursos e de uma política educacional consentindo que as classes dirigentes beneficiassem a implantação de estabelecimento de ensino “por meio da doação de terrenos, facilitando a construção dos prédios e, principalmente, matriculando seus próprios filhos” (MARGOTTO, 1997. p.61).

É visível que em meio ao projeto católico de recristianizar o povo brasileiro, a educação da elite ocupava um espaço decisivo para a execução exitosa do projeto. As camadas mais favorecidas da sociedade tinham significado importante dentro das bases estruturais do projeto católico; afinal, eram dessas camadas que saíam os dirigentes do país. A promoção da educação dos filhos da elite não só garantia a presença da ideologia católica dentro da formação intelectual e religiosa dessa classe social, como também garantia bens financeiros para as congregações. Na realidade, pode-se até considerar que muitas congregações religiosas da Igreja Católica cresceram e conseguiram manter suas instituições de assistência aos pobres graças ao dinheiro proveniente das camadas sociais favorecidas.

Em Sergipe, dentre as instituições educativas católicas de cunho assistencialista criadas durante a primeira metade do século XX estão: o Orfanato da Imaculada Conceição<sup>36</sup>, a Casa do Pobre do Bom Pastor<sup>37</sup>, o Orfanato Nossa Senhora das Graças<sup>38</sup> e a Associação Santa Zita<sup>39</sup>. Assim, a Igreja fazia-se presentes nos mais diferentes níveis sociais, elevando sempre o nome de sua doutrina. Convém lembrar que por trás de cada uma das instituições católicas aqui apresentadas estava sempre uma congregação religiosa

---

<sup>36</sup> Criado em 9 de fevereiro de 1911 na cidade de São Cristóvão, sob a direção das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, para atender a educação de menores do sexo feminino, órfãs com uma faixa etária de seis a dezoito anos.

<sup>37</sup> Fundada em Aracaju no ano de 1942 para amparar e educar crianças órfãs ou não, que fossem comprovadamente necessitadas. Sua primeira diretora foi Dona Isabel Santa, mas após sua morte esta instituição ficou sob a direção de uma congregação religiosa.

<sup>38</sup> Foi fundado em Boquim em 12 de março de 1947 pelo Pe. José Gumercindo dos Santos, passando a ser mantido pela Sociedade Santa Teresinha. Esta instituição era destinada ao apoio moral, religiosos, e instrutivo das crianças pobres abandonadas, do sexo feminino.

<sup>39</sup> Fundada em 27 de abril de 1942 na cidade de Aracaju, esta instituição diferencia-se das demais, pois ao contrário delas não atendia criança, mas tinha como finalidade congregar domésticas como suas associadas e proporcionar-lhes bens de ordem material, moral e religiosa, como também ensinar seus direitos e deveres e compreender a relação doméstica e patroa.

cuja origem era de países europeus. Dessas instituições apenas o Colégio Nossa Senhora da Piedade e o Colégio Santa Teresinha foram fundados por congregações genuinamente brasileiras, a Congregação das Irmãs Franciscana do Bom Conselho, fundada pelo Frei Caetano de Messina, e a Congregação Santa Teresinha, fundada pelo Pe. José Gumerindo dos Santos, sobre a qual falarei mais adiante.

A criação de uma rede de escolas e de uma imprensa católica foi ponto determinante para a Igreja no combate à laicidade do Estado brasileiro. O episcopado brasileiro designou todas as ações possíveis para continuar sua hegemonia no cenário educacional do país. A laicidade do sistema de ensino público fez parte do movimento católico que a combatia, procurando, através de suas relações dentro do meio político e intelectual, reintroduzir o Ensino Religioso nos currículos das escolas públicas do Brasil. O Ensino Religioso foi bandeira de ação católica contra a criação de um Estado liberal que não primava e nem respeitava a ideologia de doutrinas religiosas.

## **1.2. Ensino Religioso na República**

Na luta da Igreja Católica para manter-se firme frente ao projeto de um Estado Liberal proclamado junto com a República, o Ensino Religioso serviu de bandeira para atuação da Igreja diante da nova proposta educacional. No projeto de construção da nação republicana, a educação assumiu uma posição de destaque, sendo assim entendida como um caminho seguro para o êxito da sociedade republicana que acabava de nascer. Buscava-se um povo forte, capaz, conhecedor de seus direitos e deveres; ou seja, buscava-se a formação de um novo povo, um povo da nação republicana.

Na elaboração do projeto de construção da nação republicana, os educadores, no interior da Associação Brasileira de Educação (ABE), debatiam os caminhos e o papel da educação “na construção da nova nação, pois, como outros setores dessa intelligentsia nascente, tentavam liderar o movimento de organização da sociedade civil” (BRANDÃO, 1999, p. 138).

Em meio às aspirações do novo sistema político implantado por um golpe, a educação vivia momentos de disputa ideológica por dois grupos distintos: católicos e

escolanovistas<sup>40</sup>. O final da década de 1920 e início da de 1930 são marcados, historicamente, por debates entre esses dois grupos formados por militantes fervorosos na disputa pela hegemonia dentro do cenário educacional brasileiro. Era a educação compreendida por ambos os grupos como um instrumento eficaz para a reconstrução e consolidação da sociedade que “anoiteceu na monarquia e amanheceu na república”<sup>41</sup>

A primeira Constituição republicana, de 1891, determinou que o ensino fosse leigo em todos os estabelecimentos de ensino público. Tal determinação criou um clima de liberdade de culto religioso e possibilitou a implantação de escolas confessionais de diferentes credos religiosos, destacando, em especial, as escolas protestantes, fundadas e orientadas por norte-americanos, sobretudo em São Paulo. Nesse momento a Igreja Católica, contrapõe-se e tece questionamentos acerca da laicidade do Estado, determinada na Carta Magna de base positivista. No entanto, mesmo tendo sido registradas muitas tensões ao longo desse processo, o episcopado do Brasil aceita o regime republicano, mas se posiciona totalmente “contrário ao caráter laico do sistema público de ensino, porque acreditava que ele agredia a fé católica da maioria do povo brasileiro” (DALLABRIDA, 2005, p.77).

A supressão do Ensino Religioso das escolas públicas foi indubitavelmente o ponto crucial para os embates acirrados entre os católicos, Estado e escolanovistas. O debate sobre a educação moral, sob os preceitos do Ensino Religioso é um ponto marcante dentro desse cenário e ideários da educação do Brasil nas primeiras décadas da República. Para Carvalho, a educação moral, sob a luz da religiosidade, estava fortemente presente na esfera da educação brasileira.

A questão religiosa era assim outro divisor de água no Conselho Diretor. A valorização da educação moral, consensual entre os reformadores da ABE, ocasionalmente se traduzia na apologia da religião como base da moralidade ou na proposta de rituais católicos integrando as práticas comemorativas freqüentemente promovidas pela associação (CARVALHO, 1998, p. 221).

---

<sup>40</sup> Dentre os escolanovistas podemos citar: Anísio Teixeira e Fernando Azevedo. Lourenço Filho, Almeida Lima, que apresentaram influências de pensadores distintos. Anísio Teixeira foi influenciado pelo pensamento de J. Dewey, o que o tornou defensor de uma escola pública democrática, única, aberta e igual para todos. Enquanto Fernando de Azevedo foi influenciado pelo pensamento de Durkheim, vendo a educação como o meio pelo qual os indivíduos são alocados de acordo com os seus dons. Sendo a escola o local de alocação dos indivíduos, ela fornecerá os meios necessários para a alocação dos indivíduos conforme suas aptidões.

<sup>41</sup> De acordo com Licínio Cardoso, o povo brasileiro não tinha sido preparado para receber as exigências da modernidade que o regime republicano trazia. “O povo brasileiro não tinha plasticidade suficiente para perceber a necessidade de se adaptar à república, que, segundo ele, refletia no seu tempo” Cf: VEIGA, 2000, p. 405.



A educação moral era assim entendida como um ensino capaz de direcionar a juventude ao cumprimento do seu dever, fortalecimento e formação da sua consciência. O Estado necessitava de um povo consciente de seus deveres e comprometido com o desenvolvimento e a ordem da nação. E seria através da educação moral ministrada nas escolas que essa máxima confirmar-se-ia.

Os anos iniciais do regime republicano são fortemente marcados pelas preocupações com a formação moral do cidadão. A defesa de educação moral para o povo fazia-se presente nos projetos de reformas do ensino primário. Mas o ensino moral perpassado pela escola seria fundamentado na moral-ciência. A moral não poderia estar atrelada a nenhum credo religioso, o que comprova que durante a primeira década da República brasileira a laicidade do ensino apresentava-se vinculada aos ideais positivistas, que defendiam a implantação nos estados da federação brasileira, de um ensino de moral baseado nos princípios da ciência e não da religião<sup>42</sup>.

Contudo, Horta (2005) indica que as reformas posteriores do ensino primário abdicaram da idéia de moral como ciência, o que permitiu a introdução do Ensino Religioso fora dos horários escolares, sob a justificativa de que a religião desempenhava um papel na formação moral dos indivíduos. Continuando, ele afirma que,

[...] ao final da Primeira República, pelo menos em Minas Gerais, a concepção da moral como ciência positiva, desvinculada de qualquer conotação metafísica ou teológica, defendida pelos positivistas nos primeiros anos do novo regime, terá sido completamente abandonada. A moral religiosa volta a ocupar lugar de destaque, como instrumento de disciplina social (HORTA, 2005, p.146).

De acordo com Dallabrida (2005), a reintrodução do Ensino Religioso nas escolas públicas não ocorreu de forma homogênea em todos os estados brasileiros. O fechamento de escolas paroquiais<sup>43</sup> estava vinculado à permissão para o Ensino Religioso ser ministrado nas escolas públicas, o que também permitia uma maior aproximação do Estado com a Igreja. Segundo a autora,

---

<sup>42</sup> A reforma do ensino primário em Minas Gerais, ocorrida em 1909, comandada por João Pinheiro, defendia a idéia de um ensino moral baseado na ciência. Cf: HORTA, 2005, p. 146.

<sup>43</sup> Segundo Dallabrida, as pastorais coletivas do episcopado brasileiro recomendavam a fundação de escolas primárias em cada paróquia, que se tornaram conhecidas como escolas paroquiais [...]. As escolas paroquiais foram muito importantes nas colônias de imigrantes europeus oitocentistas, especialmente no Sul do Brasil, marcadas pela pequena propriedade agrícola, policultora, mão-de-obra familiar e pela nucleação comunitária em torno de igrejas e capelas. Nessa região elas foram formadas antes da proclamação da República por iniciativa dos colonos e/ou por estímulo do clero, e o prédio escolar localizava-se ao lado das igrejas e capelas ou mesmo no interior destas. Até a década de 1930 quando o Estado mostrou-se ausente ou muito tímido em relação à escolarização, as escolas paroquiais tiveram um papel importante na alfabetização dos filhos de camponeses. (DALLABRIDA, 2005, p.80).

Em nível nacional, o Ensino Religioso foi reintroduzido em 1931, mas ele era tolerado e mesmo legalizado em alguns estados na Primeira República. Em Santa Catarina, a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se verificou colaboração mútua entre o Governo Estadual e a Cúria Episcopal em favor da ordem pública, o número de escolas paroquiais passou a decrescer gradativamente e, a partir de 1919, o ensino foi permitido nas escolas públicas (DALLABRIDA, 2005, p. 81).

A educação moral e cívica dos indivíduos era entendida como necessidade vital na formação da juventude republicana. O presidente Artur Bernardes, em mensagem ao Congresso, lamenta a supressão da educação religiosa nas escolas e defende a educação moral como sendo essencial para a formação de um cidadão responsável e comprometido com seus deveres. “A educação cívica e a instrução moral são consideradas por ele instrumentos importantes na formação do senso de responsabilidade e do espírito de disciplina” (HORTA, 1994, p.147).

A Igreja Católica viu no debate sobre a educação moral, ancorando no Ensino Religioso, a oportunidade de retomar sua posição dentro desse campo. Tal fato pode ser observado na vitória que os católicos obtiveram durante a Primeira Conferência Nacional de Educação organizada pela Associação Brasileira de Educação, realizada na cidade de Curitiba, no ano de 1927. Nesta conferência, o grupo de educadores católicos consegue aprovar “uma moção propondo que o ensino moral em todos os institutos de educação no Brasil tenha por base a idéia religiosa, o respeito às crenças alheias e a solidariedade em todas as obras do progresso social” (HORTA, 1994, p. 96).

A reforma constitucional de 1926 também será palco de debate sobre a educação moral e o Ensino Religioso; e Francisco Campos, então deputado federal por Minas Gerais, na época, não só defendia a idéia de que o ensino da moral era essencial para pôr fim aos males da sociedade como também, principalmente, defendia fervorosamente a reintrodução do Ensino Religioso nos currículos das escolas públicas do país. Nas assembleias constituintes, os embates sobre a reintrodução do Ensino Religioso eram marcados pelos argumentos dos católicos e dos escolanovistas. Por um lado, a ala católica fazia suas defesas apresentando o Ensino Religioso como uma arma contra o mal que assolava as nações, por cuja via a criança e a juventude eram educadas e preparadas para promover a justiça social e a salvação das almas.

Entretanto, os escolanovistas colocavam-se contrários às emendas católicas, dentre as quais estava a reintrodução do Ensino Religioso, e argumentavam fazendo sérias oposições e defendendo o caráter laico do ensino público. Para a ala escolanovista, o

Ensino Religioso era tarefa do lar e do templo, e sua reintrodução nas escolas públicas seria um retrocesso histórico, haja vista que a escola não era o local adequado para angariar prosélitos. Getúlio Vargas, ao assumir o Governo Provisório em 1930, anuncia seu programa de reconstrução da nação que visava “restituir ao elemento homem a saúde do corpo e a consciência da sua valia e assegurar a transformação do capital humano [...] aperfeiçoando-o para produzir mais e melhor”( HORTA, 1994, p. 2). A educação seria mais uma vez o instrumento mais eficaz que o Estado teria para utilizar, visto que só ela asseguraria a valorização e qualificação do homem no âmbito da moral, do conhecimento e do econômico.

A introdução da disciplina Ensino Religioso em todas as instituições públicas foi utilizada pelo Estado como um meio para a moralização da nação sob o discurso da religiosidade católica. E neste discurso os ideais cívicos e patrióticos teriam espaço garantido, pois possibilitaria a formação de um povo obediente e zeloso pela sua pátria.

O então Ministro da Educação e Saúde do Governo Provisório, Francisco Campos, defendia o Ensino Religioso atrelado aos objetivos da educação moral. Este tipo de ensino ganhou legitimidade após a promulgação do Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, no qual o Ensino Religioso seria obrigatório nos estabelecimentos de ensino primário, secundário e normal de todo o país. Segundo esta lei, caberia às autoridades religiosas a responsabilidade de elaborar programas de Ensino Religioso e de escolher os manuais. As autoridades religiosas também tinham o papel de “designar os professores e vigiá-los no que se referisse à doutrina e à moral” (HORTA, 1994, p. 100).

É importante destacar que nas primeiras décadas do século XX, o Ensino Religioso instalado em todos os estabelecimentos de ensino do Brasil foi o da doutrina Católica, uma vez que por lei para que esse tipo de ensino fosse ministrado nos estabelecimentos escolares oficiais era necessário que no mínimo vinte alunos quisessem recebê-lo, o que acabou beneficiando significativamente a doutrina católica, pois, segundo Horta (1994), o Brasil era um país predominantemente católico.

O ministro Francisco Campos, ao ver no Ensino Religioso a possibilidade da formação moral do cidadão e ao garantir esta responsabilidade à Igreja Católica, atendeu não só as exigências dos educadores católicos como também criou mecanismos para reforçar a disciplina e a autoridade, pontos essenciais na política de um governo de concepção autoritária. Segundo Horta, para o ministro Francisco Campos,

A educação não pode ser neutra: ela representa sempre uma dimensão ética. Trata-se de impor preceitos à consciência e subministrar à vontade motivos eficazes de ação. Ora, isto não é possível ‘fora de uma concepção ético-religiosa da vida’ (...) Assim, (...) o Estado não estaria violando a liberdade de consciência, ao introduzir o Ensino Religioso nas escolas. Pelo contrário, estaria respeitando o direito natural dos pais de dirigir a educação dos filhos, não impondo uma crença aos que a ela não querem submeter, mas também não constringendo a um ensino agnóstico os filhos das famílias religiosas (HORTA, 1994, p. 100-101).

A formação moral seria assim passada dentro dos preceitos religiosos do catolicismo, pois, desta forma, a juventude brasileira receberia uma educação com preparação para formar sua nacionalidade. E caberia ao ensino secundário, através do Ensino Religioso, formar “homens fortes e sadios, tanto de corpos como de espírito” (CARVALHO, 1998, p. 249).

A reintrodução do Ensino Religioso nas escolas públicas não tinha apenas uma dimensão ideológica. Tratava-se da utilização da doutrina católica como instrumento de luta contra as ideologias internacionalistas, de legitimação do autoritarismo e de afirmação do nacional<sup>44</sup>. Nesse sentido, para Caetano e Oliveira registram que

Em 1931, o presidente Getúlio Vargas objetivando obter apoio da Igreja Católica e dividendos políticos, através da veiculação de ‘valores’, que constituíram a base da justificação de seu governo autoritário, ampliou a licença para as escolas públicas ministrarem o Ensino Religioso (CAETANO e OLIVEIRA, 2006, p.04).

A religião, na concepção de Francisco Campos e Getúlio Vargas, era à base da família e do Estado visto que possibilitava a fundamentação do poder da nação. A doutrina Católica, ao assumir a responsabilidade de organizar o Ensino Religioso no país, “seria para o Estado um instrumento que garantiria a preservação da hierarquia e da autoridade e da luta ideológica” (HORTA, 1994, p.102).

Em meio ao debate para a construção de uma nação forte e moderna, o Ensino Religioso serviu de mecanismo para a formação da moral da juventude, uma vez que a educação moral pensada sob a ótica da educação religiosa possibilitou que a Igreja ganhasse espaço dentro do campo da educação e que o Estado tivesse um mecanismo forte para impor a disciplina e a autoridade.

---

<sup>44</sup> Sobre o assunto ver: HORTA, José Silveira Baía. “A constituinte de 1934: comentários. In: FÁVERO, Osmar. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005, p. 151. (Coleção Memória da Educação)

A Igreja, que aos poucos foi aproximando-se do novo regime político, iniciou uma verdadeira estratégia para retomar o seu poder no campo educacional, como confirma Dallabrida, o episcopado brasileiro

procurou de modo diplomático e decidido, reintroduzir o Ensino Religioso – ou melhor, a doutrina cristã – no sistema público de ensino e incentivou os professores católicos a realizarem curso normal e prestarem concursos públicos para recatolicizar a cultura escolar republicana e laica. Essa tarefa fulcral de médio prazo foi liderada por bispos e padres, mas contou com a valorosa e decisiva colaboração das congregações religiosas e laicato católico (DALLABRIDA, 2005, p. 79).

O debate sobre o Ensino Religioso foi a porta de acesso para que a Igreja Católica retomar seu poder no campo educacional do país, sendo a tão desejada nova constituição brasileira, a Constituição de 1934, que estava pronta para nascer, o alvo do grupo católico. Era necessário que os princípios básicos católicos, como o reconhecimento do casamento religioso, a defesa da indissolubilidade do casamento e a introdução do Ensino Religioso facultativo nos estabelecimento de ensino público, fossem amparados na nova Carta Magna.

No tocante ao Ensino Religioso, os católicos alcançaram uma grande vitória, uma vez que conseguiram a incorporação desta disciplina no horário escolar das escolas públicas, ficando facultativa apenas a freqüência do aluno. Desta forma, essa Constituição legisla:

Art 153 – O Ensino Religioso será de freqüência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais (BRASIL, 1934, p.5)

De tal modo, a Constituição de 1934 selou a união entre Igreja e Estado e reintroduziu o Ensino Religioso, em caráter facultativo para o aluno e multiconfessional. Mas esse dispositivo presente no artigo 153 da Constituição de 1934 sofreu modificações com a promulgação da Constituição de 1937.

Art 133 - O Ensino Religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de freqüência compulsória por parte dos alunos (BRASIL, 1973, p.3)

Nela não apenas a frequência do aluno era facultativa, mas também a própria inclusão do Ensino Religioso no horário das escolas primárias, secundárias e normais era de caráter facultativo.

Com o fim da Era Vargas, em outubro de 1945, o Brasil caminha em direção à democratização. Em dezembro desse mesmo ano, Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente do Brasil, que, ao assumir, realizou uma convocação constituinte para a elaboração da nova constituição brasileira. A Igreja nesse período manteve-se dando suas diretrizes sobre o Ensino Religioso, como confirma Caetano:

Nesse período, a Igreja continuou dando suas diretrizes na legislação, referente ao Ensino Religioso. O seu leque de atuação foi se ampliando, a partir de 1945, quando se reestruturou a Ação Católica no Brasil (ACB) que visava direcionar suas ações para os ‘meios sociais’ a serem evangelizados: o mundo rural, estudantil, operário e universitário. O alvo preferencial, dentre esses quatro ‘meios’, era a juventude católica. O interesse principal da Igreja era o engajamento efetivo do leigo, na realidade católica. Para tal objetivo, era indispensável o uso de uma aprimorada consciência crítica, obtida mediante a formação de uma metodologia centrada no VER, JULGAR e AGIR. A juventude, se fosse bem formada, em termos de aquisição de uma fé lúcida, alargada pela visão objetiva do problema social, atuaria como fermento de massa (CAETANO, 2007, p.66).

A nova constituição do Brasil, a Constituição de 1946, até aquele momento foi tida como a mais democrática que o país já teve. Com um perfil liberal e democrático, garantiu e assegurou o regime federativo, a autonomia dos estados, o direito de voto a todos os brasileiros alfabetizados de ambos os sexos maiores de 18 anos e as conquistas sociais e trabalhistas anteriormente conquistadas. Quanto ao Ensino Religioso, nesta Constituição ele assim estava legislado:

O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável (BRASIL, 1946, p. 2).

O Ensino Religioso foi regulamentado como uma disciplina dos horários das escolas oficiais, ficando facultativa apenas a matrícula do aluno. Desta forma, essa disciplina escolar conquistava novamente o seu espaço na grade curricular de todas as escolas oficiais do sistema educacional do Brasil. Contudo, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 4024/61) em seu artigo 97, contempla o Ensino Religioso mantendo os princípios da Constituição Federal de 1946, mas retira do Estado a

responsabilidade legal no tocante à remuneração dos professores, passando para as autoridades religiosas o poder de delegar os professores para as redes oficiais de ensino. “Desta forma, criada uma situação inusitada, uma vez que os professores da referida disciplina não faziam parte do corpo docente da instituição e não possuíam veículo com a rede pública de ensino (CAETANO, 2007, p.75).

O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os cofres públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestado por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

1º parágrafo – A formação de classe para o Ensino Religioso independe de número de alunos.

2º parágrafo – O registro dos professores de ensino será realizado perante a autoridade religiosa respectiva<sup>45</sup>.

A Constituição de 1967 contemplava a visão do regime ditatorial instalado no país. Nela, a permanência ou não do Ensino Religioso nas escolas públicas já não era tão acirrado e caloroso como nas demais constituintes, pois, para os juristas, a permanência dessa disciplina nos horários das escolas já era inquestionável<sup>46</sup>. Todavia, a remuneração de seus professores ainda não tinha chegado a uma determinação concreta, sendo que o Estado só seria legalmente responsabilizado pelos gastos com remuneração desses professores a partir da Lei 5692/71. Acerca desta questão Horta expressa:

[...] a remuneração dos professores de religião volta a ser legalmente possível somente a partir de 1971, quando a Lei nº 5692 revoga o art. 97 da Lei de Diretrizes e Bases, substituindo-o pelo parágrafo único do art. 7, que mantém o Ensino Religioso nos currículos do ensino de 1º e 2º graus, mas não contém qualquer proibição de remuneração de professores. Tal remuneração ficará, a partir de então, na dependência da legislação educacional das diferentes unidades da federação (HORTA, 2005, p. 263-267).

A utilização do Ensino Religioso como mecanismo eficiente para a formação de uma juventude comprometida com o desenvolvimento da nação e a luta dos grupos católicos em defesa da presença dessa disciplina na grade curricular das escolas oficiais do Brasil evidenciam o quanto a constituição de uma disciplina escolar é fortemente marcada

---

<sup>45</sup> LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO 4024/1961. Art. 97.

<sup>46</sup> IV - o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio.

pelos interesses políticos, sociais, econômicos e culturais. E o quanto a Igreja soube utilizar-se desse mecanismo para reafirmar-se na educação do país. O Ensino Religioso foi assim utilizado como um instrumento eficaz tanto pelo Estado quanto pela Igreja para defender seus interesses e delimitar terreno no campo educacional.



## CAPÍTULO II

### O GINÁSIO SANTA TERESINHA: DA CRIAÇÃO À CONSOLIDAÇÃO

*A estrutura do colégio era muito diferente do que é hoje. Parte da frente do colégio quase que continua mais ou menos de como é hoje. [...]. Antes tinha uma capela, mas era pequenina, que era onde se realizavam as missas e os retiros. Lembro de que toda manhã as oito horas ele dava o toque da corneta para os alunos entrarem no colégio [...] Já no recreio ele tocava o sino. Como era um colégio religioso todo mês a gente tinha um retiro, o padre chamava de Retiro da Boa Morte. Passava um dia todo mundo em silêncio só assistindo pregações, tinha Via Sacra, terço e essas orações. Era todo mundo em silêncio e tinha todos os anos [...]. A gente participava da festa de Santana e das procissões fardados. Nas outras festas do colégio os alunos participavam de apresentações e às vezes aconteciam os dramas, ou seja, as dramatizações, os teatros hoje que naquela época a gente chamava drama [...] Para mim foi muito importante ter estudado no Colégio Santa Teresinha. Primeiro pela minha formação religiosa. Porque tanto eu recebi em casa na minha família como maior ainda recebi no colégio. Tudo que eu sou hoje em se tratando da formação religiosa eu devo ao Colégio Santa Teresinha e a minha família. O colégio investia muito na formação religiosa católica [...].*

*Maria José Ávila Góis, 2007*

## 2.1. Perfil Biográfico do Fundador

Os bons ventos da Serra de Itabaiana testemunharam no dia 15 de agosto de 1907 o nascimento de José Gumercindo Santos, na rua da Pedreira, filho do casal José Januário dos Santos e Maria Rita de Jesus. O sonho do El-Dourado da Amazônia impulsionou o senhor Januário a abandonar a família e ir em busca de uma vida mais próspera.

Sendo o único varão da casa, José Gumercindo viveu na pobreza e sofreu duras privações ao lado de sua mãe, Dona Ritinha, e de suas duas irmãs, Maria Epunina e Maria Dulcina – esta última falecendo precocemente aos 15 anos de idade - e de sua avó Joana. Assumindo responsabilidades de um adulto, ainda criança, trabalhou para o sustento de sua família, fato que lhe atribuiu o apelido de Nozinho, conforme nos relata o próprio Pe. José Gumercindo em seu livro Pedacos d'alma:

Meu avô era pedreiro e foi procurar trabalho em Macambira, cidadezinha de Sergipe. Meu pai, há alguns anos, tinha abandonado minha mãe e andava nas cabeceiras do rio Tefé, na Amazônia. Assim eu, mana e minha mãe, morávamos com nossa avó Joana. Eu era o único homem de casa. Por isso me chamavam de Nozinho (SANTOS, 1981, p.08).

José Gumercindo era uma criança cheia de sonhos, como qualquer outra. Brincava de esconde-esconde e adorava sentar na roda de crianças no meio do terreiro de sua casa para ouvir as histórias que os adultos contavam. Dentre suas várias brincadeiras, uma em especial marcou sua infância e profetizou o seu futuro. Nozinho gostava de vestir-se de padre e reunir seus colegas em sua casa para ouvir as missas que ele celebrava com grande emoção, mesmo sendo uma criança com apenas nove anos de idade.

Mesmo tendo de trabalhar na roça ou nas ruas vendendo doces para garantir seu alimento, sempre lhe sobrava um tempinho para realizar suas missas numa igreja improvisada e que, com muita reverência, fazia oração e recitava pequenas frases em latim.

Um dia cortei dois longos galhos de guaraná e fiz uma cruz. Peguei uma lata de manteiga e fiz dela, com arame, o meu primeiro turíbulo. Botei-o nas mãos de minha irmã que era a sacristã. Risquei um fósforo e encheu-se a sala de perfume do meu incenso que era estrume de gado. Arrumei uma toalha em cima de uma mesinha e fiz o meu primeiro altar (...) chamei os meus coleguinhas para assistir à minha primeira missa na sala de visitas da nossa casa. Toda hora me virava para o meu povo e dizia: 'Dominus Vobercum'. Rezava uma oração e todos respondiam sinceramente: Amém! (SANTOS, 1981, p.09).

O pequeno Gumercindo, que durante toda a sua infância enfrentou grandes dificuldades financeiras, sempre trouxe dentro da alma o seu grande desejo de ser sacerdote. Com sete anos de idade, fez sua primeira confissão para o encaminhamento da primeira comunhão. Assim como todos os seus colegas, via o confessor com temor, pois era lá que teria de admitir os erros cometidos de forma tão inconsciente.

Sua professora pediu-lhe que na “hora da confissão se evitasse o costume dos tabaréus, que ao se confessarem só diziam: Eu não matei; eu não roubei (...)” (SANTOS, 1981, p.09). Depois de uma encenação, chega a hora de o pequeno José Gumercindo confessar-se. Ansioso, dirigiu-se ao confessor e fez a sua primeira confissão, que para ele não foi uma confissão de tabaréu<sup>1</sup>, mas sim de um inocente.

Chega minha vez. Eu tinha varrido o céu da minha alma e encontrado alguns pontinhos negros que devia traduzir em palavras. Fui logo dizendo como aprendera: ‘Eu matei, eu roubei, eu desonrei...’ O padre, espantado trovejou: ‘Matou o quê?’ – Eu, com tremor, mas com coragem respondi: - ‘Matei sapo, passarinho, calango...’ ‘Basta, basta’, disse o padre. E o que você roubou? – Eu fui dizendo, ‘carne da panela da minha casa e coisas semelhantes’ – ‘Basta’ – disse o padre – E desonrou quem? – O meu pai...- ‘Como?’ ‘Fez o padre’ – ‘Eu o chamei de covarde, porque nos abandonou...’ ‘Basta, basta’ – disse o padre – tem mais alguma coisa? – ‘Não’, disse eu. Então me falou – ‘Arrependa-se e reze cinco Padres-Nossos a Nossa Senhora’ (SANTOS, 1981, p.10).

Sendo agora uma criança que já havia recebido o “Corpo de Cristo” através da Eucaristia, José Gumercindo, com muita alegria, tornou-se coroinha. E com o dinheiro que recebia do pároco de Itabaiana, Pe. Vicente, pelas atividades que desenvolvia na igreja, ajudava sua família.

Com sua mãe, teve seu primeiro contato com as letras, a qual logo depois o matriculou em uma escola primária da cidade de Itabaiana. Segundo ele, o conhecimento que recebeu durante três anos de sua vida como aluno dessa escola foi de pouca valia para os seus estudos posteriores na Escola Agrícola Salesiana da Tebaída<sup>47</sup>, localizada nas proximidades de Aracaju, capital do estado de Sergipe, fruto de um convite do padre salesiano Pedro Ghislande, que soubera por comentários de pessoas conhecidas de José Gumercindo, que seu sonho era ser padre.

E com apenas onze anos de idade José Gumercindo teve seus primeiros contatos com a educação salesiana. Nessa escola, ele viveu dias felizes e difíceis, pois ali recebeu

---

<sup>47</sup>Cf. SILVA, Antenor de Andrade. **Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil** (1987-1970). Instituto Histórico Salesiano – Roma, 1997.

uma educação mais estruturada e rigorosa, e manteve um bom relacionamento com muitos padres salesianos dos quais tinha grande admiração. Em suas memórias dizia que nunca se esqueceu de um momento difícil e constrangedor que viveu nesse recinto:

Sempre me lembro de uma cena que se deu comigo na aula de matemática. O Pe. Samuel, alto e magro, era um pouco impaciente. Tinha explicado para nós que na divisão de frações ordinárias se devia inverter a fração divisória. Um dia me chamou à pedra e mandou fazer uma dessas divisões. Eu me esqueci de inverter os termos da fração e fui multiplicando os numeradores. Ele se irritou. Pegou-me pela cintura, pôs-me de cabeça para baixo na altura do seu gogó, dizendo, de frente para a turma – É assim que se faz! Enquanto todos riam, eu era o único a chorar pedaços de minh'alma (SANTOS, 1981, p.17).

Esse estabelecimento de ensino foi sua primeira experiência salesiana dentro do estado de Sergipe. No ano de 1902, os salesianos constroem em Sergipe a Escola Agrícola São José ou Escola Salesiano Tebaída, como também era denominada, contando com o apoio do governador Monsenhor Olimpio de Souza Campos, um dos clérigos e políticos mais importantes e famosos da história de Sergipe. Essa escola foi erguida com o objetivo de cuidar da escola agrícola do interior sergipano e formar jovens cidadãos honestos e virtuosos. Segundo Silva,

A obra tebaidense passou a ter duas realidades: a casa de formação com aspirantes e noviços e a Escola Agrícola. O noviciado era *sui generis*, pois, além do imóvel não apresentar as condições em termos físicos, faltava ainda a aprovação anônima do noviciado (...) (SILVA, 1997, p.314).

A residência em que Gumercindo morava com sua família “era uma casa dada”. Casa dada em Itabaiana significa não pagar aluguel. “De própria fora apenas a casa onde nasci, na rua Pedreira” (SANTOS, 1981, p.07). E durante um ano de sua vida, José Gumercindo deixou sua família modesta, passando a conviver dentro de um ambiente escolar pouco freqüentado por crianças pertencentes à sua mesma classe social. A Escola Salesiana Tebaída era destinada aos filhos das famílias que tinham um bom poder aquisitivo. E no ano de 1918, quando inicia seus estudos nesse colégio, havia vinte alunos internos, dos quais somente três, incluindo Gumercindo, eram oriundos de famílias pobres que pretendiam ser membros salesianos.

Foi nesse espaço educativo que ele pôde iniciar seus conhecimentos de religiosidade e espiritualidade. Entre estudos e práticas esportivas, ele ganhou um prêmio e um apelido. “No fim do ano letivo houve um prêmio especial. Entre outras medalhas,

recebi o prêmio de futebol. Assim fui apelidado pelos colegas de Pé de Ouro” (SANTOS, 1981, p.23).

Os momentos de espiritualidade e religiosidade despertaram no pequeno salesiano o encanto e a devoção pela Virgem Maria e intensificaram ainda mais seu desejo vocacional à vida religiosa e sacerdotal. Após concluir seus estudos na Escola Salesiana Tebaída, continuou-os em Jaboatão, cidade pernambucana, onde havia um importante colégio, o Aspirantado Salesiano. Três anos depois, com muito entusiasmo e cheio de curiosidade, concluiu seus estudos secundários no Colégio São Manoel de Lavrinhas – São Paulo, onde amadureceu sua formação religiosa e moral e sentiu, dentro da sua alma, o aumento do pulsar da sua devoção vocacional.

Nesse ambiente salesiano aumentou ainda sua admiração por Dom Bosco e conviveu com uma comunidade salesiana de grande formação, a qual tinha como membros postulantes o grupo de noviço e a turma dos estudantes de Filosofia. Entre estudos e brincadeiras ao ar livre, Gumercindo viveu momento de grande satisfação, tendo a instituição como um lar familiar.



Foto 1: José Gumercindo, com 15 anos de idade em Lavrinhas/SP  
Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha.  
Autoria Desconhecida

E foi com essa comunidade que presenciou fatos históricos importantes das histórias paulista e brasileira, a exemplo da segunda revolta tenentista ocorrida em São Paulo no dia 5 de julho de 1924, em que o general Isidoro Dias Lopes, comandante dos revoltosos, objetivava derrubar o governo de Artur Bernardes. Gumercindo, neste período, estava gozando suas férias de julho dentro do Colégio São Manoel, onde sofreu e sentiu as conseqüências desse movimento.

Se a cidade de São Paulo sofreu os horrores durante uma semana, nós em Lavrinhas, também sentimos suas conseqüências. Podemos dizer que passamos fome. Passavam os trens abertos, carregados de canhões e metralhadoras, cheios de soldados da repressão de Artur Bernardes, então presidente da República. Ele conseguiu com mão de ferro dominar o levante (SANTOS, 1981, p.29).

Em Lavrinhas ele conheceu sacerdotes que denomina como aqueles dotados de uma alma de verdadeiros santos, entre os quais estão os padres Antônio Varchi e Antônio de Almeida Lustosa, que mais tarde tornou-se arcebispo de Belém e de Fortaleza. Foi também nessa comunidade Salesiana que no ano de 1925 fez seu noviciado e recebeu sua primeira profissão religiosa das mãos do grande inspetor salesiano, Pe. Pedro Rosa. Também conviveu nesse ambiente religioso e educador, com padres que muitas vezes investiram na sua desistência dentro da obra salesiana, pelos quais pedia misericórdia a Deus e agradecia ao seu Senhor por não permitir que as investidas desses sacerdotes obtivessem êxito.

No dia do seu noviciado sentiu-se como a pessoa mais feliz e realizada do mundo, pois viu naquele momento o início da concretização de um sonho que trazia em sua alma desde criança, o sonho de ser padre salesiano.

Evidentemente, pode-se observar que a vida salesiana deve ser vista sempre como um louvor a Deus: fazer festa pelos dons do Espírito Santo, cantar a ação de graças ao Pai e seguir ao Filho Jesus no mandamento do amor! Dom Bosco traçou, sem dúvida, uma regra de vida que oferecesse um clima de família por meio da fraternidade e amabilidade dos consagrados. O neo-noviço deixa-se contagiar por esse clima amigável do amor evangélico (BARBOSA, 2003, p.38).

Ao sair da Escola São Manoel, retorna a Jaboatão e inicia sua vida acadêmica em 1926 no Filosofado Salesiano do Norte. Nesse período, ao lado de seu amigo Eliseu, que sempre o acompanhou nos estudos desde os tempos de criança, viveu momentos de grande conhecimento. De todas as aulas a que assistia, aquelas que mais marcaram sua vida acadêmica foram as de Filosofia, do Pe. Inspetor Ambrósio Tirelli. “(...) as aulas do Inspetor eram dadas no quarto do Pe. Vellar. Eram aulas de grande valor e profundidade” (BARBOSA, 2003, p.51).

Em 1931 foi cursar Teologia no Instituto Pio XI, em São Paulo. Retornando a Recife, foi ordenado sacerdote no Santuário Salesiano do Sagrado Coração, em 1934, e prosseguiu com sua vida de total doação à Igreja e à Congregação Salesiana.



Foto 2: Pe. Gumercindo no dia da sua ordenação sacerdotal em 1934  
Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

Confiante nos ensinamentos da Congregação Salesiana, José Gumercindo recebeu com muito entusiasmo o mandato de missionário que tanto esperava, das mãos do Pe. Ambrósio Tirelli, que o enviou às missões do Rio Negro, em São Gabriel/Amazonas.

Longe de todos os meios de comunicação e cheio de dinamismo e coragem, Gumercindo abraçou com disposição a missão que lhe foi confiada, enfrentando muitas dificuldades, mas que em nenhum momento lhe tiraram o entusiasmo e a confiança no trabalho que ali pretendia executar.

Tinha concluído, naqueles dias, seus estudos de Filosofia, porém ardia no seu coração de jovem religioso, o sabor missionário, próprio de quem recebia o dom da vocação salesiana. Neste sentido, esperava uma carta de obediência do Pe. Inspetor e como desejava que esta apresentasse o mandato missionário! Um desejo que aconteceu: 'foi enviado, a seu pedido, para as Missões Salesianas do Alto do Rio Negro [...] fazendo ali seu tirocínio em meio a privações e sacrifícios, no isolamento de uma



missão daqueles tempos e naquelas paragens [...] (BARBOSA, 2003, p.52).

Por dois anos o missionário Gumercindo trabalhou como professor dos caboclos e indígenas do Rio Negro. Soube unir e desenvolver com grande responsabilidade seus dois grandes objetivos nas missões: pregar o evangelho de Cristo àqueles que se encontravam nas mais difíceis localidades e transmitir o conhecimento através da singular educação que recebeu e preservou da Congregação Salesiana. Para o confiante Gumercindo, seu mandato missionário significava “Deixar as bondades da civilização para entranhar nas matas inóspitas da Amazônia, atrás de almas abandonadas há milênios pela região” (SANTOS, 1981, p. 43).

Para alguns pesquisadores da vida de José Gumercindo, ele despertou nos seus trabalhos missionários a sua sensibilidade em ajudar os mais necessitados. Foi ensinando os caboclos e indígenas a ler e escrever que ele conseguiu, através da sua vocação sacerdotal, despertar o grande desejo de ajudar o próximo. Tendo como lema do seu ministério sacerdotal a frase: “a ti deixei o meu pobre, tu serás a ajuda do órfão”, Gumercindo voltou-se para as crianças pobres e os jovens sem instrução abandonados, demonstrando que sua consciência missionária acreditava que a instrução e a educação eram os caminhos mais prósperos para garantir ao povo sua liberdade e dignidade.

Concluídas as missões, Gumercindo dedicou-se cada vez mais às obras salesianas. Serviu à Congregação Salesiana durante vinte e nove anos de sua vida. Ao longo deste período, inteligência, trabalho, dinamismo, caráter peregrino e fé extraordinária marcaram decididamente a sua participação nessa congregação, despertando admiradores que o tinham como um homem sempre pronto a trabalhar em favor do bem salesiano.

Ah! O padre Gumercindo era uma excelente pessoa, muito caridoso, muito bom mesmo, muito bondoso. Nunca faltava com seus deveres de sacerdote. É tanto, que ele era um padre tão bom e tão dinâmico que a congregação dele não queria que ele fundasse outra congregação, porque ele era muito bom na congregação, muito valioso<sup>48</sup> (Ir. Rita, 2004).

Teve presença marcante em diversos colégios salesianos, ora atuando como professor, ora ocupando cargos burocráticos, como podemos constatar nos estudos da Irmã Theosete Gomes de Oliveira,

Durante doze anos de sacerdócio, torna-se presença atuante e dedicada em diversos colégios salesianos do Norte e Nordeste, exercendo com

---

<sup>48</sup> SANTOS, Rita Silveira. Entrevista concedida à autora em 8 de março de 2004.

eficiência de um educador nato, o magistério e outras funções, tais como Conselheiro Escolar, em Jaboatão, vice-reitor do Seminário de Belém (...) secretário particular do arcebispo de Belém, Dom Antônio de Almeida Lustosa (hoje está sendo encaminhado o processo de beatificação). De 1941 a 1944 retorna a Recife para secretariar a Inspetoria Salesiana do Nordeste (OLIVEIRA, 1992, p.8).

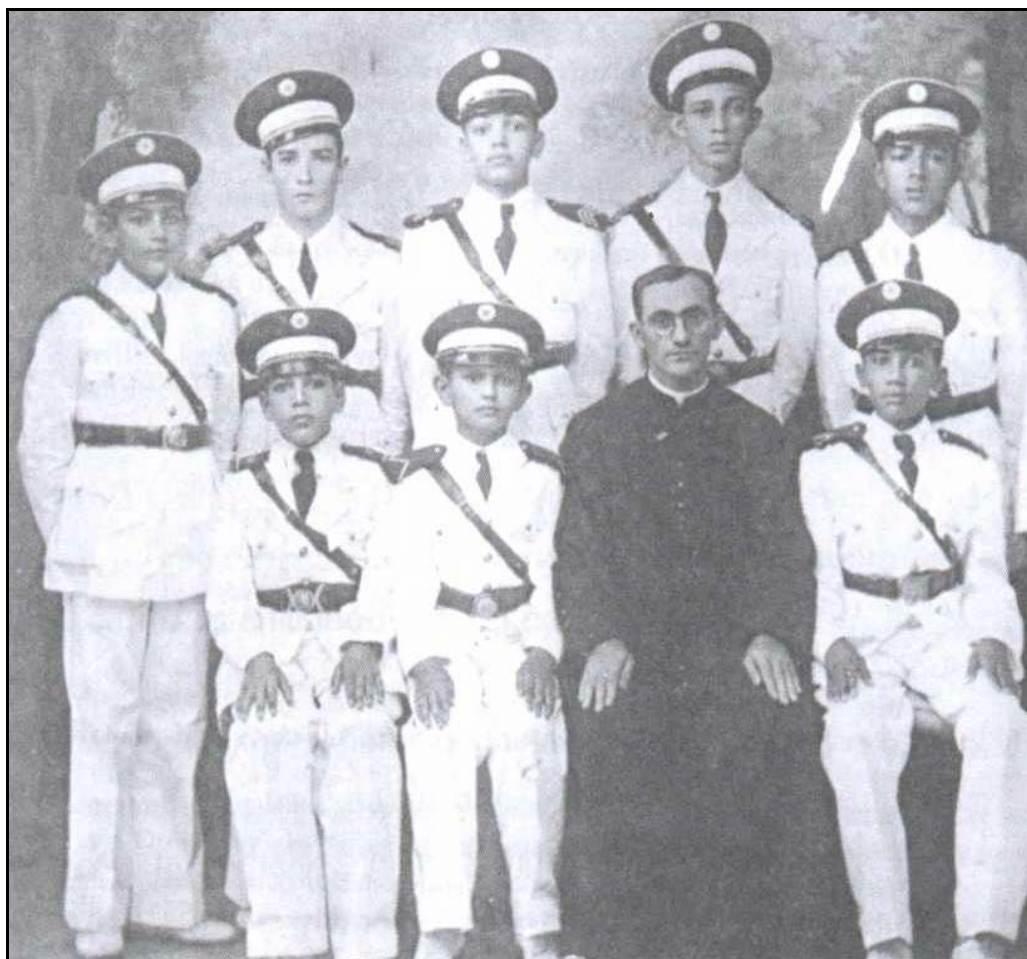


Foto 3: Pe. Gumercindo e alunos do Colégio Salesiano de Baturité / CE – 1945

Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha.

Autoria Desconhecida

Qualquer função exercida por Pe. José Gumercindo dentro da Congregação Salesiana era regada de muita alegria, harmonia e trabalho. Sempre lembrado por seus conhecidos como um homem dono de uma personalidade forte e um espírito generoso, Pe. Gumercindo

(...) foi sempre disponível não deixando de abraçar os mais pesados encargos como ainda as responsabilidades que os outros as rejeitaram. Portanto doou-se sem reserva em prol da congregação que acolhera e a quem tanto amava e neste sentido, empenhou-se com diligência tanto na teoria como na prática (BARBOSA, 2003, p.70).

Tendo uma formação humanística e sacerdotal, Pe. Gumercindo procurou sempre trabalhar, inspirado na pedagogia de Dom Bosco, acreditando na salvação da juventude abandonada através da educação<sup>49</sup>. Segundo Silva,

Dom Bosco muito se preocupava com as crescentes transformações e a materialização do mundo, com as novas exigências, com a Igreja e os jovens dentro do novo contexto da sociedade. O mundo do seu tempo queria ver o clero trabalhar, fundar obras de instrução e educação da Juventude pobre abandonada. Os padres deveriam abrir Colégios, obras de caridade, escolas profissionais. A sociedade, para ser cristianizada deveria começar com a instrução religiosa da juventude (SILVA, 1997, p.60).

Dessa forma, percebe-se a grande preocupação dos membros da Congregação Salesiana em instruir a juventude para dignificar o mundo. Cabia aos membros salesianos a importante tarefa de transmitir aos jovens pobres e desprovidos de amparo social e político o conhecimento por meio da luz da religiosidade.

Profundamente tocado por esses valores salesianos, o padre José Gumercindo procurou cada vez mais desempenhar seu trabalho de sacerdócio unido ao seu papel de educador. Entendia que a educação era intrínseca à liberdade. Via a educação como sendo “libertadora, não só no sentido de considerar o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento (Medelin) em comunidade (Puebla), mas também, enquanto visa a plena liberdade do educando como pessoa” (BARBOSA, 2003, p.72).

Era totalmente contra a idéia de separação da educação com a religião. Para ele, entregar a educação da juventude aos cuidados dos leigos e do Estado seria uma prática criminosa contra a sociedade. A posição enérgica de Pe. Gumercindo em relação à educação laica demonstra não apenas a posição de um único representante da Igreja, mas sim toda a ideologia católica frente ao novo modelo de educação aclamado pela República. Não se pode ignorar que Gumercindo viveu no período da disputa católica frente aos ideais educacionais republicanos. Desta maneira seu posicionamento expressa todo o repúdio proclamado pelos poderes eclesiásticos diante da proposta educacional da República.

A abnegação de Gumercindo às obras salesianas, em especial as obras ligadas à educação da juventude, contribuiu significativamente para o despertar do seu desejo de

---

<sup>49</sup> Segundo Scaramussa, Dom Bosco tinha uma idéia bastante clara do problema educativo. Escolheu, adotou como seu e propôs para os educadores salesianos um método, o Preventivo. Quando falava em Sistema Preventivo, tinha em mente “modo de agir, um complexo de procedimentos educativos, que implicava todo um organismo de convicções, de idéias, de razão e de fê, que constituíam o seu modo de tratar educativamente os jovens, sem ulteriores preocupações científicas e epistemológicas” Ver: SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco**: um estilo de educação. São Paulo: Editora Dom Bosco, 1977.

fundar uma congregação onde ele pudesse atuar na formação da juventude dentro dos preceitos religiosos.

O desejo de Pe. Gumercindo causou, dentro da Congregação Salesiana, preocupações e oposição, pois seus superiores, dentre os quais estava o italiano Pe. De Lugan, eram totalmente contrários à idéia de um salesiano fundar uma congregação separada da ordem salesiana. Mas Pe. Gumercindo, mesmo sofrendo perseguições dentro da Congregação, que tinha como seu lar espiritual, não desistiu e preferiu abandonar a Congregação Salesiana, porque só assim teria a liberdade de realizar o seu desejo, que, segundo ele, era a vontade divina. E em sonho teve a certeza de que percorria o caminho certo.

Pouco antes tivera um sonho que ingenuamente contei a um coadjutor. Via uma estátua altíssima de Dom Bosco e com aqueles candidatos admirávamos aquele colosso. De repente, surgiu uma tempestade e aquela estátua rolou ao chão esfacelando-se. A nossa pena fora grande demais. Aos poucos, porém surgiu no pedestal um D. Bosco menor, eu descia com uma batina preta e apertava a mão, uma por uma, dos meninos. Naquele instante de alegria me acordei ainda ouvindo uma ordem que Dom Bosco me dava a respeito de um dos meninos (SANTOS, 1981, p. 96).

Em seu livro autobiográfico Pe. Gumercindo relata que sua ingenuidade de confessar seu sonho ao seu coadjutor antecipou o seu sofrimento com as recriminações sofridas por parte de alguns membros da Congregação Salesiana. Muitos padres salesianos, ao tomarem conhecimento do sonho de Pe. Gumercindo começaram a rejeitá-lo e fazer duras críticas ao seu atrevimento de querer fundar uma congregação religiosa confrontando-se com a obra salesiana.

Mesmo tomado de tristeza por ter de abandonar seu lar espiritual, Pe. Gumercindo não hesitou em realizar o seu sonho sacerdotal, pois tinha a certeza de que acima de tudo e todos estava obedecendo a uma ordem divina. Tinha no seu sonho a oportunidade de trazer para a educação religiosa jovens, em sua maioria, provenientes de famílias de pouco poder aquisitivo.

Antes de sair definitivamente da Congregação Salesiana, Pe. Gumercindo realizou seu último trabalho dentro desta ordem religiosa como Conselheiro Escolar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Baturité, cidade cearense. E como conselheiro escolar tirou proveito da aproximação que conseqüentemente teve com as jovens estudantes, bem como da confiança que estas depositavam nele, e começou através do confessionário a escolher e convidar as moças para formar a sua primeira congregação, a Congregação Santa

Teresinha. Foi trabalhando na ordem salesiana que encontrou as futuras Irmãs Teresinha. Em segredo convidava as jovens nos confessionários das novenas para participarem da sua futura congregação.

Ah! Nós éramos escolhidas e guardávamos segredo. Tinha esse ideal. A nossa direção espiritual era pelo confessionário. É quando nós fizemos voto no confessionário. Isso tudo sem ninguém saber. Então depois que a gente fazia o voto ele entregava uma medalhinha para a gente. Aí surgiu aquele grupo de moças, tudo com aquela medalhinha. Aí, perguntavam para que era e o que significava aquilo. Nós dizíamos que era catecismo<sup>50</sup> (Ir. Rita, 2004).

Assim que se espalhou a notícia de que algumas moças aceitaram o convite para serem as futuras Irmãs Teresinha, alguns salesianos posicionaram-se energicamente frente à atitude de Pe. Gumercindo. A oposição às idéias de Pe. Gumercindo chegou a atingir até a vida estudantil das futuras Irmãs religiosas que estudavam no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Muitas das meninas escolhidas pelo padre sofreram repressões como a proibição de brincar com as demais alunas do colégio para não as contaminarem com as idéias do Pe. Gumercindo. De acordo com Oliveira,

O diretor do colégio Domingos Sávio se posicionou contra o nosso movimento e seu responsável, chegando ao extremo de negar a comunhão a algumas do nosso grupo, que freqüentavam a igreja daquela comunidade (OLIVEIRA, 2001, p. 95).

Mesmo não sendo possível entrevistar os membros salesianos que fizeram oposição a Gumercindo, pois muitos deles já faleceram e outros de que não foi possível a localização, é possível concluir, após análise de algumas informações contidas no autobiográfico de Pe. Gumercindo, bem como na fala de alguns membros da Congregação Santa Teresinha aqui entrevistados, que em meio aos posicionamentos de salesianos e de Gumercindo, o que na realidade ocorreu foi uma disputa de campo em que a Ordem Salesiana sentiu-se ameaçada de perder espaços para outra congregação religiosa que estava nascendo fundamentada dentro de seus princípios de amparo religioso à juventude. A disputa de campo presente na relação entre Pe. Gumercindo e salesianos traduz o quanto o convívio entre indivíduos em uma sociedade é permeada de interesses diversos que contornam o meio em que se vivem. Esses interesses diversos configuram um campo de disputa, que para Elias (1980) é uma rede aberta de relações estruturadas em espaços de

---

<sup>50</sup>SANTOS, Rita Silveira. Entrevista concedida à autora em 8 de março de 2004.

posições, mas que são constantemente trabalhadas pelas contingências históricas e que certamente transformam a hierarquia das posições.<sup>51</sup>

Criticado por muitos daqueles que lhe conduziram na sua vida espiritual, Pe. Gumercindo iniciou mais uma etapa de sua vida sacerdotal. Ao lado de 25 moças, dentre elas as Irmãs Theosete Gomes de Oliveira e Valdelícia Martins da Silva, estas co-fundadoras do Ginásio Santa Teresinha, começou a angariar fundos e apoios para a construção de sua primeira congregação. Em contato com o bispo de Aracaju, D. José Tomás, o padre informou-lhe de seu grande desejo de fundar uma congregação que zelasse pela educação e amparo das crianças e dos jovens pobres. E já na sua segunda audiência com o bispo, recebeu o apoio de que tanto precisava para a realização de sua obra, sendo autorizado a criar sua congregação e escolher, em Sergipe, a cidade em que ele gostaria de fundar sua obra religiosa. O apoio de D. José ao desejo do Pe. Gumercindo é justificado se considerarmos que esse bispo foi o idealizador e pioneiro, em Sergipe, em pôr em prática as estratégias católicas de combate a outras religiões, bem como ao Estado laico.

Por já conhecer a cidade de Boquim<sup>52</sup>, devido às suas andanças como missionário salesiano, escolheu-a para ser o solo em que ia brotar seu sonho. Em Boquim, Pe. Gumercindo já havia feito amizade com políticos e fazendeiros abastados que prometeram ajudar no desenvolvimento da sua obra<sup>53</sup>. Mil novecentos e quarenta e seis foi o ano em que deveriam ser providenciadas, com a ajuda dos amigos, as medidas para a criação da obra, tais como: a casa para sediar a Sociedade Santa Teresinha, o mobiliário e o dinheiro para as despesas da viagem do Ceará a Boquim.

---

<sup>51</sup> Boudieu (1998) afirma que o campo é um espaço de concentrações de posições de relação de poderes estabelecidos em que ocorrem lutas de concorrência em torno de interesses específicos, configurando dois pólos distintos: o dos dominantes e o dos dominados.

<sup>52</sup> Boquim está localizada na região Centro-Sul do estado de Sergipe, possuindo uma área de 245 Km<sup>2</sup>, com um clima temperado e uma vegetação de campos e cerrados. No início do século XX, Boquim era uma cidade que se desenvolvia paulatinamente, beneficiando-se ainda mais com a construção da estação ferroviária com a viação Férrea Leste Brasileira ligando essa cidade à capital Aracaju, o que possibilitou uma melhoria no comércio, pois as mercadorias passaram a chegar de forma mais rápida.

<sup>53</sup> Dentre os vários amigos que Pe. Gumercindo conquistou e dos quais recebeu apoio estão: Jacomildes Barreto e Dona Dária Barreto, Sr. Ciciliano, Raimundo Fonseca e Dona Mariá Fonseca.



Foto 4: Ir. Thoesete, Pe. Gumercindo e Ir. Valdelícia- s/d  
Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

O Pe. Gumercindo e as futuras Irmãs Teresinha chegaram à praça matriz dessa cidade em um caminhão pau-de-arara<sup>54</sup>. E das 25 moças escolhidas<sup>55</sup> apenas 7 foram para Boquim; as demais desistiram ou não conseguiram liberação dos pais. Em seu livro Do

<sup>54</sup> Caminhão de carroceria coberto no qual são transportados os retirantes nordestinos. Este tipo de transporte era muito utilizado nas cidades de Sergipe.

<sup>55</sup> As setes moças eram: Lelita de Freitas, Luisa Isolda Furtado, Maria Alice Dantas, Maria Alcina Tavares, Margarida Alacoque Freitas, Theosete Gomes de Oliveira e Valdelícia Martins da Silva.

deserto à terra prometida, Ir. Theosete relata um pouco sobre como foi a chegada a Boquim.

As saudades dos nossos queridos pais e irmãos juntavam-se à alegria e o fervor daquele momento, no qual nos comprometemos com o projeto que o Senhor nos apresentou e respondemos com um SIM. Concluído ato tão significativo para nós, recomeçamos a viagem após um rápido café, passando ainda por Tanque Novo e Riachão do Dantas e após duas horas de percurso, chegamos finalmente a Boquim, a cidade prometida. Fomos recebidos em festa às portas da Igreja Matriz, dedicada à Senhora Sant'Ana, por um povo irradiando alegria com a nossa chegada e a quem iríamos amar, no que seríamos também plenamente correspondidos (OLIVEIRA, 2005, p.105).

A população boquinense, admirada e alegre pela atitude do padre em querer ali naquele solo fundar sua congregação e sua instituição educativa, preparou uma recepção cheia de muita alegria e satisfação.

A mãe sempre falava que foi um momento com uma recepção muito bonita. O povo da cidade se preparou e se preocupou. Tinha uma equipe de senhoras que eu só lembro do nome de Dona Mariá e seu Raimundo Fonseca. Formaram essa equipe que organizou a festa. E o padre era muito amigo de Dona Mariá e nunca deixou essa amizade (Ir.Olga, 2004)<sup>56</sup>.

Objetivando educar a juventude dentro dos preceitos do catolicismo, Pe. Gumercindo fundou na cidade de Boquim no dia 12 de março de 1947 a Sociedade Santa Teresinha, Ginásio Santa Teresinha e o Lar Nossa Senhora das Graças, um orfanato que abrigava menores abandonadas<sup>57</sup>. Aos poucos Pe. Gumercindo foi conquistando a admiração de todos da sociedade boquinense com a qual ele fazia questão de manter uma boa relação.

Olhe, eu lhe digo com sinceridade. O Boquim todo gostava dele. Ele era muito querido. Quando tinha festa no colégio, Ave Maria! Era cada festa! Cada missa! Que celebrava no pátio do colégio para comportar o povo todo [...] (Laura, 2004)<sup>58</sup>.

Como diretor e professor do Ginásio Santa Teresinha, Pe. Gumercindo era um profissional que manteve o mesmo dinamismo que apresentava dentro da Congregação

---

<sup>56</sup> SANTANA, Olga de Souza. Entrevista concedida à autora em 8 de março de 2004.

<sup>57</sup> Nesta instituição, sob os cuidados das Irmãs Teresinha, as crianças recebiam um apoio espiritual, familiar e educativo.

<sup>58</sup> MERCÊS, Laura Cardoso. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2004.



Salesiana. Sempre caracterizado como um homem de poucas palavras, mas dotado de uma força renovadora, Gumercindo soube, de forma simples, transmitir a seus alunos valores de uma educação religiosa e rígida direcionada plenamente para a formação de jovens tementes a Deus e à Igreja.

Para ele a Igreja tinha um dever imprescindível de ministrar a instrução, educação e religião da juventude. A Igreja “como mãe e mestra deve abrir colégios para fechar cadeias” (SANTOS, 1981, p.197). Contrário à grande revolução da igreja moderna, que rejeitava os ensinamentos de Santo Agostinho e São Tomás, ele buscava com suas congregações revitalizar a grande missão educadora e evangelizadora da Igreja.

A grande revolução da igreja moderna foi, a meu ver, a maior causadora de tal derrota (...). A teologia da libertação abafa a tradição. Os eclesiais de hoje vivem em reuniões e seus afazeres mais legítimos se diluem em frases sem alma (SANTOS, 1981, p. 132).

Por intermédio da Congregação Santa Teresinha, Pe. Gumercindo conseguiu responsabilizar-se pela educação e profissionalização de inúmeros jovens abastados e não abastados. Se por um lado ele criou um colégio bem conceituado dentro do estado de Sergipe que primava pela educação da pequena elite, por outro ele criou mecanismos para o sustento de seu orfanato e educação das crianças abandonadas.

Várias foram as viagens para o exterior que realizava em busca de apoio financeiro para a manutenção do seu colégio e orfanato, bem como para a realização de outras obras. Segundo a Irmã Theosete Gomes de Oliveira,

Em 1950 vai a Roma e mediante instruções de lá recebidas realiza a fundação masculina. A sociedade Joseleitos de Cristo, que, paralizada por alguns anos por imposição da autoridade diocesana, é reestruturada em 1958, já em Tucano, Bahia (OLIVEIRA, 1992, p.09).

A Sociedade Joseleitos de Cristo era a realização de outro desejo que Pe. Gumercindo tinha de fundar uma congregação religiosa masculina. E com muito esforço e dedicação, ele conseguiu fundar essa sociedade em 19 de março de 1950, que atendeu jovens de pouco poder aquisitivo, oriundos do interior e da zona rural. Neste dia, em uma sala do Ginásio Santa Teresinha Pe. Gumercindo, ao lado de Claumino Carlos Freitas, Alfredo Alves de Oliveira, José Luis Mesquita, Manoel José Ferreira, Jucundo Gomes e

Manoel Bispo dos Santos fizeram votos de fidelidade e compromisso em favor da nova congregação, que tinha como objetivo primordial a preparação para o sacerdócio.<sup>59</sup>

Ainda em Tucano, cidade do estado da Bahia, onde fixa residência após deixar o Ginásio Santa Teresinha, em Boquim, sob a responsabilidade de Irmã Valdelícia Martins da Silva, Pe. Gumercindo, funda além da Sociedade Joseleitos de Cristo, a Congregação Divino Mestre, que teve como co-fundadora a Irmã Theosete Gomes de Oliveira. A Congregação Divino Mestre, a caçula das três congregações fundadas por Pe. Gumercindo, tinha, além do papel evangelizador, a função de dedicar-se à educação dos jovens sobre os preconceitos religiosos. Nela, além da preocupação com a educação dos jovens, existia também a responsabilidade com a educação das crianças da creche e das escolas maternas.

Além dessas obras, Pe. Gumercindo conseguiu fundar mais duas importantes iniciativas em Tucano: o Centro Educacional Senhora das Graças, uma instituição de ensino fundamental e médio que atendia jovens sertanejos da Bahia, e o Lar Dona Ritinha, em homenagem à sua querida mãe, que acolhia os velhinhos indigentes não somente de Tucano, mas também de outras localidades.

No entanto, constata-se que sua luta incansável pelas vocações sacerdotais, que instigava dentro da Congregação Salesiana, não foi sufocada pelas dificuldades; muito pelo contrário: ganhou força que resultou na fundação de três congregações que foram reconhecidas pela Igreja e mantêm-se firmes para dar continuidade ao ideal de Pe. Gumercindo: “evangelizar através da educação”.

Entre o sacerdócio e a educação, Pe. Gumercindo mostrava-se cada vez mais como um homem que buscava, com forte determinação, a realização de seus ideais. Dotado de muitos talentos, o dinâmico padre soube regar suas obras com sua responsável competência literária. Suas congregações foram privilegiadas com vários hinos por ele escritos, pois, além de músico que tocava piano, flauta e órgão, também foi um compositor, que buscava sempre expressar, nas letras de seus hinos, o seu amor a Nossa Senhora.

No campo educacional, colaborou escrevendo muitas peças para o teatro infanto-juvenil, sem contar as poesias e artigos para conferências e seus livros como: Pedacos d’alma, Para boi dormir, Quarenta anos no Deserto, Canto do cisne e o romance cristão Asael.

---

<sup>59</sup> Para maiores informações ver: OLIVEIRA, Theosete Gomes de. Do deserto à terra prometida. Tucano/BA: Radami Editora e Gráfica, 2001.

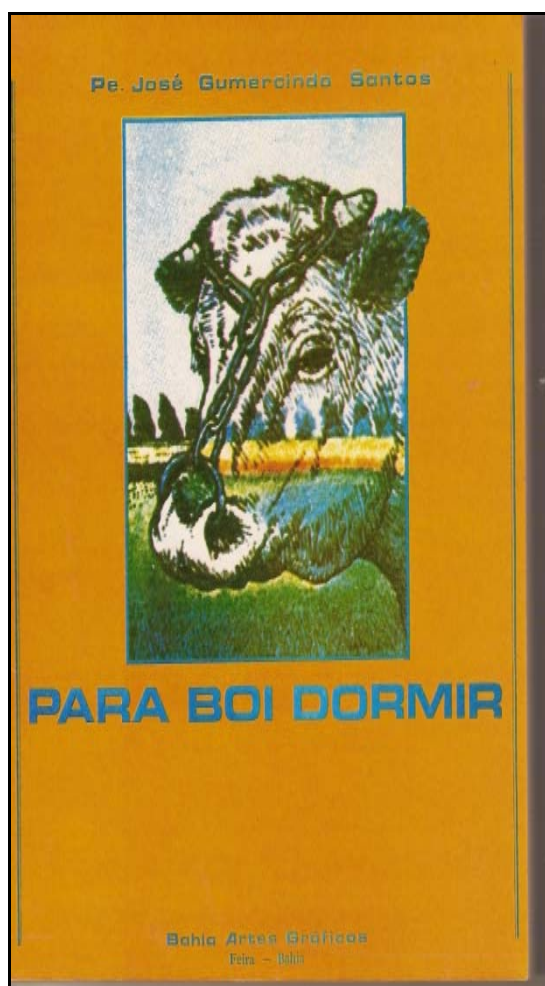


Foto 5: Capa do livro  
Para Boi Dormir  
Acervo da Congregação Santa Teresinha



Foto 6: Capa do livro  
Asael  
Acervo da Congregação Santa Teresinha

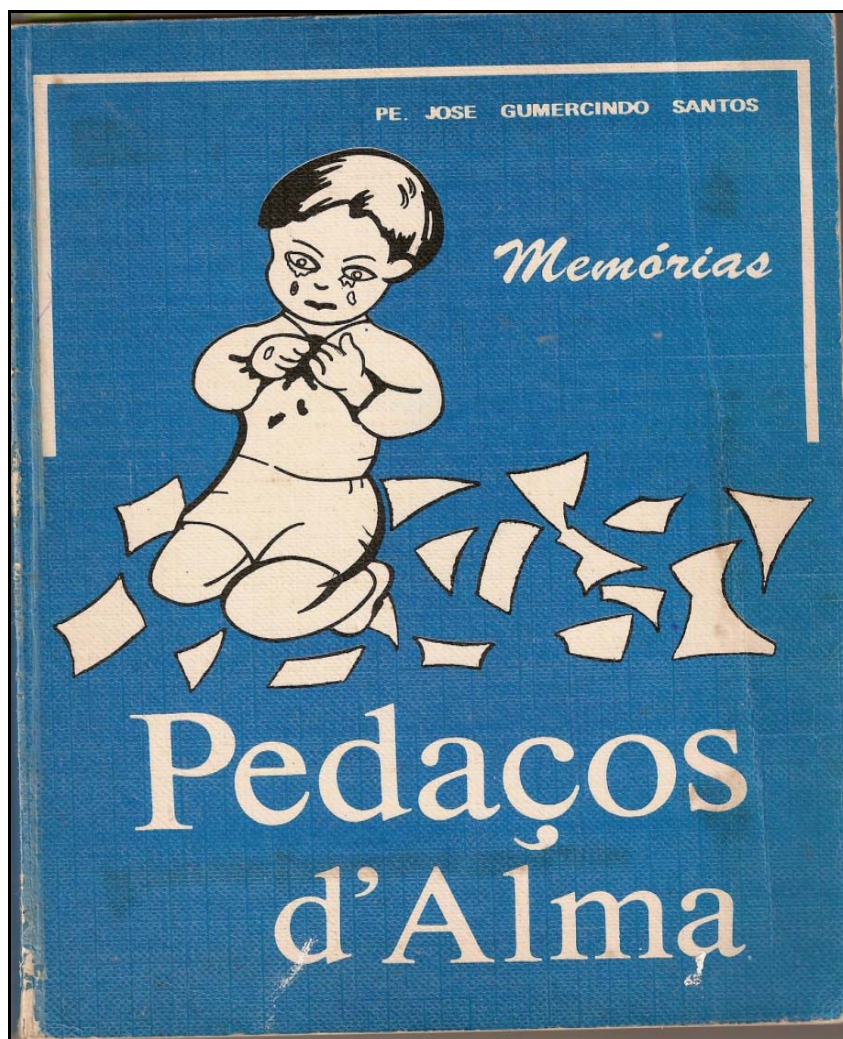


Foto 7: Capa do livro  
Pedaço d' Alma  
Acervo da Congregação Santa Teresinha

O convívio com os índios, mantido durante seu mandato missionário, rendeu-lhe uma grande experiência espiritual, bem como cultural. Foi através desse contato que aprendeu a língua tupi-guarani, escrevendo um dicionário anos mais tarde.

Poliglota, Pe. Gumercindo falava fluentemente latim, francês e italiano. Sentindo a necessidade de criar uma língua para sua congregação que pudesse tornar mais eficientes suas comunicações oficiais, criou a língua LIZU ou Língua Relâmpago, uma língua sintética em que a gramática era de fácil aprendizagem. Essa língua seria usada durante as assembléias das congregações e suas circulares.

O LIZU, Língua Relâmpago, assim se diz, porque sua aprendizagem é de rapidez incomparável. Consta de 26 letras, sendo 6 vogais e 20 consoantes. Vogais: a, e, i, o, u, y. O y se pronuncia como o u em francês. Consoantes: b,(bê) c(tchê) italiano, d(dê), f(fê), g(guê), diante de qualquer vogal é sempre gutural, h(rrhê, sempre aspirado), j(jê), k(kê), l(lê),

m(mê), n(nê), p(pê), r(erê), s(sê) sempre sulcilante, t(tê), v(vê), x(xê) sempre chiante, z(zê), w(psê) (SANTOS, 1981, p. 138).

Sempre preocupado com o bom desempenho da educação salesiana, organizou e publicou vários exercícios latinos para melhor facilitar a aprendizagem desta língua dentro dos colégios. Em Pernambuco, filiou-se à imprensa e fundou em Recife a revista “Segue-me”, direcionada de um modo especial à divulgação das vocações salesianas. Seu primeiro ensaio literário foi um escrito voltado para a divulgação da Congregação Salesiana, o jornal “O Aspirante”.

O sacerdote e educador sempre primou pela educação da juventude. Suas atitudes enriqueceram as culturas sergipana e baiana. Suas obras dentro do sertão de Tucano proporcionaram a esta cidade o título de cidade “berço da educação do sertanejo pobre”. Suas produções literárias despertavam admiradores por onde ele passava, chegando a ser aclamado na Bahia como um grande padre educador que veio de presente de Sergipe.

O padre baiano de Sergipe transforma-se numa espécie de bandeirante da educação, construindo e adquirindo em quatro grandes décadas quase uma dezena de estabelecimentos de ensino (A TARDE, Salvador/BA, 12 de ago, 1986).

Pe. Gumercindo foi um homem aberto às novas conquistas através da educação da juventude. Com seus estabelecimentos de ensino, educou crianças e jovens de todas as classes sociais. E soube, de modo ímpar, unir educação e igreja para a promoção da instrução da juventude. Sua morte, ocorrida no dia 10 de setembro de 1991 retirou da educação de Sergipe e da Bahia um educador, mas não apagou das mentes da juventude que por seus estabelecimentos fora educada, nem da história da educação sergipana a lembrança de um padre que tinha a educação como um caminho seguro para a união do conhecimento com a Igreja. Sempre iluminado pela luz da Pedagogia de Dom Bosco, o Pe. José Gumercindo fundou suas congregações e estabelecimentos de ensino em Sergipe e na Bahia. Sem dúvida, a presença desse padre educador é um divisor de águas na história da educação das cidades de Boquim e de Tucano.

## 2.2. A Congregação Santa Teresinha

A Congregação Santa Teresinha foi criada com a denominação Sociedade Santa Teresinha, em 12 de março de 1947, sendo seu primeiro presidente o Pe. José Gumercindo Santos. A escolha por este nome se deu devido ao fato de seu fundador tornar-se devoto da Santa Teresinha após sentir que diante das dificuldades que enfrentou para as realizações de seus sonhos missionários sempre foi protegido e amado pela Santa Teresinha a quem chamava de “Grande Santinha”.

Diferentemente das outras congregações instaladas no Brasil durante as primeiras décadas do século XX, essa congregação é genuinamente brasileira, sendo a cidade de Boquim o berço de sua fundação. A congregação foi fundada como uma associação sem fins lucrativos, de natureza filantrópica, beneficente, de assistência social, pastoral e educacional, tendo como finalidade a perfeição cristã dos seus membros e a prática da caridade amparando órfãos de pai e mãe, e ministrando gratuitamente instrução e educação à criança pobre.

Registrada em cartório no dia 12 de abril de 1947 como Sociedade Santa Teresinha, sob a direção de um capelão, Pe. Gumercindo, essa sociedade religiosa iniciou seus trabalhos composta por 7 freiras oriundas da cidade de Baturité/Ceará: Irmãs Lelita de Freitas, Theosete Gomes de Oliveira, Valdelécia Martins da Silva, Maria de Jesus Castelo Branco, Alzida Tavares, Margarida de Freitas, Isolda Furtado e Maria Alice Dantas. Após a chegada das irmãs e do padre a Boquim, ingressaram mais duas freiras: Irmãs Maria de Jesus e Rosália Ferreira de Matos. O hábito das religiosas foi definido na cor creme com pelerine, véu de cor branca e tendo como distintivo exterior o crucifixo. A escolha das cores da veste das religiosas deu-se em consonância com as cores das vestes da Santa Teresinha.



Foto 8: As Co-Fundadoras da Congregação Santa Teresinha- S/D<sup>60</sup>  
Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

Um mês após a fundação da sociedade, Pe. Gumercindo, então presidente, foi comunicado pelo bispo D. José Tomás que ele deveria desistir da Sociedade Santa Teresinha, haja vista ter recebido uma carta da Nunciatura Apostólica que fazia questionamentos sobre essa Sociedade. A carta foi enviada com o objetivo de obter maiores esclarecimentos sobre a real situação da Sociedade religiosa fundada pelo padre. Nela foram levantados apenas três questionamentos a saber: Qual a condição canônico-jurídica do Pe. José Gumercindo Santos? Qual a finalidade da sociedade por ele fundada? Já tem benepálcido da Santa Sé? Para Pe. Gumercindo os questionamentos eram normais dentro da burocracia da Igreja e, em nenhum momento, a carta expressava oposição da Santa Sé em relação à sociedade religiosa.

Contudo, o padre não conseguia entender nem aceitar a posição do bispo D. José que sempre o apoiou; mas que ao receber a carta da Nunciatura Apostólica tomou uma atitude de desespero e alegando não querer complicações com a Santa Sé e tampouco com os salesianos que ainda não aceitavam a idéia de um padre salesiano fundar outra congregação, o bispo achou melhor retirar o hábito das freiras e fechar as portas da sociedade religiosa. De acordo com informação de Oliveira,

---

<sup>60</sup> Co-fundadoras : acima, da esquerda para a direita: Ir. Lelita de Freitas, Ir. Theosete Gomes de Oliveira, Ir. Valdelícia Martins da Silva, Ir. Maria de Jesus Castelo Branco, Ir. Alzida Tavares, Ir. Margarida de Freitas. Abaixo, da esquerda para a direita: Ir. Isolda Furtado, Ir. Maria de Jesus, Ir. Rosália Ferreira de Matos (estas duas ingressaram depois) e Ir. Maria Alice Dantas.

[...] No dia dez de abril, Pe. Gumercindo oficializa em Aracaju, os Estatutos Cíveis da Sociedade Santa Teresinha, registrando-a em Cartório e tornando a Sociedade Pessoa Jurídica, um passo a mais na consolidação de seu ideal. No dia seguinte, onze de abril, nosso fundador é chamado pelo bispo, que lhe concedera a licença para nos trazer do Ceará, dando a bênção e o aval para o início da fundação, prometendo que o acordo estava selado com 'pedra e cal'. Ao recebê-lo, não deu explicação, dizendo apenas que tinha em mãos uma carta da Nunciatura Apostólica com perguntas sobre a fundação e que não queria complicações com a Santa Sé. Por isso exigia que tirássemos o hábito religioso e voltássemos para a casa de nossos pais (OLIVEIRA, 2005, p.108).

Alguns membros da Congregação Santa Teresinha acreditam que a carta da Nunciatura Apostólica foi motivada pelas cobranças e denúncias dos salesianos, que procuravam impedir a concretização das obras de Pe. Gumercindo. No entanto, a culpa ou não dos salesianos do fechamento da Sociedade Santa Teresinha nunca foi comprovada de fato, mas o que se pode concluir é que o bispo D. José sequer respondeu ou deu o direito a Pe. Gumercindo de explicar os questionamentos da Nunciatura, chegando até mesmo a ameaçá-lo de suspensão se ele entrasse em contato com a Santa Sé para resolver este assunto.

Em nenhum dos documentos analisados apresenta uma justificativa para a posição radical do bispo. Porém, em obediência à sua ordem, a Sociedade Santa Teresinha deixa de existir. O fechamento desta sociedade religiosa não significou o fim de sua instituição educativa e algumas freiras mesmo sem o hábito, continuaram desenvolvendo atividades do magistério no Ginásio Santa Teresinha, enquanto outras foram trabalhar no Serviço Assistencial ao Movimento de Educação (SAME) em Aracaju.





Foto 9 Pe. Gumercindo (centro) e as Irmãs Teresinha - Década de 1950

Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

A posse do novo bispo de Aracaju, Dom Fernando, que substituiu D. José após sua morte, revigorou os ânimos de Pe. Gumercindo que imaginava que esse bispado daria o reconhecimento de sua congregação. Mas desde início de seu bispado, Dom Fernando mostrou-se totalmente contrário ao reconhecimento da Sociedade Santa Teresinha como uma congregação religiosa, exigindo que tivesse seu estatuto reformulado tornando-a em uma simples associação, bem como exigiu, também, que o próprio Ginásio Santa Teresinha deixasse de funcionar como uma instituição educativa. As exigências do bispo acirraram ainda mais suas desavenças com Pe. Gumercindo.

Abalado, Pe. Gumercindo não desistiu e procurou apoio entre alguns superiores da Igreja para o reconhecimento da sua sociedade<sup>61</sup>. Como pessoa jurídica a Sociedade Santa Teresinha continuou existindo, uma vez que seu estatuto civil foi aprovado. Em meio à luta de reconhecimento da sua sociedade religiosa pelas autoridades religiosas, no ano de 1952 o padre José Gumercindo é transferido para a Bahia, por não aceitar as decisões e opiniões do bispo D. Fernando Gomes. É importante destacar que para muitos D. Fernando é visto como um dos maiores opositores que Pe. Gumercindo teve durante a luta pelo reconhecimento da Congregação Santa Teresinha.

---

<sup>61</sup> Dentre os quais podemos citar: Mons. Carlos Costa, o bispo Dom Henrique Golland Trindade.

Mesmo residindo em Tucano/BA Pe. Gumercindo nunca esquecera de sua obra em Sergipe e continuou em busca de seu reconhecimento enquanto congregação religiosa. E somente em 14 de fevereiro de 1962 essa congregação foi aprovada pelo Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju, D. José Vicente Távora, tendo como superiora Geral a Madre Valdelícia Martins da Silva e tendo sua sede transferida para Aracaju.<sup>62</sup>



Foto 10: Madre Valdelícia Martins da Silva – s/d  
Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

Tendo sua congregação reconhecida como uma sociedade religiosa, devendo funcionar segundo as normas do direito canônico, as irmãs Teresinha ganharam o direito de tornar a usar seus trajes religiosos. Essa congregação visava oferecer à Igreja religiosas formadas nos mais diferentes setores de atividades que primassem pela catequese,

---

<sup>62</sup>Como organização religiosa de direito diocesano, a Congregação Santa Teresinha faz-se presente em 5 estados do Nordeste brasileiro: Alagoas, Bahia, Ceára, Piauí e Sergipe, desenvolvendo também trabalhos de missões pastorais e catequese em Guiné Bissal.

educação, ação católica, imprensa, administração paroquial, visitação às famílias pobres e aos movimentos de educação de base.

As Irmãs Teresinha, dentro de seu estabelecimento de ensino, primaram pela formação educacional, religiosa e cultural da juventude de Boquim e cidades circunvizinhas. Mesmo diante das dificuldades que enfrentaram para poder ter a sua congregação aprovada pela Diocese, em nenhum momento, ao longo do período em estudo, essas religiosas fecharam as portas de sua casa de educação. Manter o Ginásio Santa Teresinha de portas abertas significa não só a sustentação financeira das irmãs, mas principalmente a comprovação do ideal de seu fundador, Pe. Gumercindo, que era primar pela educação da juventude.

### **2.3. De Externato a Ginásio Santa Teresinha**

#### **2.3.1. As Instalações**

O Ginásio Santa Teresinha foi inaugurado no dia 31 de janeiro de 1947, após a celebração de uma missa solene na Igreja Senhora Santana da cidade de Boquim, em homenagem a Dom Bosco, sendo o registro de sua fundação no dia 12 de março de 1947. O desejo inicial do Pe. Gumercindo era fundar apenas uma casa de educação para atender a juventude pobre, como foi o Lar Nossa Senhora das Graças, mas para manter financeiramente a Congregação Santa Teresinha criou o Ginásio Santa Teresinha, uma instituição de ensino particular que atendia os filhos das famílias de maior poder aquisitivo da época.

Nos anos 40 do século XX, Boquim iniciava a intensificação do cultivo da laranja, surgindo assim pequenos e grandes produtores. A partir de então essa cidade viu sua economia desenvolver-se em torno dos plantios de laranjais e tornou-se a cidade mais importante do estado de Sergipe no cultivo de laranjas, tangerinas e limão. A laranja tornou-se, então, a base da economia do município. Foi em meio a essa expectativa positiva em torno do cultivo da laranja, presente na economia e na sociedade boquinense, que o Pe. José Gumercindo Santos, com o apoio do Bispo de Aracaju, D. José Tomás, e de amigos fazendeiros, ergueu naquele solo o Ginásio Santa Teresinha.

Nesse período em Boquim, os moradores da área da zona urbana contavam apenas com uma escola de ensino primário, pertencente à rede pública, o Grupo Escolar Severiano Cardoso. As famílias mais abastadas ficaram animadas pela iniciativa do padre, pois agora seus filhos não mais precisariam deslocar-se para a capital em busca de um ensino de melhor qualidade.

Antes mesmo da vinda das Irmãs Teresinha para a cidade de Boquim, o Pe. Gumercindo, após várias visitas à cidade, criou a primeira turma de sua instituição de ensino, iniciando suas atividades em 1946. As aulas foram ministradas pela professora Maria de Oliveira, e a turma era composta de 18 alunos, sendo 10 do sexo masculino e 8 do sexo feminino<sup>63</sup>.

Criado com a finalidade de educar a juventude de Boquim em consonância com os preceitos morais e religiosos da Igreja Católica, a implantação do Ginásio Santa Teresinha revela a importância que a educação escolarizada vinha ganhando na sociedade. A educação da criança tem como instituição maior a família, e de acordo com Elias (1994), a família é a principal e dominante instituição cuja função é instilar controle de impulsos. Só a dependência social da criança face aos pais permite a regulação e moldagem socialmente requeridos dos impulsos e das emoções, ou seja, são os pais quem primeiro ensina e educa o filho a conviver em meio social, são as regras familiares que controlam os impulsos da criança e civilizam seu comportamento. Mas as instituições educativas também ganham seu papel de educar, sendo legitimadas pela sociedade. A criação do Ginásio Santa Teresinha marca a história da educação confessional católica de Sergipe, pois foi o primeiro estabelecimento de ensino católico do estado que, ao ser implantado, já ministrava aulas em turmas de ensino misto, sendo que em turnos separados, ou seja, os alunos do sexo masculino estudavam no período da manhã e os do sexo feminino estudavam no período da tarde<sup>64</sup>. A implantação das aulas para meninos e meninas em turnos separados ocorreu apenas durante o primeiro ano de funcionamento; nos demais anos as aulas eram ministradas para ambos os sexos dentro do mesmo espaço e tempo. A tentativa inicial de admitir o ensino misto em turnos separados demonstra que a iniciativa

---

<sup>63</sup> A presença desta turma na história do Ginásio Santa Teresinha é marcada por algumas controvérsias, pois a sua existência só é comprovada apenas nas documentações sobre a estatística de ensino. Nos demais documentos ou até nas falas dos entrevistados existe um silêncio sobre essa turma. Alguns entrevistados chegam até mesmo a demonstrar total desconhecimento de sua existência.

<sup>64</sup> Em 1929 o Colégio Imaculada Conceição da cidade de Capela, do estado de Sergipe foi fundado, para atender a educação do sexo feminino, mas dois anos após a sua fundação passou a ofertar o curso primário para menino em regime de externato e internato. Sobre o assunto ver: SANTOS, Sandra Maria dos. A trajetória educacional em Capela: a experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929-1954). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2002. Monografia (Graduação em História).

serviu como uma experiência que objetivava observar a reação da população e especialmente da Igreja.

Diferentemente de outras instituições educativas de ensino confessional católico criadas em Sergipe, o Ginásio Santa Teresinha não iniciou suas atividades sob o teto de um grande edifício que ostentava luxo, riqueza e poder. O Pe. Gumercindo, após decidir que Boquim seria a cidade sergipana em que ele iria erguer sua congregação religiosa e seu colégio, saiu em busca de ajuda de amigos para angariar fundos com o objetivo de construir as instalações de suas instituições.

A compra do local que serviria para o funcionamento de atividades de suas obras deu-se através da ajuda de amigos. Foram compradas 3 casas velhas, que ficavam situadas ao lado direito da praça da igreja matriz. Os cômodos das casas foram redistribuídos dentro do quadro de organização de uma instituição educativa. Cada quarto foi aproveitado como sala de aula, compondo assim o universo de quatro salas amplas e arejadas. Os demais compartimentos das casas foram aproveitados para as instalações da diretoria e biblioteca. O terreno em que estava situada era extenso e ao fundo havia um sítio com árvores frutíferas. Anos mais tarde, uma parte desse terreno foi utilizada para a construção de uma quadra de esporte e de um palco para o teatro, pois, sendo Pe. Gumercindo admirador de D. Bosco, o teatro para ele era uma importante atividade educativa. Adjetivos como “velha”, “simples” e “casebre” foram sempre pronunciados pelos entrevistados ao relatar sobre as primeiras instalações do Ginásio Santa Teresinha. Consoante confirmação de um ex-aluno,

O padre quando chegou a Boquim comprou umas casas velhas. E foi aos poucos erguendo o colégio, derrubando paredes, levantando paredes. Mas o colégio foi feito de casas velhas. Fez a frente bonita como a Santa Teresinha [...] E ele fez também quadra para Educação Física (Fernando, 2007).<sup>65</sup>

O fato de a primeira instalação do Ginásio Santa Teresinha ter sido em casas velhas revela as condições financeiras do padre naquele momento. No entanto, não se pode esquecer que, apesar de a casa ter uma estrutura física que ficava muito aquém das estruturas físicas dos outros colégios católicos, sua localização era privilegiada. Situada ao lado da praça da Igreja Matriz Senhora Santana, que era um trecho da área urbana de maior valor econômico da cidade, demonstrava que tipo de clientela a instituição iria atender. O

---

<sup>65</sup> MATOS, Fernando Ferreira. Entrevista concedida à autora em 10 de janeiro de 2007.

fato de estar localizada em uma área de grande visibilidade social e religiosa, visto que ficava ao lado da igreja matriz, permite-nos compreender que naquela instituição seriam educados os filhos e as filhas das famílias boquinenses de maior poder aquisitivo. A proximidade à igreja matriz é também um ponto estratégico, pois contribuiu para demonstrar e impor toda a religiosidade do estabelecimento educativo. A imponência do Ginásio Santa Teresinha não foi alicerçada em sua estrutura física, mas principalmente em sua localização, próxima à igreja, pois o Ginásio era assim entendido como uma extensão da própria igreja. Para Bencosta

A escolha da zona urbana para a construção do prédio remete ao entendimento de que as questões práticas: se, por um lado, se perderia a possibilidade de um contato mais intenso com a natureza, por outro, haveria uma maior facilidade no transporte e uma certa comodidade na proximidade com moradias e casas de comércio. Este último aspecto reflete, inclusive, uma questão econômica: a escola teria suas despesas mantidas exclusivamente através do pagamento da população pelos serviços prestados. Assim, a localização da escola deveria considerar a existência, nas proximidades, de famílias com condições econômicas suficientes para manter seus filhos ali estudando. Este aspecto acabava por afastar a congregação da população mais carente e efetiva seu trabalho junto às classes médias urbanas (BENCOSTA, 2005, p. 199 - 200)

O aspecto simples da aparência física do Ginásio Santa Teresinha no início de suas atividades comungava também com todo o conjunto físico das instalações, que não dispunham de água encanada nem luz elétrica, sendo que esta última só foi possível em 1961. A água utilizada no Ginásio era comprada de carroceiros que a traziam dos riachos que ficavam próximos à cidade, pois ainda não contava com uma rede de esgoto de saneamento básico.

Criado com o nome Externato Santa Teresinha, esta instituição iniciou suas atividades sob a direção do seu fundador, que foi auxiliado pelas Irmãs Teresinha. De acordo com o Relatório da Inspeção Escolar, após uma visita realizada em 20 de novembro de 1947, esse estabelecimento de ensino já possuía, no início de suas atividades, um prédio próprio com uma área coberta em formato de U, composta por quatro salas de aula, três varandas, três banheiros, vestiários, uma sala de biblioteca e uma área livre e ampla apropriada para as aulas de Educação Física. O mobiliário foi comprado por Pe. Gumercindo, que, ao tomar conhecimento de que o Educandário Serigi<sup>66</sup>, localizado na

---

<sup>66</sup> O antigo Educandário Serigi tinha como proprietário o professor Temistócles Viana, que já conhecia Pe. Gumercindo através de seus trabalhos como missionário salesiano.

cidade de Estância, tinha fechado, dirigiu-se até aquela cidade para comprar todo o mobiliário que pertencia a esse educandário. E de lá Pe. Gumercindo trouxe tudo que foi possível: mesa, carteira, armários e alguns materiais pedagógicos.

Atendendo uma matrícula inicial de 173 alunos, o Externato Santa Teresinha funcionava com o curso primário, tendo 92 alunos do sexo feminino e 81 do sexo masculino; todavia, segundo o relatório da Inspeção Escolar, no final do segundo semestre de seu primeiro ano letivo, já atendia 224 alunos. As aulas tinham início na primeira semana do mês de março e terminavam no final do mês de novembro, funcionando das 8 h às 12 h e das 13h30 às 17h30 horas. Cada aula, em ambos os turnos, tinha uma duração de 50 minutos.

Segundo o Relatório da Diretoria, no ato da matrícula os alunos, de ambos os sexos, deveriam apresentar: certificado de vacina, atestado constando não sofrer nenhuma moléstia infecto-contagiosa, registro civil e pagamento da primeira mensalidade no valor de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros). O pai que matriculasse três filhos obteria dez por cento de desconto, e se fossem quatro filhos matriculados, um dos filhos estudaria gratuitamente. Era também, permitido que durante um ano 10 órfãos estudassem neste estabelecimento de ensino sem custo financeiro. O artigo XXVIII desse Relatório garantia ao aluno que fosse classificado em primeiro lugar, de acordo com a média final, um ano de estudo totalmente gratuito.

Em novembro de 1948, o Pe. Gumercindo recebeu a notícia de que o Externato Santa Teresinha foi aprovado para ministrar o curso ginásial e que a partir daquele dia seria denominado Ginásio Santa Teresinha, tendo como primeiro inspetor escolar Dr. Osvaldo de Almeida Sampaio<sup>67</sup>. A aprovação do curso ginásial foi recebida com festa e alegria por todos da Congregação e da sociedade de Boquim, e em dezembro do mesmo ano foi realizado o primeiro exame de admissão.

Naquela época as cidades que possuíam um ginásio eram abençoadas e felizes, porque estavam crescendo culturalmente. E quando chegou a autorização e o padre anunciou teve missa e alegria. E logo em seguida foi feito o exame de admissão que a gente fazia prova de Português, Matemática, Geografia e História. A gente fazia provas escritas e orais [...] (Fernando, 2007)<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> Ao longo do período em estudo, o Ginásio Santa Teresinha teve 5 inspetores escolares: Osvaldo de Almeida Sampaio, Alvina Marques da Silva, Francisco Simões Freire, Mary Dantas Silva e Aroaldo Soares Santos.

<sup>68</sup> MATOS, Fernando Ferreira. Entrevista concedida à autora em 10 de janeiro de 2007.

A aprovação do curso ginásial foi motivo de orgulho para todos da cidade, inclusive as autoridades, como pode ser comprovado no discurso do vereador José Jacomildes Barreto, que, na tribuna da Câmara Municipal, falou sobre a importância do Ginásio Santa Teresinha para a educação de Boquim:

Atendendo o que se concretiza hoje nesta cidade uma realização de grande vulto, que constitui um marco de progresso para o município de Boquim, tal seja o início do primeiro ano letivo do primeiro ginásio oficializado do sul do Estado de Sergipe, o Ginásio Santa Teresinha, sob a esclarecida direção do Revmº Sr. Padre José Gumercindo dos Santos, atendendo a que ninguém é dado desconhecer a elevada significação histórica do grande empreendimento que enaltece nosso povo e nossa gente da grande parcela de glória da importante realização. (Pronunciamento de José Jacomildes Barreto na Câmara Municipal de Boquim, 1949).

O discurso do vereador, além de demonstrar a satisfação da sociedade em ter na sua cidade o Ginásio Santa Teresinha, comprova, também, a admiração e o respeito que todos tinham ao Pe. José Gumercindo, pois este possibilitou aos jovens de Boquim uma educação fundamentada nos princípios da fé católica.

Aos poucos, o Pe. Gumercindo foi modificando a estrutura física de sua instituição educativa, fazendo construções como: sala de professores, capelinha, novas salas de aulas, um sala de reunião, diretoria, palco, quadra para Educação Física, banheiros, pátio, biblioteca e refeitório. Todo o prédio foi pintado nas cores creme e marrom-escuro. Na frente do estabelecimento havia seis janelões, uma porta de entrada principal, sendo que ao lado outra porta dava acesso ao interior do estabelecimento. Os janelões que ficavam à frente do Ginásio eram compostos com parapeitos que impediam a visão da rua. A fachada foi toda modificada e no alto foi colocada uma imagem de Santa Teresinha, que media dois metros, esculpida por um engenheiro que veio de Pernambuco, exclusivamente para reformar toda a fachada do prédio<sup>69</sup>.

Todas as medidas adotadas, como as instalações para oferta do curso ginásial, criavam a imagem de um espaço educativo no qual a juventude receberia uma boa educação regada de valores morais e religiosos de acordo com a fé cristã. O Ginásio Santa Teresinha teve todo o seu espaço físico modificado e ampliado para melhor atender a clientela. Ao seu lado foi erguida a residência das freiras e ao fundo, o Lar Nossa Senhora das Graças.

---

<sup>69</sup> Até o ano de 2006, Colégio Santa Teresinha permanecia com a mesma fachada.





Foto 11: Fachada do Externato Santa Teresinha - Década de 1950.  
Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

A primeira administração do Ginásio Santa Teresinha era formada pelo Pe. Gumercindo, diretor, e pelo professor Alfredo Alves Oliveira, vice-diretor, que se mantiveram no cargo até o ano de 1953, quando o padre foi transferido para a Bahia, deixando a direção a cargo do vice, que permaneceu durante um ano. Em 1954 a direção do Ginásio ficou sob a administração da Ir. Theosete Gomes de Oliveira, que foi substituída em 1956 pela Madre Valdelícia Martins Silva, que ficou na direção até o ano de 1966, sendo substituída por Ir. Francisca N. Paes Barreto.



Foto 12: Pe. Gumercindo  
Fonte:Acervo da Congregação S.Teresinha  
Autoria Desconhecida

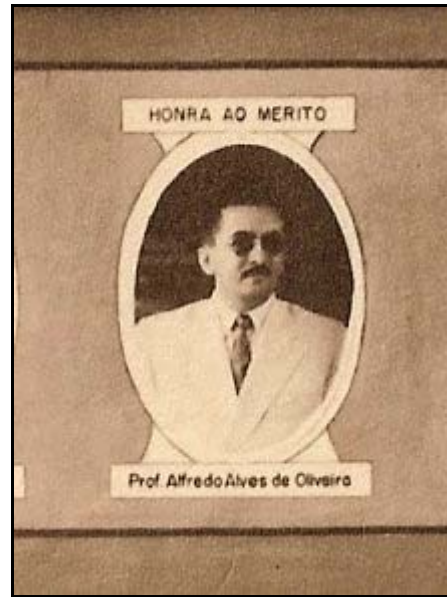


Foto 13: Prof. Alfredo Oliveira  
Fonte:Acervo da Congregação S. Teresinha  
Autoria Desconhecida



Foto 14: Ir. Theosete G. Oliveira  
Fonte:Acervo da Congregação S. Teresinha  
Autoria Desconhecida



Foto 15: Ir. Valdelícia M. Silva  
Fonte:Acervo da Congregação S.Teresinha  
Autoria Desconhecida

Entre os anos de 1960 e 1963 a madre continuava assinando toda a documentação da instituição como diretora, mas quem estava à frente nesse cargo era a Ir. Nicária Matos do Nascimento seguida pela Ir. Lídia da Anunciação. Tanto a madre Valdelícia como o Pe. Gumercindo, mesmo não estando à frente da direção, estava presente nos bastidores, cuidando e zelando pelo nome da instituição.



Foto 16: Ir. Nicária M. Nascimento  
Foto:Acervo da Congregação S. Teresinha  
Autoria Desconhecida



Foto 17: Ir. Lídia da Anunciação  
Fonte:Acervo da Congregação S. Teresinha  
Autoria Desconhecida



Foto 18: Ir. Francisca N. Paes Barreto  
Fonte: Acervo da Congregação Santa Teresinha  
Autoria Desconhecida

Como se pode ver, o quadro de diretores do Ginásio Santa Teresinha foi sempre composto por membros da Congregação Santa Teresinha, com exceção do professor Alfredo, que assumiu a direção logo após a saída do Pe. Gumercindo. A escolha deste para dirigir o Ginásio foi possível porque ele mesmo estava iniciando sua caminhada na vida religiosa, sendo um dos primeiros aspirantes da Congregação Joseleitos. Os diretores dessa instituição ocupavam sempre uma posição de destaque na sociedade de Boquim; a maioria deles recebeu o título de cidadão boquinense.

Cabia ao diretor, no uso de suas atribuições, ser o representante oficial do Ginásio Santa Teresinha perante as autoridades e de todos os assuntos que envolvessem o nome dessa instituição. Como só foi possível o acesso aos regimentos internos de 1948 e 1967,

as atribuições aqui apresentadas são exclusivamente expressas nestes documentos. Desta forma, de acordo com esses documentos, também competia ao diretor:

- a) Cumprir e fazer cumprir as leis do ensino e de tudo que determinava o regimento;
- b) Supervisionar as atividades relacionadas à administração, ao ensino e à disciplina;
- c) Convocar e presidir reuniões com os pais, docentes e mestres;
- d) Abrir e encerrar matrículas e inscrições em exames de admissão, bem como conceder matrículas gratuitas em consonância com o orçamento da instituição;
- e) Selecionar o corpo docente;
- f) Expedir e assinar certificados de conclusão de curso e transferências;
- g) Aplicar, conforme o regimento interno, as penalidades aos indisciplinados;
- h) Receber e aplicar as mensalidades;
- i) Firmar convênios com entidades públicas e particulares;
- j) Apresentar à Madre Geral da Congregação uma relação escrita ou oral do andamento da instituição, bem como atender as suas sugestões<sup>70</sup>;
- k) Organizar os horários conforme as condições do meio e do tempo;
- l) Sugerir métodos mais convincentes para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos;
- m) Exercer todas as atribuições que lhe foram conferidas.

As atribuições expressas em ambos os regimentos indicam que os diretores do Ginásio Santa Teresinha tinham atribuições específicas que contribuíam para um controle geral de todos os assuntos pertinentes à instituição. O papel do diretor era de extrema importância para o bom andamento dos trabalhos. Vale lembrar também que as ações do diretor estavam em constante consonância com as opiniões da madre geral da Congregação, pois, sendo de obrigação da diretoria manter a madre informada de todo o desenvolvimento dos trabalhos no Ginásio, competiria à direção considerar as opiniões por ela emitidas.

É importante destacar que embora essa instituição tenha sido criada e registrada como um externato, ao longo dos anos recebeu alunos e alunas internos. A maioria dos internos e das internas vinha das cidades circunvizinhas como Riachão do Dantas,

---

<sup>70</sup> Essa atribuição só está expressa no Regimento de 1967.

Pedrinhas, Lagarto, Arauá, Tobias Barreto e até mesmo de Paripiranga/BA e Rio Real/BA, cidades baianas. As fontes às quais tive acesso apresentaram poucas informações sobre a existência do internato para meninos e meninas. Contudo, foi possível colher algumas informações através das falas dos entrevistados. E de acordo com elas, desde o início das atividades do Ginásio Santa Teresinha, o regime de internato já funcionava para ambos os sexos, sendo que o internato masculino ficava localizado do outro lado da praça da igreja, onde atualmente funciona a Escola Estadual Pe. Gumercindo. Os alunos internos ficavam sob a responsabilidade do Pe. Gumercindo e do professor Alfredo Alves de Oliveira, enquanto que o internato feminino funcionava na residência das Irmãs Teresinha, que eram as responsáveis pelas internas.

Esses alunos, no ato da matrícula, recebiam a relação do enxoval, que era composto de duas fardas, um colchão, um travesseiro, uma bacia e pertences pessoais.

Os internos só retornavam para as suas casas nas férias do primeiro semestre e do final de ano. Ao longo deste tempo ficavam sob a vigilância do padre e das freiras. Quando se encontravam em horário normal de aula estavam fazendo os reforços escolares, bem como desenvolvendo alguma atividade religiosa.

Mesmo sobre a rigorosa vigilância a que eles estavam submetidos, alguns sempre organizavam uma fuga para passear na praça durante os finais de semana, como relata um deles:

[...] A gente era muito vigiado, mas mesmo assim a gente fugia de noite muitas vezes. Éramos rapazes solteiros de 12, 13, 14, 15 anos de idade, era nessa faixa etária. Aí a gente se juntava e quando o professor Oliveira tava dormindo, que como se fosse um bedel e tava dormindo, aí a gente rua. [...] E quando voltava, a gente olhava se ele ainda continuava dormindo. É, era muito difícil ele pegar (José, 2007)<sup>71</sup>.

Alguns entrevistados revelaram que a vida dentro do internato parecia com a de uma família entre pais e filhos em que todos teriam de cumprir com suas obrigações como cuidar de seus pertencentes, zelar pela higiene e a conservação do local, fazer as orações ao deitar e acordar e responder às tarefas escolares. Durante o dia eram feitas três refeições que seguiam um cardápio variado composto por leite, ovos, carne vermelha, peixe, galinha, verduras, legumes, frutas, arroz, feijão e doces para a sobremesa. A relação dos internos

---

<sup>71</sup> GÓIS, José Arivaldo. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

com os alunos externos era normal; todos tinham um bom relacionamento e participavam das mesmas atividades dentro do Ginásio.

O regime de internato implantado no Ginásio Santa Teresinha veio a atender a necessidade das famílias que buscavam educar seus filhos em uma instituição religiosa, mas não residiam na cidade de Boquim, e a cidade em que moravam na maioria das vezes não oferecia esse tipo de educação. Não obstante, é importante destacar que o regime de internato também foi utilizado por alguns pais como forma de punição para os filhos indisciplinados, ou seja, dentro do internato era comum alunos que residiam na cidade de Boquim e que por desobediência e travessuras foram punidos pelos pais ficando reclusos no internato.

O internato era assim compreendido como um espaço disciplinador, que pune, castiga e educa. Para Foucault (1987), o internato dentro dos colégios serve como um regime de educação muito freqüente para impor a disciplina<sup>72</sup>. Seria o internato um local disciplinador capaz de moldar o aluno conforme as regras de condutas privilegiadas pela instituição.

Possivelmente o número de internos aumentou após a implantação do curso ginásial, sendo que para serem matriculados neste os alunos antes prestavam o exame de admissão. Em dezembro de 1948 foi realizado o primeiro exame de admissão do Ginásio Santa Teresinha, o que consistiu num momento de grande expectativa tanto para os candidatos quanto para a direção do estabelecimento. Considerado como porta de entrada para o curso ginásial, e na época o Ginásio Santa Teresinha era a única instituição de ensino da cidade que ofertava essa modalidade, prestar exame de admissão era significava disputa pelas vagas.

Durante o ano abriam-se duas inscrições para a seleção do exame: o da 1ª e o da 2ª Época. No exame da 1ª Época às inscrições eram realizadas na última quinzena do mês de novembro, sendo que as provas aconteciam na primeira quinzena de dezembro. As inscrições do exame da 2ª Época ocorriam no início do mês de fevereiro e as provas aconteciam nas duas últimas semanas desse mês. Este exame da 2ª Época destinava-se exclusivamente aos alunos que não obtiveram êxito na 1ª Época, ou que por algum motivo não prestaram o exame da 1ª Época em outro estabelecimento. Para as inscrições dos candidatos eram exigidos os seguintes documentos:

---

<sup>72</sup>Sobre o assunto ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência na prisão. Trad. Raquel Ramallete. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 122.

- a) Declaração firmada pelo próprio candidato ou responsável, de que ele não se inscreveu e nem se inscreverá nos exames de admissão ofertados em outros estabelecimentos no mesmo período;
- b) Documento comprovando ter o candidato a idade de pelo menos 11 anos completos, ou por completar até 30 de junho seguinte;
- c) Exames de sanidade física e mental e de imunização anti-variólica;
- d) Atestado de conclusão de curso primário ou uma prova de ter recebido satisfatória educação primária.

Após as inscrições os candidatos realizavam provas escritas e orais de Português, Matemática, Geografia e História, nas quais teriam que obter nota igual ou superior a 5,0<sup>73</sup>. Como nas provas mensais, a prova oral era vista como o grande monstro pelos candidatos, visto que estes ficavam defronte para a banca examinadora composta por 3 professores designados pela direção, dos quais um era o professor da disciplina correspondente à prova.

[...] No dia do exame ia todo mundo fazer a prova, depois obtinha o resultado. Esse exame de admissão era assim, como eu falei tinha a prova escrita com tudo, tipo um vestibular de hoje, e depois tinha a prova oral que era o terror dos alunos, mas depois que a gente realizava o teste oral e escrito a gente sentia aquele alívio, sentia como se estivesse de alma nova. E quando recebia o resultado que a gente ia buscar no colégio, que ficava lá a lista em que dizia quem estava aprovado com as notas e tudo. E depois era colocada outra lista chamando para fazer a matrícula. Naquela época a gente não tinha noção de vestibular, mas era como se fosse entrando em uma faculdade, em uma universidade. A prova oral quem fazia era o professor da própria disciplina. Por exemplo: se fosse a prova de história, quem fazia as perguntas orais como também as escritas era o professor de História, e assim sucessivamente (Eleonoura, 2007)<sup>74</sup>.

De acordo com o livro de inscrições no exame de admissão, no primeiro exame de admissão que ocorreu em 1948 foram inscritos 39 candidatos, sendo aprovados 29. Mas os anos de 1959 e 1967 foram os que registraram o maior número de candidatos inscritos, como mostra o Quadro 1.

---

<sup>73</sup> A partir de 1967 os candidatos só realizavam as provas escritas objetivas, subjetivas ou mistas.

<sup>74</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus de. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.

**Quadro 1- Inscrições do Exame de Admissão**

ANO	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA
<b>1948</b>	<b>39</b>	<b>-</b>
<b>1949</b>	<b>13</b>	<b>11</b>
<b>1950</b>	<b>20</b>	<b>-</b>
<b>1951</b>	<b>15</b>	<b>18</b>
<b>1952</b>	<b>22</b>	<b>04</b>
<b>1953</b>	<b>14</b>	<b>10</b>
<b>1954</b>	<b>27</b>	<b>03</b>
<b>1955</b>	<b>22</b>	<b>11</b>
<b>1956</b>	<b>14</b>	<b>12</b>
<b>1957</b>	<b>-</b>	<b>20</b>
<b>1958</b>	<b>22</b>	<b>-</b>
<b>1959</b>	<b>59</b>	<b>16</b>
<b>1960</b>	<b>21</b>	<b>-</b>
<b>1961</b>	<b>28</b>	<b>03</b>
<b>1962</b>	<b>44</b>	<b>-</b>
<b>1963</b>	<b>39</b>	<b>-</b>
<b>1964</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>1965</b>	<b>24</b>	<b>23</b>
<b>1966</b>	<b>39</b>	<b>-</b>
<b>1967</b>	<b>69</b>	<b>17</b>
<b>1968</b>	<b>54</b>	<b>9</b>

Fonte: Quadro elaborado de acordo com o Livro de Inscrições no Exame de Admissão – 1948 - 1968.

Tomando como base somente os exames da 1ª Época, verifica-se que a partir do primeiro exame de admissão realizado, o número de inscritos sofre variações entre o total de 13 a 69 candidatos, sendo que o ano de 1949 foi o que teve o menor número de inscritos, registrando apenas 13 candidatos. Verifica-se também que somente a partir do final da década de 1950 é que o número de inscrições vai apresentar certo equilíbrio nos anos seguintes. A explicação para um aumento mais equilibrado durante esse período está no fato de que neste momento o Ginásio Santa Teresinha encontrava-se mais consolidado.



Contudo, é importante destacar que a análise das atas do exame de admissão comprova que o número de reprovados no exame era ínfimo, como também o número de inscritos na 2ª Época. A aprovação no exame de admissão era tida como motivo de orgulho para os pais, pois seus filhos estavam aptos para cursar o Ginásio.

### **2.3.2 O Tocar da Corneta: um chamado para as aulas**

O sugestivo título desse item foi escolhido como forma de melhor compreender o cotidiano e ambiente educativos do Ginásio Santa Teresinha. O som da corneta e a religiosidade foram constantes nas falas dos ex-alunos entrevistados. Todos eles, ao serem questionados sobre sua cotidianidade no Ginásio, seguem um ritual de expressão que não pode deixar de ser registrado. Fecham os olhos, suspiram fundo e dizem: “Parece que estou ouvindo o som da corneta tocada pelo padre Gumercindo, nos avisando que já era hora de entrar para estudar”.

Inicialmente a corneta era tocada pelo padre José Gumercindo, que dirigiu o estabelecimento no período de 1947 a 1953. Em sua ausência, um aluno do ginásio assumia o posto para convocar seus colegas para o estudo. O toque da corneta era o sinal apenas de entrada, pois o aviso da hora do recreio e da saída fazia-se com um sino de mão.

Às 7 horas da manhã os alunos do turno matutino iam-se juntando na Praça da Igreja da cidade de Boquim. Chegavam um a um e começavam a jogar conversa fora e a fazer brincadeiras até ouvirem a corneta. Neste momento todos corriam para formar a fila e esperar a fiscalização do fardamento.

Segundo Foucault, o horário é uma velha herança da história da humanidade e apresenta-se em três grandes processos que são: estabelecer as censuras; obrigar as ocupações determinadas e regulamentar os ciclos de repetição. Continuando, esse autor afirma que:

[...] muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais. Dentro dos antigos esquemas, as novas disciplinas não tiveram dificuldade para se abrigar; as casas de educação e os estabelecimentos de assistência prolongavam a vida e a regularidade dos conventos de que muitas vezes eram anexos. O rigor do tempo industrial guardou muito uma postura religiosa; no século XVII, o regulamento das grandes

manufaturas precisava os exercícios que deviam escandir o trabalho (FOUCAULT, 1987, p. 117).

Ser pontual e comportar-se bem na fila eram a obrigação dos alunos que eram constantemente vigiados. O tempo é um elemento que contribui para o disciplinamento do corpo. Dividir e respeitar o tempo garante a qualidade do tempo empregado. “O tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade [...] (FOUCAULT, 1987, p. 129).

No Ginásio Santa Teresinha o tempo era dividido e respeitado com requintes de cobrança e controle. Todos os dias o padre ou uma das freiras controlava o tempo e encarregava-se de observar se os alunos estavam rigorosamente vestidos com o fardamento completo, como exigiam as normas. A Irmã Lídia<sup>75</sup> na sua gestão de diretora era quem se responsabilizava por essa tarefa. Saía observando aluno por aluno e quando encontrava um deles sem o fardamento completo ou uma aluna com a saia cujo comprimento estivesse acima do joelho, retirava-a da fila, mandava-a para casa para providenciar o aumento do comprimento da farda. Às vezes ela mesma desmanchava com o dedo a bainha como uma forma de demonstrar o tamanho correto da saia.

Esse ritual diário que marcava a entrada no Ginásio Santa Teresinha, em que os alunos eram fiscalizados pelos olhos da direção no tocante ao uso da farda e ao comportamento, também foi constante no cotidiano dos ginásios de Aracaju dos anos 1950. Graça afirma que

Em escolas particulares mais tradicionais, o diretor ou diretora, do alto de um púlpito (edificado em madeira ou cimento), comandava a solenidade e fazia uma rápida preleção de aconselhamento e recomendação comportamentais. Por muitas vezes, era essa a ocasião da diretora ou algum bedel observar o asseio e a inteireza do fardamento escolar, o cumprimento adequado dos cabelos dos meninos, e decência do traje da menina. Alguns eram discretos ou publicamente, retirados do grupo por apresentarem um botão caído, uma manga não abotoada, uma saia mais curta, um sapato sujo de lama, um cabelo crescido para os padrões da época e para as exigências da escola (GRAÇA, 2002, p. 84).

A farda trazia em si uma simbologia carregada de valores e identidades. Era o objeto com que se identificava o aluno do Ginásio Santa Teresinha; por ela perpassava-se a idéia de ordem do estabelecimento, a uniformização, a disciplina, a elegância e a igualdade. O uniforme compunha-se por dois fardamentos para ambos os sexos, um de

---

<sup>75</sup> Irmã Lídia de Anunciação foi diretora do Ginásio Santa Teresinha no período de 1962 a 1963.

gala e outro diário. O fardamento de gala masculino nos primeiros anos de funcionamento era militarizado, com calça e camisa de mangas compridas na cor cáqui e com um quepe marrom e preto. Já a farda diária era mais simples, composta de calça e camisa de mangas curtas, também na cor cáqui e sem quepe. Na década de 1960 o uniforme masculino passou a ser calça azul-marinho e camisa de cor branca com quepe azul.



Foto 19: Fardamento de gala masculino – ano 1952  
Fonte: Acervo particular de Fernando Ferreira Matos  
Autoria: Desconhecida

Quanto ao fardamento feminino, segundo as depoentes, este era uma farda muito bonito e alinhada para as meninas da época. A farda de gala compunha-se de saia de pregas de cor azul-marinho e blusa branca, de mangas compridas e gola arredonda da mesma cor da saia. As meninas também usavam um chapéu azul, tipo boina, que inicialmente era feito de crochê, mas depois passou a ser comprado pronto em tecido aveludado. A farda diária consistia em um traje mais simples, como bem lembra uma depoente:

A farda diária no meu tempo era saia azul-marinho de pregas com uma blusa azul celeste com cosinho na cintura e meia manga. E a farda de gala era sapato preto, meia branca, saia plissadinha azul-marinho, blusa branca de mangas compridas com gola e punhos azul-marinho e chapéu, que hoje vocês chamam de boina. Mas o nosso era lindo. Era um

chapeuzinho mesmo, azul-marinho. A nossa farda era linda e ainda hoje tenho saudades (Ir. Eleonoura, 2007).<sup>76</sup>



Foto 20: Fardamento de gala feminino, década de 1950  
Fonte: Acervo de Maria José Ávila.  
Autoria: Desconhecida

É importante observar que ao longo do período em estudo o fardamento do Ginásio sofreu modificações de cor e modelo. A análise das fontes pesquisadas não permitiu encontrar resposta para o porquê da mudança da cor do uniforme masculino, dos modelos dos uniformes, nem tampouco entender por que o uniforme feminino, desde o início, foi na cor azul. Contudo, é possível levantar a assertiva de que a opção do Pe. Gumercindo pela cor cáqui no primeiro fardamento masculino justifica-se pelo fato de estas cores aproximarem-se das tonalidades de cores das vestes de Santa Teresinha. Pode-se concluir que, mesmo sofrendo mudanças no modelo e na cor, a elegância, a higiene e o rigor no tamanho das saias estavam sempre presentes dentro das exigências e normas do estabelecimento, expondo de forma concreta para a sociedade sua disciplina.

<sup>76</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus de. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.



Foto 21: Fardamento diário feminino, década de 1960

Fonte: Acervo de Eleonora de Jesus Morais.

Autoria: Desconhecida

Após revistar o uniforme, dava-se início à sessão de reza e hinos religiosos e cívicos. Algumas das orações feitas e hinos religiosos eram de autoria do padre José Gumercindo. No tocante à entoação dos hinos cívicos, todos os dias essa atividade era uma forma de trabalhar o amor à pátria, pois, sendo um educandário de ensino confessional católico, o Ginásio Santa Teresinha buscava desenvolver a formação religiosa, moral e cívica do estudante. O ritual diário de orações e louvores demarcava o quanto a religiosidade fazia-se presente no ideário educativo do Ginásio Santa Teresinha.



FOTO 22: Fardamento de gala masculino e feminino - 1961  
Fonte: Acervo de Eleonora de Jesus Moraes.  
Autoria: Desconhecida

### 2.3.3. Os Professores: zeladores do saber

O ambiente escolar do Ginásio Santa Teresinha fundamentava-se nos preceitos católicos. Nas aulas, os professores deveriam incentivar o aluno à observação e ao desenvolvimento de sua auto-aprendizagem por meio de trabalhos escolares, jogos e outras práticas educativas<sup>77</sup>.

Escolhiam-se os professores do Ginásio após uma rigorosa seleção de currículos e cartas de recomendação expedidas pela Inspeção Escolar. Os docentes, além da responsabilidade de desenvolver, no discente, a sua auto-aprendizagem, tinham o dever de cooperar com a diretoria, chegar ao estabelecimento cinco minutos antes do início das

---

<sup>77</sup> Sobre a observação como método de ensino, os estudos de Faria Filho indicam que essa etapa da observação minuciosa e organizada é condição para a progressiva passagem, pelos alunos de um conhecimento sensível para a elaboração mental superior, reflexiva dos conhecimentos. Tal etapa inicia-se pelas lições de coisas, momentos em que o professor deve criar as condições para que os alunos possam ver, sentir, observar os objetos. Podia se realizar tal procedimento utilizando-se dos objetos escolares ou dos objetos levados para a escola [...] (FARIA FILHO, 2000, p.143).

aulas, assinar diariamente o livro de ponto e assistir a todas as solenidades cívicas e literárias do estabelecimento.

De acordo com a fala dos ex-alunos, o momento de aula, em sala era de muito respeito e obediência às regras de bom comportamento e disciplina. As aulas desenvolviam-se de forma expositiva e regadas de muita cobrança e exigência. Dentre as aulas que os alunos mais recordam em suas memórias, está a da disciplina História ministrada pelo professor Gibson. Era uma aula repleta de informações, exigência e temor por parte dos alunos.

Dr. Gibson era muito severo. E a gente ficava com receio porque ele era uma pessoa muito séria e exigente. A gente sentia aquela exigência só em olhar para ele [...] (Ir. Eleonoura, 2007)<sup>78</sup>.

Um dos fatos que sempre marcaram as aulas de professor Dr. Gibson foi sua forte cobrança da atenção dos alunos, chegando a não permitir que estes conversassem com os colegas e nem olhassem para o lado. Nas avaliações realizadas mensalmente, o aluno teria de estar preparado tanto para a prova escrita quanto para a prova oral. Esta prova oral consistia no grande terror dos alunos, pois eles tinham que ficar em pé, defronte para o professor, que fazia as perguntas e cobrava respostas que deveriam ser dadas sem gaguejar.

Bem, a gente estudava e as notas eram boas. Não tinha esse negócio de bom e ótimo, era nota mesmo. Era nove, oito, sete, seis, cinco. Os professores eram enérgicos e a gente fazia muita argüição, pra realmente eles comprovarem se a gente estava estudando mesmo. Dr. Gibson fazia muita argüição em História e eu acho que foi por isso que me apeguei muito. Era uma argüição que não era brincadeira. E quando o aluno não respondia certo, pense na bronca na frente de todo mundo [...] (Rivanda, 2007).<sup>79</sup>

A posição rigorosa do professor Gibson e o temor dos alunos por ele podem ser justificados pelo fato de que esse docente, também era o juiz de direito da cidade. Desta forma, a sua posição social não só exigia como também transmitia para os alunos e para a sociedade em geral seriedade e posições mais enérgicas.

A lembrança dos professores do Ginásio Santa Teresinha é sempre repleta de alegria, carinho, admiração, respeito e temor. A cada palavra mencionada sobre seus professores, os depoentes, antes de tudo, suspiravam de saudades do momento de outrora,

<sup>78</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus de. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.

<sup>79</sup> MENESES, Rivanda dos Santos de. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

os quais, em meio a tantas exigências, receberam uma educação de “professores de qualidade”.<sup>80</sup>



Foto 23: Professor Gibson de Almeida Pinho. Ano de 1960  
Fonte: Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria: Desconhecida

O corpo docente do Ginásio no ano de 1949 compunha-se de seis professores e uma professora. Dos seis professores três eram religiosos. A presença dos padres ocupando a cadeira de professor no Ginásio deu-se não só porque se tratava de um estabelecimento de ensino confessional, mas também, especialmente, porque para a implantação deste estabelecimento o padre Gumercindo contou com o apoio de muitos amigos da vida religiosa que não recusaram a dar uma ajuda para o início das aulas. E de acordo com o Regimento Interno, a disciplina Religião era a única disciplina que tinha a obrigatoriedade de ter um sacerdote ou freira como professor.

---

<sup>80</sup> A composição do corpo docente do Ginásio diferenciava-se do corpo docente de outras instituições de ensino, sobretudo as da rede pública como por exemplo a Escola Normal Rui Barbosa. De acordo com Freitas, a falta de condições da professora dificultava o aprendizado da disciplina. As professoras da Escola Normal eram, em sua grande maioria, ex-alunas da Instituição, muitas vezes recém formadas. As outras eram auto-didatas ou estudaram com professores particulares em casa. Os cursos de especialização, ou mesmo as faculdades, na época tinham que ser cursados fora do estado; só no final da década de 1940, começaram a ser instalados os primeiros cursos superiores em Aracaju. Cf. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco**: Um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupos de Pesquisa e Estudos em História da Educação, 2003, p. 128-129.



**Quadro 2 – 1º Corpo Docente do Ginásio – Ano 1949**

<b>Professor</b>	<b>Disciplina</b>
Pe. Gumercindo dos Santos	Português, Matemática, Francês e Religião
Mons. Olívio Teixeira	Latim e História Geral
Pe. Maurício Fernandes	Geografia Geral
José Andrade	Desenho
Maestro Genaro Flisch	Canto Orfeônico
Ester Aquino Vasconcelos	Trabalhos Manuais
Sargento Rosalvo Teixeira Machado	Educação Física

Fonte: Quadro elaborado com base no Livro de Ata e Relatório do Ginásio Santa Teresinha - 1949.

Mesmo diante da forte presença dos religiosos ocupando a cadeira de professor, o corpo docente do Ginásio Santa Teresinha, ao longo do período de 1947 a 1968, foi também formado por juizes, advogados, sargentos, normalistas, freiras e pastores evangélicos. No total, passaram pelo Ginásio Santa Teresinha 54 professores, como demonstra quadro 3.

A disciplina Educação Física para meninos, até o ano de 1953, foi ministrada pelo sargento do exército Rosalvo Teixeira Machado, seguido pelo médico Edson Faria Brasil. A presença de um sargento do exército ocupando a cadeira de Educação Física do Ginásio Santa Teresinha pode indicar a forte presença dos militares no sistema de ensino brasileiro. Sobre a presença dos militares na Educação Física, Horta (1994) afirma que o decreto promulgado em julho de 1934 estabelecia:

[...] ensino de educação física a todos os estabelecimentos dependentes do Ministério da Educação, define os objetivos e os meios a serem empregados neste ensino com base no Regulamento de Educação Física do Ministério da Guerra e prevê um acordo entre o Ministério da Educação e Ministério da Guerra e da Marinha para a contratação de militares formados em Educação Física como professores desta disciplina nos estabelecimentos de ensino oficiais e fiscalizados (HORTA, 1994, p.67-68).

**Quadro 3 – Corpo Docente do Ginásio Santa Teresinha 1947 - 1968**

<b>NOME</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Alfredo Alves de Oliveira	1953	Matemática	
Anita Morais.	1948	Economia Doméstica	
Auxiliadora Monteiro Nascimento	1965 -1967	–	
Benedita B. A. Silva	1966	–	
Carlos Fernandes Melo	1953	–	
Carol Turnidge	1967	–	
Ducler Chaves	1953 - 1956	–	
Edson Farias Brasil	1953-1954 1955 -1956	Educação Física	
Eduardo Medeiros		–	
Elizaldino de Freitas	1955 - 1958	–	
Elze do Prado Barreto	1955 - 1956	–	
Erasmus Batista Andrade	1954 - 1967	Matemática e Ed. Física	Ed. Física para meninos
Ester Aquino Vasconcelos	1949	Trabalhos Manuais	
Fernando Ferreira de Matos	1960 - 1967	Matemática	Concluente da primeira turma do Ginásio.
Florisvaldo Rodrigues Dória	1955 -1956	–	
Genaro Flesh	1949	Canto Orfeônico	
Genisson Ribeiro	1948	Geografia do Brasil	
Gibson Pinho	1960 - 1965	História, Português e Geografia	Juiz de direito de Boquim
Honorina Lemos Monteiro	1955 - 1958	–	
Iolanda Chagas	1967	–	
Ir. Francisca N. Paes Barreto	1965 - 1967	Francês	
Ir. Lídia da Anunciação	1963-1964	Trabalhos Manuais e Ed. Física	
Ir. Lídia Fontes Silveira	1953 - 1954	–	
Ir. Luíza Isolda de Costa Corrêa	1953	–	
Ir. Maria Cabral	1953 - 1961	Português	
Ir. Rosa Sampaio	1955 - 1956	–	
Ir. Theosete Gomes Oliveira	1953 a 1955	História, Desenho	
Ir. Valdelícia Martins Silva	1954 -1956	Religião	
Jadson Barbosa de Matos	1960 -1962	Português e Desenho	Concluente da primeira turma do Ginásio
José Andrade	1949	Desenho	

José Antônio Fontes	1955 - 1956	—	
José Aroaldo Ávila	1967	—	
José Ávila Silva	1965 -1966	—	
José Luiz da Costa Gouveia	1953 - 1954	Religião	
José Nogueira Fontes	1953	—	
Leucio Barreto Silva	1965 -1967	Desenho	
Maria de Lourdes Melo	1953	Ed.Física	
Maria José Costa Dantas	1955, 1956 e 1967	—	
Maria José dos Santos	1967	—	
Mons. Olívio Teixeira	1949	Latim e História	
Orgnela Loepino Dantas	1955 a 1956	—	
Pe. José Gumercindo Santos	1947 a1953	Religião, Português, Matemática e Francês	
Pe. Epifânio Borges	1953	—	
Pe. João Batista Lima 1963 a 1968		Religião	
Pe. Maurício Fernandes	1949	Geografia Geral	
Pedro Domingos Monteiro	1955, 1958, 1960,1961	—	
Pedro Monteiro	1960 a 1961	—	
Rinaldo Costa e Silva	1962 a 1967	Latim, Francês e Geografia	Concluente da primeira turma do Ginásio e foi ex-juiz de direito de Boquim.
Rosa Lanyane	1954	—	
Rosália Bispo dos Santos	1948 e 1953	Ed. Física	Ed. Física para meninas
Rosalvo Teixeira Machado	1949 - 1953	Ed. Física	Ed. Física para meninos
Rosalvo Vieira Cruz	1965 -1967	—	
Sargento Flodoaldo Willian Turnidge	1955 - 1956 1967	Ed. Física	
Zenaide Graça Costa e Silva	1962 - 1965	Ciências	

Fonte: Quadro elaborado com base nos livros de ponto e folhas de pagamento de 1947 a 1968

Até o ano de 1967 a disciplina Educação Física foi ocupada apenas por militares, profissionais da área de saúde e normalistas<sup>81</sup>, os quais, para assumirem a função de professor, teriam de passar pela aprovação da Inspeção Federal.

A Inspeção Federal junto ao Ginásio Santa Teresinha apresenta a professora Dona Maria de Lourdes Melo, professora normalista, hábil e capaz de reger com eficiência essa cadeira, a título precário, de Dr. Edson Farias Brasil por não ter na cidade ninguém habilitado (Ofício 5 da Inspeção Federal, 1953).

Tanto nas aulas como nos recreios, que tinham uma duração de 10 minutos, os alunos ficavam sob a vigilância e cuidados dos professores, tendo de comportar-se de acordo com as normas da boa moral. O aluno que apresentasse mau comportamento e desobediência às ordens era repreendido pela direção do estabelecimento, que informava aos pais e pedia-lhes que tomassem as devidas providências, buscando melhorar o comportamento; caso contrário o aluno seria excluído das aulas. O controle do comportamento das crianças, até mesmo nos momentos de lazer, configura o controle social que nos é imposto desde a infância como mecanismo de civilidade. O olhar atento do diretor e dos professores ao comportamento da criança condiciona esta a se comportar de acordo com as normas estabelecidas controlando, assim, seus impulsos emocionais. E de acordo com Elias (1994), o controle das pulsões e emoções do indivíduo faz parte do processo civilizador de toda sociedade, pois molda o indivíduo em consonância com as regras de conduta estabelecidas socialmente.<sup>82</sup>

Os castigos físicos também faziam parte do cotidiano do Ginásio, como práticas de punição aplicadas por alguns professores. Mesmo alguns dos entrevistados apresentando total silêncio sobre o uso dos castigos físicos, quando questionados, indicaram alguns tipos de castigos. Dentre os castigos mais corriqueiros citados pelos depoentes estão o uso da palmatória e assistir às aulas em pé no canto da sala.

Entretanto, é perceptível a preocupação da direção do Ginásio com a composição do seu corpo docente, buscando sempre preenchê-lo com profissionais habilitados. É

---

<sup>81</sup> Professoras formadas nas Escolas Normais que começaram a ser criadas no Brasil, a partir de 1830, nas Províncias de Niterói (1835), Bahia (1836), Ceará (1945), São Paulo (1846), Pará (1839), Sergipe (1870) e Goiás (1882) [...]. Inicialmente, estas escolas atendiam apenas alunos do sexo masculino, mas aos poucos foram sendo instituídas as Escolas Normais para o sexo feminino, a exemplo das Escolas Normais de Sergipe (1877) e Minas Gerais (1906) (FREITAS, 2003).

<sup>82</sup> Elias ainda esclarece que “Nenhuma sociedade sobrevive sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas anteponham limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas na pessoa a quem são impostas, em medo de um outro tipo (ELIAS, 1994, p. 270).

importante destacar que a partir da década de 1960 o corpo docente pôde contar com a presença de ex-alunos do ginásio que, após concluírem seus estudos superiores, retornaram para a cidade de Boquim e começaram a lecionar no Ginásio Santa Teresinha. Dentre esses alunos estão Fernando Ferreira de Matos e Jadson Barbosa Matos, ambos formados em Direito.

A presença dos ex-alunos na composição do quadro de professores consistia em demonstrar a prosperidade dos alunos que estudaram no Ginásio Santa Teresinha, pois, de uma certa forma isso legitimava a qualidade de ensino ministrado nesse estabelecimento.

## CAPÍTULO III

### A DISCIPLINA RELIGIÃO NO GINÁSIO SANTA TERESINHA

*[...] naquele período, estudar em um colégio como Colégio Santa Teresinha era como se fosse da elite de Boquim, porque era o único colégio particular da cidade [...] Era uma educação de base cristã dada por pessoas da Igreja Católica [...] para mim foi uma etapa muito importante de enriquecimento espiritual, intelectual e cultural. No meu tempo quem dava a disciplina Religião era o padre João Batista Lima, vigário da cidade. As aulas do padre eram no sentido de catequese, ensinando os mandamentos da Igreja e os sacramentos. Era uma aula mais assim de doutrina, ele não se fundamentava nas sagradas escrituras, era mais na doutrina. A aula de religião era fundamentada na doutrina católica, na virtude teologada, virtudes morais, os sacramentos da Igreja e os mandamentos da lei de Deus [...] E no início das aulas a gente sempre fazia uma oração e sempre era uma Ave Maria.*

*Ir. Eleonoura Morais, 2007.*

### **3.1 A Disciplina Religião como Instrumento para a Formação Cristã**

Quando um pesquisador propõe-se a debruçar-se sobre o estudo de uma disciplina escolar dentro da perspectiva da análise da história das disciplinas escolares, passa necessariamente pela compreensão da cultura escolar. Desta forma, a análise investigativa de uma disciplina escolar implica sobretudo sopesar conceitos que conduzam o pesquisador aos caminhos da compreensão de sua constituição. Ao pesquisar a história de uma disciplina escolar, deve-se considerar; antes de tudo, a constituição das disciplinas escolares. Nesta perspectiva, podemos apresentar a assertiva de que os estudos sobre as histórias das disciplinas escolares contribuem significativamente para o campo da História da Educação e são de grande valia para a efetivação do exercício da compreensão da história da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha.

Essa disciplina, ao longo de sua história, foi nomeada como Ensino Religioso, Educação Religiosa e Religião. Mas ao analisar alguns documentos do Ginásio Santa Teresinha do período em estudo, deparei-me com a nomenclatura “Religião” para nomear esta disciplina. Contudo, ao tratar desse componente curricular no estabelecimento de ensino em foco, farei uso dessa nomenclatura por ela ser freqüente na documentação aqui analisada.

Dentro do universo das disciplinas ofertadas nas três modalidades de ensino do Ginásio Santa Teresinha, a disciplina Religião era um dos meios de maior evidência pelo qual se transmitiam os valores religiosos e morais. O entendimento dessa disciplina como lápide fortificada para o desenvolvimento da religiosidade católica do educando faz transparecer a sua importância para a formação integral do aluno. Tinha-se a idéia era de que a relação existente no ambiente em que a disciplina era ministrada fosse regada de valores como respeito e amor ao próximo e a Deus. O aluno seria levado ao conhecimento medido e ditado pela Igreja; seria o conhecimento do homem como humano e filho de Deus. E concomitantemente a sua consciência despertaria em meio à inculcação dos valores aclamados pelo catolicismo como corretos e disciplinadores.

A disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha era a base para civilizar o aluno de acordo com os moldes católicos. No olhar de Elias (1994), em uma sociedade, civilizar seus indivíduos é fundamental para o seu desenvolvimento. E por essa compreensão a escola é um local de referência civilizatória, pois, através de seus códigos, ela civiliza o

indivíduo de acordo com a sociedade em que ele está inserido, ou seja, as instituições educativas, ao longo da história, serviriam de unidade civilizatória configurada por padrões homogêneos que garantissem o acesso ao saber racionalizado e formas de comportamentos.

De acordo com Lenzal (1963), a educação religiosa, antes de atingir a consciência buscando apenas um maior aprofundamento do que no intelecto, deve primeiramente atingir o inconsciente e despertar a consciência<sup>83</sup>. Desta forma, a disciplina Religião ministrada em uma instituição de ensino assume um papel ainda mais importante do que apenas a transmissão de uma doutrina; ela promove, antes de mais nada, o despertar do aluno para o seu entendimento como ser humano e criatura divina. Educar em meio ao doutrinamento religioso permite conduzir os caminhos do intelecto do aluno em conformidade com o entendimento de mundo e ser social propagado pela religião.

Durante o Concílio Vaticano II, realizado entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, foi elaborada a Declaração Gravissimum Educationis, sobre a Educação Cristã. Neste documento a Igreja reafirma seu papel na educação cristã da criança e do adolescente, declarando que

Todos os cristãos, tornados novas criaturas pela regeneração da água e do Espírito Santo, são chamados filhos de Deus, como realmente o são. Têm, pois, direito, à educação cristã. Além de visar à maturidade das pessoas, a educação cristã tem por principal objetivo fazer com que os batizados sejam progressivamente iniciados no conhecimento do ministério da salvação e se tornem cada dia mais conscientes do dom da fé que receberam (Declaração Gravissimum Educationis, 1965).

De acordo com a Igreja, era pela educação cristã que a criança deveria aprender a adorar a Deus Pai em espírito e verdade, a levar uma vida de um novo homem segundo a justiça e a santidade da verdade, de maneira a caminhar para o homem perfeito, na plenitude de Cristo. A educação cristã perpassada na escola seria o mecanismo pelo qual a Igreja participaria da formação da juventude, conduzindo a boa convivência em sociedade e para a preparação para o serviço no reino de Deus. Este tipo de educação, segundo a Igreja, era fundamental nas bases pedagógicas de qualquer instituição educativa, sendo a escola católica ou não. A educação religiosa ministrada em instituição de ensino fazia parte das estratégias católicas como forma de participar da recristianização da sociedade brasileira.

---

<sup>83</sup> Cf. LENVAL, H. Lubiesnska de. **Educação religiosa das crianças**. Rio de Janeiro: Flamboyant, 1963, p.86.



No Ginásio Santa Teresinha, a disciplina Religião não representava apenas um acesso ao conhecimento, mas também a base sustentável para a formação da consciência cristã do aluno. E a partir desta consciência seus valores sociais e morais seriam moldados, contribuindo assim para o desenvolvimento de sua formação integral.

Assim, perquirindo sobre a disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha, buscou-se neste capítulo apresentá-la considerando o currículo da instituição, as suas finalidades, sua carga horária, suas práticas, seus livros adotados, seus conteúdos abordados e seus professores.

### **3.2. A Disciplina Religião no Currículo do Ginásio Santa Teresinha**

O campo das disciplinas escolares dentro de uma perspectiva investigativa da história fez aflorar contribuições significativas para a compreensão da construção de um currículo. A tradição investigativa de uma disciplina indubitavelmente direciona as lentes de uma pesquisa para o estudo do currículo existente em uma instituição de ensino. Na visão de Martins (2003), a pesquisa em história das disciplinas escolares, relacionada à análise histórica dos currículos escolares, contribui para a apresentação de novos paradigmas à historiografia da educação devido à possibilidade de configuração dos saberes escolares no momento de sua proposição, “os diferentes sujeitos envolvidos na tarefa disciplinadora, jogos de interesses e as relações de poder que se estabeleceram nessa configuração” (MARTINS, 2003, p. 142).

Considerando o currículo partindo da idéia de Goodson, que o define como um “curso a ser seguido, ou mais especificamente a ser apresentado” (GOODSON, 2001, p. 131), permite-se compreendê-lo como um conjunto daquilo que é ensinado, ou seja, um conjunto de disciplinas. Ainda nesta linha de raciocínio, também é permitido considerar que ao estudar a composição de um currículo dentro de uma instituição educativa, requer-se considerar os conteúdos a serem ensinados bem como os interesses internos e externos embutidos nos objetivos que permearam a composição do currículo.

Por conseguinte, o currículo escolar representa a organização das disciplinas escolares, bem como de seus conteúdos a serem trabalhados, sendo que essa organização faz parte de uma implicação de poder e interesses. O currículo está implicado em relações

de poder, transmitindo visões sociais particulares e interessadas e produz identidades individuais e sociais particulares. “O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada às formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação” (MOREIRA e SILVA, 2002, p. 08).

Dessa forma, analisar o currículo do Ginásio Santa Teresinha permitirá compreender as relações, os interesses e os objetivos nele inseridos, bem como a posição da disciplina Religião como componente desse currículo. A proposta educacional dessa instituição tinha como objetivo a formação do caráter do educando. Para tanto, os preceitos religiosos como guias condutores do regime disciplinar no estabelecimento contribuíam decididamente para a formação integral de seus alunos. Mesmo sendo uma instituição de ensino confessional que, ao ser implantada, adotou o ensino misto, no Ginásio Santa Teresinha não ocorria distinção de disciplinas ministradas para meninos e meninas dentro de suas três modalidades de ensino (Primário, Ginásio e Pedagógico)<sup>84</sup>. Ambos os sexos não só dividiam o mesmo espaço na sala de aula, como também o conhecimento.

Diferentemente de outros colégios confessionais católicos criados em Sergipe, no Ginásio Santa Teresinha as meninas não tinham como prática educativa as prendas do lar como: costurar, bordar e cozinhar, embora no curso pedagógico recebessem aulas da disciplina Artes Femininas. Em nenhum momento as falas nas alunas entrevistadas e nem tampouco os documentos analisados revelaram que as atividades ligadas a prendas do lar faziam parte do quadro de aulas e atividades. Contudo, no tocante às disciplinas estudadas pelos alunos dessa instituição, a análise dos documentos e leis educacionais revelou mudanças na grade curricular ao longo do período.

O seu primeiro currículo diz respeito ao curso Primário ministrado no ano de 1947. Montado pelo Pe. Gumercindo, o currículo compunha-se das disciplinas Religião, Português, Matemática, Geografia, História, Desenho, Caligrafia, Ciências, Educação Física e Canto Orfeônico, sendo que estas três últimas eram ministradas apenas para os alunos do 3º e 4º anos Primários, como mostra o Quadro 4.<sup>85</sup>

É importante destacar que, em grande parte dos documentos analisados a disciplina Religião sempre figurava como a primeira da lista das disciplinas ministradas, e dentro do primeiro regimento interno ela era a única que tinha um artigo específico que a regia como a máxima da proposta educacional da instituição, o que permite declarar a

---

<sup>84</sup> O curso Pedagógico era ofertado apenas para as meninas.

<sup>85</sup> Infelizmente não foi possível demonstrar o currículo do curso Primário dos anos letivos posteriores a 1947, pois nas fontes analisadas nada constava sobre estes anos.

assertiva de que o Ginásio Santa Teresinha, por ser uma instituição religiosa cujo currículo foi montado por um padre radicalmente contrário à idéia da laicidade educacional no país, tinha a disciplina Religião como um forte instrumento para o desenvolvimento e a formação integral do homem.

**Quadro 4: Currículo do Curso Primário – 1947**

<b>DISCIPLINA</b>	<b>1ª SÉRIE</b>	<b>2ª SÉRIE</b>	<b>3ª SÉRIE</b>	<b>4ª SÉRIE</b>
Religião	X	X	X	X
Português	X	X	X	X
Matemática	X	X	X	X
Geografia	–	X	–	–
História	X	X	X	X
Desenho	X	–	–	–
Caligrafia	X	X	–	–
Ciências			X	X
Educação Física			–	–
Canto Orfeônico			X	X

Fonte: Quadro elaborado com base no Livro de Atas das Provas Orais – 1947

No curso ginásial ofertado pela primeira vez no ano de 1949, tinha como componentes curriculares as disciplinas: Português, Latim, Francês, Matemática, História Geral, Desenho, Geografia Geral, Educação Física, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico, Religião, Inglês, História das Américas, História do Brasil, Geografia do Brasil e Ciências Naturais. Estas disciplinas eram distribuídas entre as quatro séries do Ginásio, como mostra o Quadro 5.

**Quadro 5: Currículo do Curso Ginásial – 1949- 1960**

DISCIPLINA	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
Português	X	X	X	X
Latim	X	X	X	X
Francês	X	X	X	X
Inglês	–	X	–	–
Matemática	X	X	X	X
História Geral	X	–	–	–
Geografia Geral	X	X	–	–
Desenho	X	X	X	X
Educação Física	X	X	–	–
Trabalhos Manuais	X	X	X	X
Canto Orfeônico	X	X	X	X
Religião	X	X	X	X
História das Américas	–	X	–	–
História do Brasil	–	–	X	X
Geografia do Brasil	–	–	X	X
Ciências Naturais	–	–	X	X

Fonte: Quadro elaborado com base no Livro de Atas das Provas Orais – 1949 – 1960

Comparando o currículo do Ginásio Santa Teresinha com aquele currículo sugerido pelo Decreto Lei nº 4244, de 9 de abril de 1942, percebe-se uma alteração no currículo desta instituição no tocante à disciplina de Trabalhos Manuais, que, de acordo com o Decreto, teria de ser ministrada apenas nas 3ª e 4ª séries e não em todas as séries como ocorreu. Outro dado é que essa mesma disciplina, a partir de 1953, foi substituída por Economia Doméstica, sendo ministrada apenas na 3ª e 4ª séries.

Outro ponto em evidência é a participação da disciplina Religião na composição desse currículo, considerando que a Constituição de 1937, na questão Ensino Religioso, coloca-o como uma matéria que poderá ser contemplada no curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias e desobriga os professores da responsabilidade de atuar nesta área, bem como torna a frequência compulsória dos alunos. Porém, na instituição em questão a disciplina constitui-se em objeto de obrigação para os professores e alunos.

A partir do ano de 1962 esse currículo sofreu uma redistribuição das disciplinas por série, bem como a saída e inserção de algumas outras, a exemplo de Economia Doméstica, Canto Orfeônica e Trabalhos Manuais, que desapareceram de todas as séries,

enquanto Educação Moral e Cívica passou a fazer parte do currículo ministrado em todas as séries do Ginásio.

**Quadro 6: Currículo do Curso Ginásial de 1960 – 1966**

DISCIPLINA	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
Português	X	X	X	X
Latim	-	-	X	X
Francês	X	X	-	-
Inglês	-	-	X	X
Matemática	X	X	X	X
História Geral	X	X	-	-
História do Brasil	-	-	X	X
Geografia Geral	X	X	-	-
Ciências Naturais	X	X	-	X
Desenho	X	X	X	X
Educação Moral e Cívica	X	X	X	X
Religião	X	X	X	X

Fonte: Quadro elaborado com base no Currículo do Ginásio Santa Teresinha de 1960 – 1966

Em 1967, o currículo sofreu nova alteração, cujas disciplinas foram classificadas como obrigatórias, optativas, complementares e educativas, sendo que cada uma delas foi redistribuída entre as séries com cargas horárias distintas, conforme se vê no Quadro 7. O movimento presente no currículo do curso ginásial dentro do marco temporal aqui estabelecido (1947 a 1968) indica alguns pontos concluintes, defendidos por Goodson (2001) e outros pesquisadores dos currículos e da história das disciplinas escolares, os quais compreendem e justificam tal movimento de acordo com a relação de poder e interesses sociais, políticos e econômicos eminentes na sociedade.

Quadro 7: Currículo do Curso Ginásial – 1967

DISCIPLINAS		CARGA HORÁRIA SEMANAL			
		1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
O B R I G A T Ó R I A	Português	4	4	4	4
	Matemática	4	4	4	4
	História	3	3	2	2
	Geografia	3	3	2	-
	Iniciação às Ciências	2	3	-	-
	Ciências Físicas e Biológicas	-	-	-	3
O P T A T I V A	Francês	4	3	2	-
	Desenho	-	-	3	2
C O M P L E M E N T A R R	Inglês	-	-	3	3
	Organização Social e Política Brasileira	-	-	-	2
E D U C A T I V A	Religião	2	2	2	2
	Educação Física	2	2	2	2

Fonte: Quadro elaborado com base no Relatório de Diretor e Currículo do Ginásio Santa Teresinha – 1967.

De acordo com Martins (2003), a inclusão da disciplina Organização Social, Política Brasileira (OSPB) no currículo secundário durante a década de 1960 deu-se motivada pelas necessidades de responder aos anseios da sociedade que buscava a formação da cidadania da juventude. Ela afirma:

Deve-se entendê-la no momento de sua criação, com a prescrição de um sistema nacional de educação, após a promulgação da LDBN 4.024/61, definido a amplitude do sistema, seu alcance e ostensivamente a sua finalidade. As características da educação escolar do período mostram preocupação com o fato de uma escolarização para maioria das crianças e jovens ser representativa da 'educação para a cidadania', para o desenvolvimento de posturas e de comportamentos sociais que dessem sustentáculo e legitimidade aos investimentos que deveria ser realizados pela educação nacional. A diferenciação entre cidadania e civismo não era tão ostensiva assim aos olhos do conselheiro que justifica a criação da disciplina (MARTINS, 2003, p.162).

No período da "Era Vargas" essa preocupação com a formação da moral do cidadão comprometido com seus direitos e deveres ficou a cargo da disciplina Religião. Nesta, os valores morais seriam perpassados sob a ótica da religiosidade, que, no caso, seria a religiosidade católica a grande mantenedora desta finalidade educacional.

A análise dos currículos dos cursos Primário e Pedagógico não se depreendeu da mesma forma que aconteceu com a análise dos currículos do Ginásio, uma vez que de ambos os cursos, só foi possível ter acesso a apenas um currículo, já que a documentação sobre eles é escassa, o que dificulta uma análise mais pormenorizada das mudanças desses currículos. De acordo com o Regimento Interno de 1967, o curso Primário já não era mais ministrado na instituição nesse período, mas o currículo do curso Pedagógico apresentava-se composto por 18 disciplinas distribuídas entre as séries, atendendo a seguinte classificação: Disciplinas obrigatórias básicas, obrigatórias complementares, optativas, pedagógicas e educativas, conforme mostra o Quadro 8.

Observando esse currículo, é perceptível a ausência da disciplina Religião na sua composição, o que não significa não ter sido ela ministrada neste curso. De acordo com a fala das alunas, ministrava-se essa disciplina uma vez por semana, primando assim pelos objetivos religiosos necessários à formação das futuras professoras.

Quadro 8- Currículo do Curso Pedagógico de 1967

DISCIPLINAS		CARGA HORÁRIA SEMANAL		
		1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
O. B Á S I C A	Português	4	3	4
	História Geral e de Sergipe	2	—	—
	História do Brasil	—	2	—
	Geografia Geral e de Sergipe	2	—	—
	Geografia do Brasil	—	2	—
	Biologia e Puericultura	3	2	—
	Matemática	2	2	—
O. C O M P L E M E N T A R	Psicologia	2	2	2
	Francês	2	2	—
	Inglês	—	—	2
O P T A T I V A	Filosofia	—	2	2
	Desenho	—	—	—
P E D A G Ó G I C A	Didática	3	—	—
	Administração Escolar	—	—	2
	Práticas de Ensino	—	—	3
	Matemática e Estatística Educacional	—	—	2
E D U C A T I V A	Did. de Português do Ens. Primário	—	2	2
	Did. de Matemática e Desenho	—	2	2
	Did. de Ciências e Estudos Sociais	—	2	2
	Artes Femininas	2	2	—
	Recreação e Educação Física	2	2	2

Fonte: Quadro elaborado com base no Regimento Interno do Ginásio Santa Teresinha de 1967.



Contudo, a ausência da disciplina Religião nos documentos oficiais revela uma certa autonomia da instituição para definir seu currículo. Enquadrar essa disciplina dentro do aspecto de autonomia do Ginásio Santa Teresinha é permitido, uma vez que esta foi excluída do quadro panorâmico oficial do curso Pedagógico, mas se fez presente no decorrer do curso. Tal fato demonstra o quanto a composição do currículo é intrínseca aos interesses particulares, visto que tal componente curricular não poderia ficar ausente da formação pedagógica de uma instituição religiosa.

### 3.3. A Carga Horária

A distribuição da carga horária de uma disciplina demonstra sempre a ideologia que perpassa pela estrutura da instituição ou do sistema educativo<sup>86</sup>. A disciplina Religião no currículo do Ginásio Santa Teresinha inicialmente foi contemplada com uma carga horária de duas aulas semanais nos cursos Primário e Ginásio. A partir de 1959 ela passou a ser ministrada apenas uma vez por semana, uma aula portanto, e somente em 1967 retorna a ocupar dois horários durante a semana, como mostra o Quadro 9.

**Quadro 9: Carga Horária da Disciplina Religião – 1947 – 1968**

ANO	TOTAL DE AULAS SEMANAIS									
	PRIMÁRIO				GINÁSIO				PEDAGÓGICO	
	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°
1947-1948	2	2	2	2	-	-	-	-	-	-
1949-1958	2	2	2	2	2	2	2	2	-	-
1959-1966	-	-	-	-	1	1	1	1	-	-
1967-1968	-	-	-	-	2	2	2	2	2	2

Fonte: Quadro elaborado com base nos Relatórios Anuais da Inspeção Escolar de 1947 – 1968

A partir do esboço apresentado nesse quadro, é possível levantar algumas considerações no tocante às três variações de tempo que a disciplina Religião sofreu ao

<sup>86</sup> Para maiores esclarecimentos ver: CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. In: **Teoria & Educação**, n. 2, 1990, p. 212.

longo do período. Primeiro, a disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha, como nos demais colégios confessionais católicos, tinha uma carga horária específica e distinta das demais cargas horárias de outras instituições públicas e particulares, que apresentam, em sua maioria, uma carga horária para essa disciplina de apenas uma aula semanal<sup>87</sup>. Segundo, as variações da carga horária, são justificadas no âmbito da disputa ideológica entre católicos e liberais sobre a questão da legalidade e necessidade educacional dessa disciplina para a formação da juventude. Tal disputa provocava determinações e mudanças na legislação educacional que ora entendiam a disciplina como componente importante no currículo do sistema de ensino, e em outros momentos entendiam-na de forma diminuta para a formação educacional, dando a ela um caráter facultativo e de responsabilidade apenas das entidades religiosas e não do Estado.

A presença ou não de Religião na composição do currículo da rede de ensino do país não alterava, em nenhum momento, o seu status de disciplina dentro da proposta pedagógica do Ginásio Santa Teresinha, a qual sempre teve um caráter de disciplina obrigatória e educativa, ainda que na documentação oficial ela fosse apresentada como determinava a legislação. A disciplina Religião sempre se fez presente e ocupou papel imprescindível e determinante na formação integral dos alunos. A década de 1960 é o período que mais indica que essa disciplina, ofertada no Ginásio Santa Teresinha, tinha status diferenciado da legislação, uma vez que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4024/61 ela se constituiu como uma disciplina dos horários normais das escolas oficiais, mas de matrícula facultativa para o aluno. No entanto, no Ginásio Santa Teresinha ela permanece como um dos elementos curriculares dos cursos Ginásial e Pedagógico e de matrícula obrigatória para os alunos católicos.

Todavia, a forte presença da disciplina no currículo do Ginásio Santa Teresinha revela o quanto ela era fundamental para o alcance dos objetivos da instituição no que diz respeito à formação religiosa e moral do educando. Com uma carga horária definida, suas aulas demarcavam o terreno para a propagação dos valores católicos.

---

<sup>87</sup> O poder eclesiástico da Igreja orientava que suas instituições de ensino ministrassem a disciplina Religião pelo menos duas vezes por semana. As instituições de ensino da rede pública quando ministravam essa disciplina em suas demais modalidades de ensino, ofertavam apenas uma aula semanal.

### 3.4. As Aulas, as Práticas, os Professores e as Avaliações

As aulas da disciplina Religião sempre foram vistas como sendo mais exigidas por parte dos professores e até mesmo dos diretores. Compreendidas como o alicerce para a formação do bom católico, as aulas da disciplina marcavam-se por cobrança de respeito a Deus, à Igreja, aos professores, aos pais e aos mais velhos. Nelas os alunos deveriam meditar sobre a palavra de Deus e sobre a doutrina da Igreja. De acordo com o Regimento Interno da instituição, de 1947, a disciplina Religião era entendida como uma máxima regularidade da instituição, servindo como uma assistência religiosa aos educandos<sup>88</sup>.

Ocupando quase sempre uma carga horária composta por duas aulas semanais, o tempo das aulas era preenchido com rezas, hinos, leituras de textos bíblicos, e dos textos oriundos do livro adotado e dos exercícios escritos. Em sua maioria, as aulas davam-se de forma expositiva, através das quais o professor trabalhava os conteúdos sempre vinculados à doutrina católica.

As aulas seguiam sempre o mesmo ritual: primeiro os alunos, juntamente com o professor, rezavam, em seguida cantavam um hino e por último fazia-se a exposição dos conteúdos, através dos quais a inculcavam-se e perpassavam-se os valores da doutrina católica. A explicação do professor fundamentava-se nos ensinamentos da Igreja, como uma forma de catequizar o aluno.

O calendário de atividades pedagógicas da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha compunha-se, além das provas e exercícios corriqueiros, de atividades literárias e dramatizações. No tocante às dramatizações, estas faziam-se freqüentes em aulas normais e comemorações religiosas e cívicas. A encenação de peças teatrais estava sempre ligada à religiosidade católica, nas quais personagens bíblicos e da Igreja, como D. Bosco, eram vividos pelos alunos que, durante a encenação, não só transmitiam a mensagem baseada nos ensinamentos da Igreja como também aprendiam os valores embutidos na encenação. De acordo com um ex-aluno do Ginásio, era muito comum a encenação de peças teatrais religiosas, principalmente de histórias que tinham como grande personagem Dom Bosco.

[...] fiz muito teatro. O padre gostava muito de teatro e eu ensaiava várias peças teatrais. Ah! Eu lembro que as peças teatrais que ensaiei

<sup>88</sup> No Regimento Interno de 1967, não existe nenhum artigo que explique sobre a disciplina Religião.

eram sobre a vida de Dom Bosco. E quem fazia Dom Bosco era Zé Reis (Fernando, 2007)<sup>89</sup>.

Todavia, embora essa disciplina tivesse uma carga horária definida, suas práticas não se restringiam apenas às quatro paredes da sala de aula. Ao contrário, a disciplina fazia-se presente em atividades extraclases, haja vista que se exigia a participação dos alunos nas novenas, nas procissões, nos retiros espirituais e missas dominicais<sup>90</sup>. O ritual diário de rezar ao entrar na escola, cantar hinos religiosos e dramatizar peças teatrais de cunho religioso durante as aulas ou em comemorações da escola e da Igreja consistia também em uma forma de exercitar os ensinamentos da disciplina. Os próprios hinos religiosos ensinado durante as aulas eram ensaiados na disciplina Canto Orfeônico.

A participação dos alunos do Ginásio Santa Teresinha no calendário festivo da Igreja Católica servia como uma vitrine de tudo que era ensinado aos alunos dentro da instituição. A escola era assim exposta para a sociedade de acordo com as festividades católicas. A presença dos alunos nas procissões e novenas da Igreja era mais um atrativo do evento, tanto que a imprensa católica registrava-o, pois em meio às autoridades e demais membros da sociedade, os alunos compareciam todos trajados com o fardamento de gala. Em filas acompanhavam as procissões de maneira que transmitiam toda a organização, elegância e disciplina do Ginásio Santa Teresinha.

Foi festejado solenemente, nesta paróquia, no dia 16 de agosto, em honras a São João Bosco. Às 7 horas foi celebrada a santa missa, sendo o celebrante o Revmo. Vigário P. João Batista Lima. Houve grande número de comunhões, [...] Ao Evangelho o Revmo. Pároco, de maneira notável, focalizou as virtudes do santo estendendo as palavras as crianças que jubilosas esperavam o momento feliz do encontro com Jesus [...] No dia seguinte, domingo, às 17 horas, organizada procissão conduziu a imagem de São João Bosco para abençoar seus fiéis devotos, comparecendo à solenidade os alunos do Ginásio Santa Teresinha desta cidade. Ao recolher da procissão falou novamente o Revmo. Pároco, finalizando com a bênção do Santíssimo Sacramento (Jornal A Cruzada, 31/08/1952).

Era o momento de o alunado, a direção e os professores mostrarem à sociedade boquinense o grau da formação educacional e religiosa que o ambiente da instituição prezava. Também se exigia a freqüência de todos os alunos nas missas realizadas aos domingos. Aplicava-se essa obrigatoriedade como método avaliativo da disciplina e

---

<sup>89</sup> MATOS, Fernando Ferreira. Entrevista concedida à autora em 10 de janeiro de 2007.

<sup>90</sup> Os alunos de outras crenças religiosas não eram obrigados a participar das aulas da disciplina Religião, bem como das atividades extraclases.

contava como ponto para o recebimento de prêmio de melhor aluno. O aluno que recebesse este prêmio tinha um ano de estudo gratuito.

Essa prática de exigir a participação dos alunos nas missas dominicais era comum em instituições de ensino confessional católico do estado, como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes criado em Aracaju. Costa (2003) afirma que

Na rotina das alunas estava incluída a prática da comunhão. Às segundas-feiras, as freiras faziam o levantamento de quem tinha participado da missa do domingo e repreendia as alunas que não haviam recebido a eucaristia (COSTA, 2003, p.84-85).

Nas missas, as freiras vigiavam os alunos e registravam em uma caderneta a presença e o comportamento deles. Todos os alunos teriam de apresentar-se uniformizados e comportar-se de acordo com as normas, para assim zelar pela imagem e o nome do Ginásio Santa Teresinha.

[...] Eles tinham que ir à missa, só não aqueles de outra religião. Porque tinham alunos de outra religião, eram poucos, mas tinha. Mas os alunos que eram católicos tinham que ir e contava como ponto para a disciplina e tinha até uma cadernetinha. E um dia desses tinha um aluno me falando sobre isso e me perguntou se eu se lembrava da cadernetinha. E ele disse que quando ele não ia à missa, também não ia para a escola na segunda-feira para não levar uma bronca das freiras (Ir. Theosete, 2007)<sup>91</sup>.

O bom comportamento dos alunos na missa passava a imagem da boa educação que a instituição transmitia. Além do uniforme compreendido como elemento de identidade do Ginásio Santa Teresinha, o comportamento dos discentes também servia como um elemento identificador da instituição. A sociedade boquinense via os alunos do Ginásio Santa Teresinha como os mais bem uniformizados, bem comportados e comprometidos com a Igreja.

Dessa forma, o comportamento dos alunos apresentado no convívio social externo representava a imagem do Ginásio Santa Teresinha, que o aluno trazia em seu individual. O controle de suas emoções e comportamento serviu para configurá-lo dentro do molde da instituição. Para Elias (1994), a compreensão de que toda sociedade é acima de tudo uma sociedade de indivíduos que se apresentam presos por cadeias de interdependência, que produz figurações resultantes das coerções que lhe são impostas dentro do universo social, demonstra o papel das instituições sociais, bem como suas ferramentas para o

---

<sup>91</sup> OLIVEIRA, Theosete Gomes de. Entrevista concedida à autora no dia 7 de janeiro de 2007.

desenvolvimento do processo civilizador presente nas sociedades. Neste sentido, o Ginásio Santa Teresinha, como instituição social, produziu sua identidade dentro de suas normas de civilidade, configurando-se como uma instituição educativa e religiosa.

A análise das Atas dos Resultados Finais revelou que nessa disciplina os alunos não somente tinham de cumprir as obrigações em sala de aula, como também responder às atividades e participar das provas orais e escritas. A revelação do uso de provas orais e escritas impulsionou esta pesquisa a investigar o sistema de avaliação do Ginásio Santa Teresinha, sobretudo as avaliações aplicadas na disciplina Religião. A investigação garante compreender um dos pontos importantes da arquitetura da história das disciplinas, que é a sua natureza docimológica. Chervel (1990) classifica como aparelho docimológico os sistemas de avaliação de uma disciplina escolar que é um dos seus constituintes.

Até o final da década de 1950 os alunos do Ginásio Santa Teresinha prestavam provas orais e escritas da disciplina Religião. Perceber o uso de instrumentos de avaliação nesse componente curricular no Ginásio Santa Teresinha permite identificar seus elementos peculiares e distintos que o configuram enquanto disciplina que tinha finalidade específica voltada para a formação cristã do aluno. Desta forma, o sistema de avaliação da disciplina Religião é aqui compreendido como um “controle que normatiza e vigia, possibilitando ao avaliador classificar, premiar ou punir, e ao avaliado aprimorar suas produções para ampliar e avançar” (ALVES, 2005, p. 161).

O calendário das provas era sempre marcado para o final do mês. O dia da prova consistia num momento de grande expectativa para os alunos e marcado por angústia e tensões, visto que todos temiam a 2ª época, que era uma recuperação para o aluno que não obtivesse a média anual maior ou igual a cinco. Nessa 2ª época o aluno que não obtivesse êxito em uma das disciplinas teria a chance de recuperar sua nota. Para tanto, teria que estudar todos os conteúdos trabalhados durante o ano letivo na disciplina em que não conseguiu a média para fazer uma prova de recuperação, e se não conseguisse alcançar a nota de que necessitava seria reprovado.

Gostava de todas as matérias, menos de matemática. Eu nunca suportei matemática, porque eu não gosto de número, eu só gosto de fatos. E até hoje não gosto e tenho pavor de matemática e o professor Fernando Matos que o diga. Ele foi o meu professor de matemática e foi a única matéria que durante a minha vida de estudante eu fiquei em 2ª época. Nessa 2ª época você tinha que estudar tudo aquilo que viu o ano inteiro

para fazer um teste para você ser promovida para a outra série (Eleonoura, 2007)<sup>92</sup>.

Em nenhum dos documentos analisados verificou-se que algum aluno tenha ficado para recuperação ou reprovado por não ter alcançado a média na disciplina Religião. Contudo, é certo que a avaliação desta disciplina, para os alunos, tinha a mesma importância que as avaliações das demais disciplinas. As provas escritas de todas as disciplinas eram redigidas no quadro negro para que o aluno transcrevesse na folha em branco que o professor entregava, uma vez que até o ano de 1963 o Ginásio não dispunha de mimeógrafo. E mais uma vez o professor Gibson é recordado com muito temor pelos alunos.

O que mais me marcou, assim, que eu me lembro quando os ex-colegas comentam muito. Era que no teste a gente ficava estudando antes de fazer e quando ele chegava a gente fechava os livros. Aí ele dizia: ‘ – Não se preocupem, não precisam fechar os livros. Não estou mandando ninguém fechar os livros. Não se preocupem, podem deixar os livros abertos’. Agora, aí daquele que passasse o olho para os livros. E isso eu não esqueço de jeito nenhum, porque se ele pegasse alguém colando. Nossa senhora, a bronca era demais! O homem era cheio de muita coisa (Rivanda, 2007)<sup>93</sup>.

As avaliações de Religião aconteciam uma vez por mês, seguindo o mesmo calendário de avaliações das demais disciplinas. Tanto as avaliações escritas quanto as orais, os alunos respondiam às questões de acordo com o conteúdo estudado; no entanto, como nas outras disciplinas, a avaliação oral de Religião também consistia no terror dos alunos, pois também se exigia a resposta em voz alta e sem gaguejar.

O artigo XXVIII do Relatório da Diretoria, de 1947, garantia ao aluno que fosse classificado em primeiro lugar, de acordo com a média final, um ano de estudo totalmente gratuito. A função deste artigo, dentro das práticas pedagógicas do Ginásio Santa Teresinha, tinha como função estimular a aprendizagem dos alunos, motivando-os a estudarem cada vez mais e tirar boas notas, pois, além do prêmio, o aluno era motivo de orgulho para os familiares. Vale lembrar que as notas na disciplina Religião, oriundas das provas orais, escritas e o bom comportamento e a assiduidade nas missas dominicais também eram computadas para o merecimento do prêmio.

Na reunião pedagógica, pais tinham a oportunidade de dialogarem com os professores sobre a vida estudantil dos alunos, além de terem a oportunidade de saber

---

<sup>92</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus de. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.

<sup>93</sup> MENESES, Rivanda dos Santos de. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

sobre o comportamento destes na escola. Os genitores também assistiam palestras religiosas ministradas por padres que aproveitavam o momento para discutir sobre a importância da função dos pais na educação dos filhos.

A exigência do bom comportamento nas aulas era uma das normas mais exigidas no ambiente do Ginásio, tanto que, na ausência do professor o aluno mais comportado ficava responsável para vigiar a sala e fazer anotações dos nomes dos colegas que não se comportaram enquanto o professor permaneceu ausente. O mau comportamento e desobediência do aluno tinham como punição sua suspensão das aulas por alguns dias, de acordo com a gravidade da desobediência.

Foucault (2005) explica que como punição deve-se compreender tudo aquilo que é capaz de fazer as crianças sentirem o erro que cometeram. A punição pode configurar-se por qualquer gesto ou ação, capaz de humilhá-las, de confundi-las: “[...] uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto” (FOUCAULT, 1987, p. 149).

A suspensão do aluno às aulas era uma das punições expressas no regimento interno em caso de desobediência. Mas nem sempre os pais aceitavam com bom senso essa punição. De acordo com o livro de crônica da Congregação Santa Teresinha, algumas mães, ao receber a comunicação da suspensão de seu filho, dirigia-se à direção do estabelecimento para cobrar as devidas explicações. Em alguns casos as mães defendiam os filhos alegando que eles estavam sendo prejudicados nos estudos. Há registro de uma mãe que, após discutir com a direção, retirou seu filho definitivamente da instituição.

Contratempos como esses provam que no Ginásio Santa Teresinha suas normas e exigências não eram sempre recebidas de forma satisfatória entre os pais, muitos dos quais ameaçavam denunciar o estabelecimento à Inspeção se o filho fosse suspenso, pois eles estavam pagando pelo estudo. Tais ameaças podem ser entendidas como uma defesa dos pais em relação à rigidez das normas.

Outras atividades religiosas entendidas como práticas da disciplina Religião, nas quais se exigia a participação dos alunos, foram os retiros espirituais, realizados anualmente no final do primeiro ou segundo semestre. Organizados pela direção do Ginásio Santa Teresinha, esses retiros espirituais aconteciam durante três dias, das 8 horas às 18 horas. Os alunos ficavam reunidos com as freiras e padres no espaço físico da instituição, fazendo orações, cantando hinos e estudando textos bíblicos e a doutrina da Igreja.



O último dia do retiro marcava-se sempre por palestra que tinha como ministrante um padre de outra cidade, que vinha a convite das freiras ou do Pe. Gumercindo. O retiro era um momento de os alunos vivenciarem ainda mais os ensinamentos das aulas de Religião e adquirirem mais conhecimentos sobre os deveres do bom cristão. Alguns alunos em entrevista, comentaram, sobre os retiros espirituais como sendo momentos marcados por muita devoção e oração. Em um desses retiros uma aluna do curso Ginásial decidiu ser freira, e assim que terminou os estudos do ginásio iniciou sua caminhada como membro da Congregação Santa Teresinha.

O colégio Santa Teresinha contribuiu muito para a minha opção de ser freira, porque quando eu era aluna do colégio, e neste tempo eu fazia a segunda série do ginásio, a Ir. Lídia convidou o padre Almeida para fazer o retiro para os alunos e foi naquele retiro que a gente passou 3 dias em retiro que surgiu minha vocação e se eu não fosse aluna do colégio eu não tinha participado do retiro. E também foi do testemunho que as Irmãs como religiosas dentro da instituição me davam e me levou a decidir ser freira (Eleonoura, 2007)<sup>94</sup>.

O depoimento da ex-aluna Eleonora de Jesus Morais, atualmente freira da Congregação Santa Teresinha, evidencia o quanto o convívio com as freiras, ainda que apenas nos horários de aula, influenciava o comportamento dos alunos, bem como suas opções de vida. É importante lembrar que sendo o Ginásio Santa Teresinha uma instituição confessional de ensino misto, os retiros espirituais eram realizados para ambos os sexos no mesmo dia, local e horário. Meninos e meninas juntos ouviam as palestras, cantavam, rezavam e confraternizavam-se espiritualmente. Neles todos buscavam purificar as almas e tornar-se cada vez mais cristãos.

A disciplina Religião era a única em que o professor tinha de ser exclusivamente sacerdote, religioso católico ou membro da Congregação Santa Teresinha. E ao longo do período proposto nesta pesquisa, apenas quatro professores ministraram essa disciplina: Pe. José Gumercindo dos Santos<sup>95</sup>, Alfredo Alves Oliveira, Madre Valdelécia Martins da Silva e Pe. João Batista Lima. É importante destacar que dos quatros professores que lecionaram a disciplina apenas um, Pe. João Batista Lima não foi diretor do Ginásio Santa Teresinha, mas era pároco da cidade.

---

<sup>94</sup> MORAIS, Eleonora de Jesus. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.

<sup>95</sup> Além de professor de Religião e outras disciplinas como latim, também era diretor do Ginásio Santa Teresinha. Pe. Gumercindo sempre que possível deixava como seu substituto na disciplina o Pe. Claumino Carlos Freitas.

**Quadro 10: Professores de Religião de 1947 – 1968**

Nome	Período que Lecionou	Curso em que atuou
Pe. José Gumercindo dos Santos	1947 – 1953	Primário e Ginásio
Alfredo Alves Oliveira	1954	Primário e Ginásio
Ir. Valdelícia Martins da Silva	1955 – 1961	Primário e Ginásio
Pe. João Batista Lima	1962 – 1968	Ginásio e Pedagógico

FONTE: Quadro elaborado com base na Folha de Pagamento de 1947 – 1968

O professor Alfredo Alves Oliveira foi um dos primeiros membros da Congregação Joseleitos de Cristo<sup>96</sup>, e como vice-diretor do Ginásio Santa Teresinha, substituiu o Pe. Gumercindo em suas ausências, inclusive quando este foi transferido para a Bahia. A professora Ir. Valdelícia Martins da Silva foi uma das co-fundadoras da Congregação Santa Teresinha. Fez o curso ginásial no Ginásio Santa Teresinha, onde lecionou, além da disciplina Religião, outras disciplinas quando faltava professor, e foi diretora do Ginásio e da Congregação, falecendo em 30 de julho de 2003. O professor Pe. João Batista Lima<sup>97</sup> era pároco da cidade de Boquim e sempre buscou apoiar as obras realizadas pelo Pe. Gumercindo. Formou-se no Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus, de Aracaju, onde se ordenou padre em 1938, falecendo em 11 de outubro de 1999.

Contudo, é notório que no Ginásio Santa Teresinha as aulas da disciplina Religião configuravam-se como um elemento imprescindível à formação religiosa do alunado. Essa configuração apresenta-se através de práticas religiosas como missas, procissões, novenas, retiros, bem como o papel do professor, considerando que todos eles eram membros religiosos, que desempenhavam além de suas funções normais de docentes, o papel de autoridade religiosa que primava pela formação cristã dos alunos.

<sup>96</sup> Congregação masculina fundada pelo Pe. Gumercindo, criada na cidade de Boquim, mas que depois somente foi fundada na cidade de Tucano/Bahia. O professor Alfredo não prosseguiu na vida sacerdotal Ver: OLIVEIRA, 2005, p.105.

<sup>97</sup> Nasceu no dia 2 de março de 1912 no engenho São Miguel em Alagoa Nova no estado da Paraíba. Era o quarto filho de uma família de 8 filhos do casal João Gomes de Lima e Marcionila de Lima. Nesse estado iniciou seus estudos que foram concluídos na cidade de Aracaju, no Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus, onde se ordenou padre em 9 de dezembro de 1938 e em seguida foi nomeado vigário de Boquim onde passou o resto da sua vida, mas atendia também as paróquias de Arauá, Cristinápolis, Estância, Indiaroba, Pedrinhas, Santa Luzia do Itanhi e Umbaúba. Antes de falecer foi nomeado Monsenhor na década de 1980.

### 3.5. O Livro Didático

Ao verificar os relatórios de diretores, foi constatado que, dentre outras informações, tais documentos faziam referências aos livros adotados para os alunos do Ginásio Santa Teresinha, bem como aos livros pertencentes à biblioteca e aos materiais pedagógicos. Nesses relatórios, os livros didáticos aparecem como fundamentais para o ensino e desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. No tocante aos materiais didáticos, os livros, manuais religiosos e catecismos eram constantes no acervo da biblioteca. Segundo o relatório da inspeção escolar de 1948, a biblioteca do Ginásio Santa Teresinha tinha um acervo de 187 livros que enfocavam a temática religião. No entanto, grande parte de todo esse acervo perdeu-se com a ação do tempo, deixando de ser feita a análise de seu conteúdo.

De acordo com a relação de livros do acervo pertencente à biblioteca do Ginásio, bem como a relação de compras de materiais pedagógicos e as falas dos entrevistados, os livros e manuais de catecismo católico adotados como material pedagógico e didático sempre existiam na biblioteca. Entretanto, nos anos de 1947 a 1949 nenhum livro foi adotado. As aulas eram ministradas de acordo com um manual do professor escrito a mão pelo próprio Pe. Gumercindo, no qual continham as orações e os hinos que deveriam ser respectivamente proferidas e entoados durante as aulas, bem como durante as festividades da Igreja e do Ginásio Santa Teresinha.

Dentre os livros e catecismos de religião que compunham a biblioteca do Ginásio Santa Teresinha, foi possível detectar que para as aulas da disciplina Religião foi adotado o livro *História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento*, de autoria de Frei Bruno Heuser, editado pela Editora Vozes<sup>98</sup>. De acordo com uma ex-aluna:

As aulas de Religião primeiro eram baseadas no catecismo. Ensinava a fazer o nome do pai, o sinal da cruz, os sacramentos, os mandamentos da Igreja. Aprendia a rezar o credo, a Ave Maria, o Pai Nosso. Essa era a introdução. E depois a gente estudava por este livro A História Sagrada. Mas nem todo mundo tinha o livro,

---

<sup>98</sup> O exemplar do livro utilizado para pesquisa pertence à ex-aluna Maria José Góis Ávila. O livro encontra-se em perfeitas condições de manuseio. Nele a proprietária fez algumas anotações, o que permitiu uma melhor compreensão de como o livro era utilizado no Ginásio. Ao longo de algumas páginas a aluna marcava com x os conteúdos que iriam cair nas avaliações.

só alguns que facilitavam. Eu mesmo tinha porque a minha vó era muito religiosa e ela não deixava passar sem esses livros (Maria José, 2007)<sup>99</sup>.



Foto 24: Capa do Livro de Religião.  
Fonte: Acervo particular de Maria José Ávila Góis.

No ato da matrícula, os alunos recebiam a relação de todo o material que deveria ser comprado. Nessa relação de livros, estavam o de História, Geografia, Matemática, Latim, Francês, Inglês e Religião<sup>100</sup>. Alguns alunos não compravam todos os livros devido ao custo e até mesmo à dificuldade de encontrá-los, pois a maioria dos livros adotados no Ginásio Santa Teresinha também eram adotados pelos colégios de Aracaju e como só eram vendidos nas livrarias da capital, as vendas esgotavam muito rápido<sup>101</sup>. Quanto ao livro

<sup>99</sup> GÓIS, Maria José Ávila. . Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

<sup>100</sup> De acordo com a lista de livros didáticos de 1949, onde só constavam o nome do autor e a disciplina, os livros adotados foram: Português, autoria de Aníbal Bruno, Latim de Brant Horta; Francês de autoria de Raul Penedo Filho; Inglês, de Hubert Coventry Bethell; História, de autoria de Joaquim Silva; Geografia, de Aroldo de Azevedo e o de Matemática, de autoria de Jácomo Stávale.

<sup>101</sup> Os livros didáticos de Português e História adotados na década de 1940, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes foram os mesmos adotados pelo Ginásio Santa Teresinha.

adotado para a disciplina Religião, como bem falou a entrevistada, nem todos os alunos possuíam-no, porém era cobrado nas aulas nas quatro séries do curso ginásial.

Com base no exemplar da XVIII edição lançada em 1951, pertencente a uma ex-aluna, o livro é uma brochura de capa dura na cor creme com letras e desenhos pretos, sendo que a lateral do livro é forrada com um material que parecia a junção de tecido e papelão. Suas folhas internas eram feitas de um papel amarelado e áspero. A ilustração da capa traz a imagem de Jesus Cristo. Medindo de 13cm e 20cm de comprimento, o livro compõe-se de 347 páginas, o que lhe dá uma espessura de 3cm.<sup>102</sup>

O livro consiste em uma releitura ilustrada do Antigo e Novo Testamentos, em cujo apêndice traz a um resumo da história da Igreja Católica e tendo como finalidade transmitir as mensagens das escrituras sagradas de forma resumida e atrativa para assim instruir o leitor sobre os ensinamentos de Deus e da Igreja. O autor selecionou algumas passagens bíblicas e as transcreveu com uma linguagem simples de fácil entendimento e mais apropriada para uso pedagógico. Esse material, em nenhum momento, é denominado como livro didático ou como impresso dirigido apenas para o uso pedagógico. Ou seja, por ser uma releitura da Bíblia, utilizavam esse livro não só professores e alunos, mas também um bom número dos fiéis católicos. O que o tornou como um livro didático foi a sua utilização pelos professores e alunos do Ginásio Santa Teresinha.<sup>103</sup> Munakata afirma que

Ler/usar livro didático implica assim pelo menos dois leitores permanentes aluno e professor. É claro que outros livros também supõem uma diversidade muito grande de leitores, mas o que faz essa dupla de leitores peculiar no livro didático é que ela é, digamos, estrutural: se um aparecer sem o outro pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo. Esses leitores, além disso mantêm entre si certa relação de poder: mesmo que o leitor final seja o aluno, não cabe a este escolher o livro (MUNAKATA, 1999, p. 581).

Contudo, não foi possível identificar, nesta pesquisa, o motivo da opção pelo uso do livro História da Vida Sagrada do Antigo e do Novo Testamento como manual didático da disciplina Religião. Nas aulas realizavam-se leituras de cada um dos textos, pelo professor ou por um dos alunos, cujas lições eram claras e objetivas. No decorrer da aula possivelmente não se recorria à Bíblia, prática comum aos protestantes, pois as próprias

<sup>102</sup> Em novembro de 2007 foi lançado pela editora Vozes a 66ª edição do livro.

<sup>103</sup> De acordo com Batista (1999), a expressão livro didático é empregado – de modo adequado – para cobrir uma gama muito variada de objetos portadores dos impressos que circulam na escola. Com efeito, o livro é apenas um dos muitos suportes de textos presentes na sala de aula e várias coleções didáticas assumem formas outras que não a de um livro. Cf. (BATISTA, Antônio Augusto Gomes. “Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos”. In: ABREU, Márcio (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1999, p. 535.).

histórias bíblicas presentes no livro objetivavam substituir o manuseio e a leitura das sagradas escrituras.

A organização estrutural do livro divide-se em dois temas centrais: Antigo Testamento e Novo Testamento, e seguia uma ordem cronológica. O Antigo Testamento está dividido em sete partes, onde se narram as histórias bíblicas da criação do mundo até o nascimento de Jesus Cristo. Desta forma, neste tema central do livro trabalha-se diversas histórias cujos títulos eram: “Desde a criação do mundo até Abraão (4000-2000 antes de Cristo)” constituído por 10 páginas; “ Desde Abraão até Moisés (2000-1570 antes de Cristo)” contendo 27 páginas ; “O tempo de Moisés (1570-1450 antes de Cristo)” com 25 páginas; “O tempo de Josué e dos juízes. Desde a entrada na terra prometida até Saul (1450-1095 antes de Cristo)” composto por 40 páginas; “O tempo dos reis. Desde Saul até a divisão do reino de Israel (1095-975 antes de Cristo)” constituído por 26 páginas; “Desde a divisão do reino até ao cativeiro de Babilônia (975-606 antes de Cristo)” com 21 páginas ; “Do cativeiro de Babilônia até a vinda do Salvador (606 antes do nascimento de Jesus Cristo até ao seu nascimento) composto por 23 páginas.”

O Novo Testamento é dividido em quatro partes que narram histórias desde o nascimento de Jesus Cristo até sua ressurreição e ascensão. Nele trabalham-se textos cujos títulos eram: “Nascimento e vida oculta de Jesus”, constituído por 12 páginas ; “A vida pública de Jesus”, com 7 páginas; “Segundo ano da vida pública de Jesus” composto por 76 páginas; “ Paixão e morte de Jesus” com 65 páginas; “Ressurreição e ascensão de Jesus Cristo”, contendo apenas 7 páginas. Por último, as páginas finais do livro trazem um apêndice dividido em duas partes intituladas: História Sucinta da Igreja e Tempos Apostólicos, nos quais o autor dispõe-se a relatar toda a trajetória da Igreja ao longo da história, compondo o total de 73 páginas.

Com base nas informações coletadas nas entrevistas e nas anotações escritas em grafite pela aluna nas páginas do livro, conclui-se que cabia ao professor fazer a seleção dos textos que deveriam ser aplicados a cada série. No entanto, em alguns momentos foram trabalhados os mesmos textos, tendo apenas como diferença os exercícios que eram aplicados. Em sala de aula, trabalhavam-se os textos através de exposição oral feita pelo professor, que durante a exposição exigia toda a atenção dos alunos, pois seriam cobrados nas provas.

Os conteúdos trabalhados na temática do Antigo Testamento através das histórias bíblicas, transmitem uma narrativa da criação do mundo, do relacionamento de Deus com o homem, demonstrando em especial sua promessa de salvação a Abraão e seus

descendentes. Na temática do Novo Testamento transmite-se uma narrativa sobre a vida de Jesus Cristo enquanto salvador do homem, que deve libertar-se do pecado para ter a vida eterna. No apêndice é trabalhado o papel da Igreja nos vários momentos da história mundial, em especial no Brasil Colonial.

Contudo, as histórias contidas no livro História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento foram utilizadas pelos professores da disciplina Religião como conteúdos de componente curricular, o que permite declarar que em meio à exposição feita pelo professor e as leituras e exercícios realizada pelos alunos foram trabalhados temas como: amor a Deus, amor à família, amor ao próximo, amor à Igreja, amor à Virgem Maria, a submissão da mulher, o pecado e a salvação.

A análise dos textos do livro revelou uma maior visibilidade dos conteúdos da disciplina, o que é imprescindível dentro da perspectiva da história das disciplinas escolares, pois dos “diversos componentes de uma disciplina escolar, o primeiro na ordem cronológica, senão de importância, é a exposição pelo professor ou pelo manual de um conteúdo de conhecimentos” (CHERVEL, 1990, p. 202). Os conteúdos de uma disciplina distinguem-na de todas as modalidades não escolares de aprendizagem, as da família ou da sociedade. Sua análise é de fundamental importância e tem um papel privilegiado na história das disciplinas escolares.

Todo o conteúdo do Antigo Testamento, Novo Testamentos e apêndice está subdividido em títulos que indicam a trajetória da história narrada. Dentre os textos presentes no livro vale destacar que o intitulado “Morte de Maria Santíssima” merece atenção especial, pois neste o autor, para confirmar a santidade da Virgem Maria, relata os momentos da sua morte com base em uma história que ele mesmo denomina como lenda. Segue o texto no original:

Regista o evangelho que Nosso Senhor confiou a Virgem Santíssima ao discípulo predileto; e a tradição acrescenta que São João cuidou dela com piedade filial até à sua morte.

Nos últimos anos de sua vida, assim reza uma lenda, os apóstolos, de volta de países distantes, encontravam-se reunidos. Jesus apareceu também junto de sua Mãe, que morria, e recolheu o último suspiro.

Entretanto, São Tomé, um dos apóstolos, não pudera assistir à morte de Maria, e receber sua última bênção. Penetrado de dor e de sentimento por ter sido privado dessa ventura, suplicou que se abrisse o túmulo a fim de que pudesse contemplá-la pela última vez. Abriram-no, com efeito; mas – ó prodigo! – o sepulcro estava vazio. Fecharam-no de novo, convictos de que o Senhor tinha recebido no céu o corpo imaculado de sua Mãe.

Desde esse tempo, a Igreja creu sempre que Maria Santíssima fora imediatamente depois de sua morte levada ao céu em corpo e alma.

Comemora-se esse fato todos os anos no dia 15 de agosto, sob o título de festa de Assunção de Nossa Senhora (HEUSER, 1951, p.296).

A forte presença da Virgem Maria no livro não está restrita apenas aos textos; ela aparece também nas ilustrações, dentre as quais uma chama maior atenção que é a da expulsão de Adão e Eva do paraíso, em que são apresentados três personagens, o anjo, Adão e Eva e ao fundo aparece a imagem da Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços. A exposição da Virgem Maria, na cena de expulsão de Adão e Eva do paraíso por causa do pecado transmite o valor de mãe intercessora que Maria tem na Igreja Católica.



Foto 25: Ilustração da Expulsão de Adão e Eva do Paraíso  
Extraída do Livro História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento.  
Acervo particular de Maria José Ávila Góis.

Em cada história bíblica presente no livro é apresentada uma imagem ilustrada em preto e branco que transmitia a idéia central de toda a história. Ao todo são expostas 91 ilustrações que seguem o mesmo padrão de tamanho e cor, sendo 48 no Antigo Testamento, 35 no Novo Testamento e 8 no apêndice. Além destas ilustrações com personagens bíblicos ao longo de todo o livro são apresentados 4 mapas. No livro não foram apresentados exercícios escritos. Tais exercícios eram elaborados pelo próprio professor, que escrevia no quadro para os alunos.



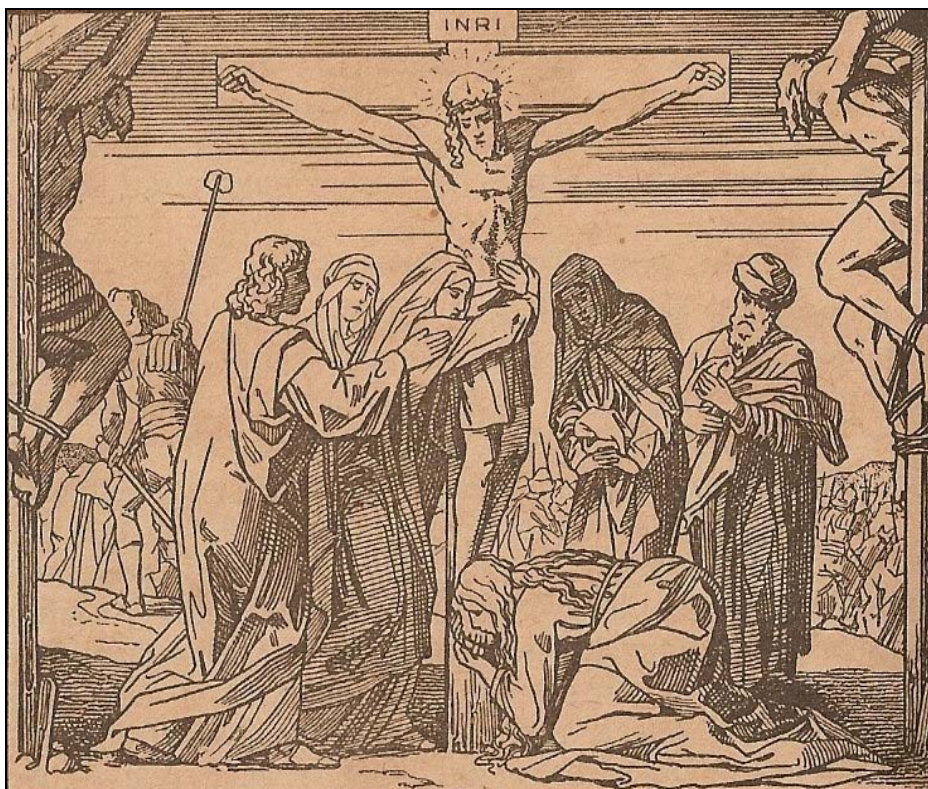


Foto 26: Ilustração da Crucificação de Jesus Cristo  
Extraída do Livro História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento.  
Acervo particular de Maria José Ávila Góis.

Contudo, perceber a obra História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento adotado como manual didático da disciplina Religião, recurso pedagógico e importante ferramenta para o desenvolvimento das aulas permitiu verificar algumas práticas da disciplina. Sendo ministrada em instituição de ensino confessional católico, dirigida pela Congregação Santa Teresinha, essa disciplina apresentou finalidades específicas e distintas das normas educacionais vigentes, comprovando que a formação de uma disciplina escolar dá-se em meio a uma confluência de interesses internos e externos dos agentes presentes em sua constituição. É perceptível, portanto, que o uso desse livro como importante recurso pedagógico da disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha servia como um instrumento para a propagação da fé católica, bem como de seus ideais e valores morais e culturais. A análise do conteúdo do livro permite-me assegurar a assertiva de que seu autor, Frei Bruno Heuser, escreveu sua obra a partir das suas apropriações da leitura dos textos bíblicos, bem como do discurso moral e religioso da Igreja Católica.

A Igreja Católica estava sempre presente no universo das atividades da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha, como pode ser verificado nas histórias contadas no citado livro, as quais transmitiam a interpretação católica do pensamento bíblico. Ou seja, as mensagens embutidas nas páginas do livro traziam as representações do autor sobre o

discurso bíblico, o qual, por ser um membro eclesiástico da Igreja adequou esse discurso em consonância com a doutrina católica. A investigação desta obra revelou que eram pelas práticas desse componente curricular que se transmitiam os valores morais e religiosos, como respeito ao próximo e à pátria, amor a Deus, às virtudes e à família.

### **3.6. É Festa no Ginásio Santa Teresinha!**

O cotidiano do espaço educativo do Ginásio Santa Teresinha foi sempre marcado por festividade. Páscoa dos alunos, festa da Virgem Maria, desfile cívico e formatura estavam sempre presentes em seu calendário festivo. As festas serviam como um instrumento de aproximação da escola com a família e as autoridades. Era através das festas que a comunidade externa presenciava os trabalhos desenvolvidos no ambiente interno do espaço educativo do Ginásio Santa Teresinha.

A cada festa organizada no Ginásio, os alunos empenhavam-se para dar o melhor de si nas apresentações de trabalhos, nas encenações, no comportamento, nos trajes e na organização. As festas do Ginásio Santa Teresinha podem ser definidas como verdadeiras vitrines do seu cotidiano, as quais seriam admiradas e observadas pela sociedade. De acordo com Souza,

Atendendo a que as festas têm por fim interessar o povo na educação da infância e despertar o estímulo e a emulação entre os alunos, os inspetores deverão dar a maior solenidade a tais festas e procurar associar a esses atos as autoridades, as famílias, e as pessoas gradas de cada localidade de seu distrito (SOUZA, 1998, p.243).

Sendo assim, no Ginásio Santa Teresinha as festas tinham presença muito forte dentro de seu quadro de atividades. Como era uma instituição de ensino confessional, as festas religiosas sempre marcavam o calendário festivo do ano letivo. Desta forma, as festas de cunho religioso eram perpassadas como conteúdo da disciplina Religião. Maio era o mês de maior efervescência entre alunos, professores e diretor, pois era o mês de adoração à Virgem Maria.

Os alunos ficavam inquietos e preocupados com toda a organização da festa, pois nela eles faziam apresentações teatrais e musicais para os pais e seriam avaliados por seus

professores. Todos queriam lograr o primeiro lugar para assim adquirir prêmios. De acordo com o livro de Crônicas da Congregação Santa Teresinha, nas homenagens à Nossa Senhora, no ano de 1956, ocorreram novenas e dramatizações dos alunos. E no último dia do mês os alunos da 4ª série ginásial ornamentavam o altar da igreja matriz Senhora Santana, e à noite, por volta das 7h30, todos: alunos, professores, familiares e direção, reuniam-se na capelinha do Ginásio Santa Teresinha onde se celebrava uma missa e em seguida todos saíam em procissão pelas ruas da cidades.

No ano de 1961 a festa em homenagem à Virgem Maria teve um significado especial, pois, como era de costume, essa festividade reunia não só a comunidade do Ginásio como também os membros da sociedade boquinense, entre eles autoridades locais, como o prefeito da cidade, José Jacomildes Barreto, que, após participar de uma reunião com Ir. Lidia de Anunciação, diretora do Ginásio, garantiu a todos os presentes que aquele estabelecimento de ensino seria agraciado com a instalação da energia elétrica e que todas as despesas, desde a instalação até gastos mensais de consumo, seriam pagas com recursos da Prefeitura Municipal de Boquim. Esta medida adotada pelo prefeito da cidade demonstra o quanto a direção do Ginásio Santa Teresinha mantinha uma boa relação com o poder público e o quanto este incentivava o desenvolvimento dos trabalhos naquele estabelecimento, uma vez que na cidade não existia nenhuma outra instituição do porte desse Ginásio<sup>104</sup>.

As festas solenes do mês de maio em homenagem à Virgem, não ficam restritas apenas ao calendário festivo do Ginásio Santa Teresinha. Outros colégios confessionais de Sergipe também realizavam nesse mês homenagens à Virgem Mãe. No Colégio Nossa Senhora das Graças<sup>105</sup>, por exemplo, da cidade de Propriá, as homenagens à santa aconteciam durante todo o mês. A esse respeito Melo registra:

[...] Ano a ano, a escola comemorava todo o mês de maio em homenagem à Virgem Maria. No último dia do mês, acontecia uma missa, na qual participavam as alunas e suas famílias, feitas à coroação de Maria. As alunas eram trajadas de anjos e, uma delas, escolhida para representar a

---

<sup>104</sup> A isenção de taxas de luz elétrica ao Ginásio Santa Teresinha foi regulamentada pela Lei nº 43, de 3 de outubro de 1958, mas só em 1961 é que ela é executada de fato. Em 1964, a direção do Ginásio Santa Teresinha recebeu sua primeira cobrança de pagamento de energia elétrica, mas o então prefeito da cidade, Simpliciano Fernandes Fontes, também assumiu o compromisso de a Prefeitura Municipal continuar responsabilizando-se pelo pagamento.

<sup>105</sup> Sobre o Colégio Nossa Senhora das Graças ver: MELO, Valéria Alves. **As filhas de Imaculada Conceição**: um estudo sobre a educação católica (1915-1970). São Cristovão, Universidade Federal de Sergipe, 2007 (Dissertação – Mestrado em Educação).

Mãe e Jesus na solenidade, o que era motivo de muito orgulho [...] (MELO, 2007, p.87).

Outro mês de grande representatividade no calendário festivo do Ginásio era outubro em que se comemorava o dia de Santa Teresinha, padroeira do Ginásio. O dia 3 de outubro era sempre festivo. Os alunos preparavam-se com suas fardas de gala para assistir à missa na igreja matriz ou na própria capelinha do Ginásio; em seguida faziam homenagens à santa com músicas e peças teatrais.

Em 1962 a festa em homenagem à Santa Teresinha contou com a presença do arcebispo D. José Vicente Távora, que veio celebrar a missa e realizar a cerimônia de entrega do hábito às Irmãs Teresinha. Essa ocasião foi marcada por discursos, apresentações dos alunos e almoço.

No dia 27 de cada mês faziam-se sempre homenagens à Nossa Senhora das Graças, patronesse do Ginásio, com missas e cânticos. E somente no dia 27 de novembro ocorria a homenagem especial com procissões, e em alguns anos os alunos participavam de um retiro espiritual especial. Além do retiro que marcava as homenagens à Nossa Senhora das Graças, era também comum a realização da páscoa dos alunos nesse período.

A páscoa dos alunos não tinha uma data fixa no calendário festivo da escola; normalmente ela ocorria com maior frequência nos meses de maio e novembro. Os alunos preparavam-se para fazer a sua primeira comunhão, fazendo retiros espirituais, assistindo a palestras e tendo aula de catecismo. O dia da páscoa era todo marcado de atividades sempre ligadas a mensagens religiosas. Em alguns anos, logo cedo, os alunos dirigiam-se ao Ginásio Santa Teresinha para fazer a primeira refeição do dia em meio às orações e sermões para depois ir comungar.

O dia do professor era outra data comemorada no Ginásio. Era o momento em que os alunos recitavam poemas e ofereciam músicas no alto-falante da igreja para os professores do Ginásio Santa Teresinha.

As festas comemorativas que tinham na cidade era a festa de Santana que era a festa da padroeira, e a festa da laranja. E dentro do colégio mesmo era as novenas do mês de Maria que era mês inteiro de novena e a gente fazia como se fosse festa mesmo, que ocorria no mês de maio. E no meu período os alunos não participavam do retiro da boa morte e sim só as irmãs. A gente sempre comemorava o dia de Nossa Senhora das Graças que era nossa patrona e todo dia 27 de cada mês, principalmente em novembro, que é o dia mesmo, a gente comemorava também nos outros meses o dia das mães e dia dos pais, agora não era como hoje, era mais simples. E o dia do professor a gente comemorava mandando a poesia

para o professor pelo alto-falante da igreja e mandava música. Era padre João que falava (Eleonoura, 2007)<sup>106</sup>.

Na cidade, todos ficavam encantados com os poemas e declarações de amor e respeito dos alunos aos seus professores. O padre da cidade era o dono da voz que anunciava e desejava felicidades aos professores, inclusive ele também recebia as homenagens, pois fazia parte do quadro de professores do Ginásio Santa Teresinha.

A festa do dia dos pais e das mães também era um momento de grande expectativa e organização. Os preparativos para este tipo de comemoração iniciavam-se com reuniões entre professores e diretores para decidirem toda a programação do dia. Normalmente esses dias eram sempre regados de apresentações teatrais, ensinamentos religiosos, homenagens especiais e lanches. Na comemoração do dia das mães do ano de 1965, por exemplo, houve uma homenagem especial à mãe com o maior número de filho. A senhora Risoleta Santos Andrade foi a homenageada, pois, dentre todas as mães do Ginásio, ela era a única que tinha 21 filhos. Geralmente essas comemorações ocorriam no salão de festas do cinema da cidade, o Cine Brasil, e só as peças teatrais encenadas pelos alunos davam-se no palco do Ginásio.

Outra data comemorativa de que os alunos se esforçavam muito para participar era a festa de São João. Meninos e meninas reuniam-se para o ensaio da quadrilha, em que todos teriam de apresentar-se vestidos a caráter. Entre as meninas, os festejos juninos eram também motivo de disputa, pois todo ano era escolhida a rainha do milho do Ginásio Santa Teresinha.

As candidatas deveriam estar bem trajadas com vestidos floridos ou de quadro, calçadas em tamancos ou sandálias de couro. A eleita era escolhida por um júri interno composto, em sua maioria, pelos professores. A festa em homenagem a São João não tinha apenas um significado social e cultural, mas também especialmente religioso, pois, além da festa, também eram celebradas missas em homenagem ao santo.

---

<sup>106</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.



Foto 27: Aluna Maria José Ávila Góis nos festejos juninos – 1957

Fonte: Acervo particular de Maria José Ávila Góis.

Autoria: Desconhecida

Contudo, o calendário de festa do Ginásio não era apenas composto por festas religiosas e sociais, mas também por solenidades cívicas, e o dia 7 de setembro era sempre esperado por toda a sociedade boquinense, pois era neste dia que os alunos do Ginásio Santa Teresinha desfilavam pelas ruas da cidade, demonstrando todo o amor e respeito à pátria. Os preparativos para esta grande ocasião começavam sempre meses antes, em que os alunos ensaiavam pelas ruas para não perder o passo da marcha no grande dia.



Foto 28: Desfile de 7 de setembro – Fardamento Masculino de Gala – 1948

Fonte: Acervo Particular de Fernando Ferreira Matos

Autoria: Desconhecida

O ensaio era sempre acompanhado pela direção do Ginásio. Durante a gestão do Padre Gumercindo, todos os ensaios eram coordenados e acompanhados por ele mesmo, que, auxiliado por um guarda-chuva preto, ensinava os alunos a manter o alinhamento nas filas e marchar corretamente.

[...] o dia de 07 de setembro era rigorosíssimo. A gente tinha que ensaiar o mês de agosto todo marchando pelas ruas e quando chegava nas esquinas Pe. Gumercindo ficava assim, com um guarda-chuva na mão levantado para frente. Para quando a gente chegar perto do guarda-chuva fazer a curva para o outro lado da rua. Ainda fomos premiados em Estância. Ficamos em primeiro lugar (Maria José, 2007)<sup>107</sup>.

<sup>107</sup> GÓIS, Maria José Ávila. . Entrevista concedida á autora em 15 de janeiro de 2007.

Era preciso educar o passo, a postura e o perfil do corpo do aluno, organizar pelotões, escolher os grandes vultos da pátria que seriam homenageados, para assim demonstrar toda a elegância do civismo dos alunos do Ginásio.



Foto 29: Desfile de 7 de setembro – Década de 1950

Fonte: Acervo do Colégio Santa Teresinha

Autoria: Desconhecida

O fardamento devia estar impecável, todo engomado e acompanhado de sapatos ilustrados. Todos os alunos, antes de saírem desfilando na rua, passavam por uma rigorosa vistoria, para certificar-se de que o fardamento estava atendendo as exigências. As meninas deviam apresentar-se com saias de pregas com o comprimento abaixo do joelho, caso contrário seriam retiradas da fila e proibidas de participar do desfile.

[...] Ir. Lídia era muito organizada e muito exigente, mas cumpridora de seus deveres também. [...] na fila em 07 de setembro, por exemplo, a gente tinha que ir impecável porque ela botava a gente na fila para desfilar e se tivesse algum problema como, por exemplo, se ela se sentisse que a saia da menina estava curta ela enfiava o dedo na bainha e desmanchava a bainha todinha e mandava a menina para a casa para a mãe fazer direito (Eleonoura, 2007)<sup>108</sup>.

<sup>108</sup> MORAIS, Eleonoura de Jesus. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.





Foto 30: Desfile de 7 de setembro – Fardamento Feminino de Gala - 1949  
Fonte: Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria: Desconhecida

O desfile cívico era sempre acompanhado por uma banda marcial que vinha de outra cidade, como Estância ou Aracaju. Alguns alunos em entrevista comentaram que em alguns anos o desfile do Ginásio Santa Teresinha foi acompanhado por banda própria. No entanto, de posse de outros documentos não foi possível determinar, de fato, em que ano esse estabelecimento de ensino desfilou com sua própria banda. No desfile, os alunos saíam fardados ou com fantasias alusivas à história do Brasil.



Foto 31: Desfile de 7 de setembro – 1958  
Homenagem aos esportes do Brasil  
Fonte: Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria: Desconhecida

Durante a década de 1960, o dia da Independência do Brasil era festejado já ao raiar do dia com alvorada e competições esportivas. O desfile acontecia no turno da tarde. Dentre os vários desfiles cívicos do Ginásio, o de 1962 foi sempre lembrado pelos alunos entrevistados como um dos mais bonitos, por ter sido nesse ano que, pela primeira vez, a direção do Ginásio colocou nas ruas carros alegóricos com deusa sergipana e balizas.

Outro momento de grande importância e expectativa para os alunos do Ginásio era o desfile da primavera, que ocorria durante o mês de outubro. Após a escolha da rainha da primavera, que se dava internamente, era realizado o desfile pelas ruas da cidade, acompanhado por bandas marciais. O primeiro desfile foi realizado no ano de 1960, e em 1962 o desfile foi realizado ao som da banda marcial da Escola Normal de Aracaju.

O grande ápice das festas do Ginásio Santa Teresinha era a formatura do curso ginásial, programada para acontecer entre o final do mês de novembro e início de dezembro. Os alunos da 4ª série do curso ginásial não escondiam a emoção e alegria que

sentiam por estarem concluindo o tão sonhado curso ginásial. Essa conclusão do curso ginásial era a certeza do encerramento de uma etapa da vida estudantil; era um indicativo de que o aluno estava pronto para enveredar em cursos profissionalizantes. Era um momento de orgulho para os pais, mestres e direção do Ginásio.<sup>109</sup>

A organização para a festa da formatura era tarefa de todos. Para angariar fundos a serem destinados à realização do baile de formatura, os alunos organizavam desfiles e vendiam rifas. Dentre as tarefas a serem cumpridas para a concretização da festa estavam:

- a) Ornamentar a Igreja para a missa;
- b) Decorar salão de festas do Cinema da cidade;
- c) Tirar fotografias para o quadro de concluintes;
- d) Elaborar lista de convidados;
- e) Escolher o paraninfo, homenageados, patrono, orador, ganhador de honra ao mérito e do preito de gratidão, nome da turma, padrinhos, madrinhas e o traje.



Foto 32: Quadro da Turma de Concluinte-1955  
Fonte: Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria: Desconhecida

<sup>109</sup> De acordo com Graça (2002), a festa de formaturas dos ginásios de Aracaju nos anos 1950 tinha um grande significado na vida dos estudantes e envolvia familiares, professores e diretores na organização do evento.

A indumentária era a grande preocupação do alunado. Os meninos providenciavam com os familiares o terno, o paletó e o sapato. As meninas eram mais vaidosas e sofriam mais com a escolha do modelo do vestido, cor, tecido, penteado, e sapatos, pois todas queriam comparecer lindas à solenidade e, principalmente, ao baile. Meses antes de a festa acontecer, os alunos viajavam com um funcionário do Ginásio, quase sempre a diretora ou a secretária, a Aracaju, capital do estado, para providenciar as fotografias e encomendar o quadro da turma.



Foto 33: Maria José Á. Góis – 1958  
Foto para a confecção do quadro da turma  
Fonte: Acervo particular de Maria José Á. Góis  
Autoria: Desconhecida

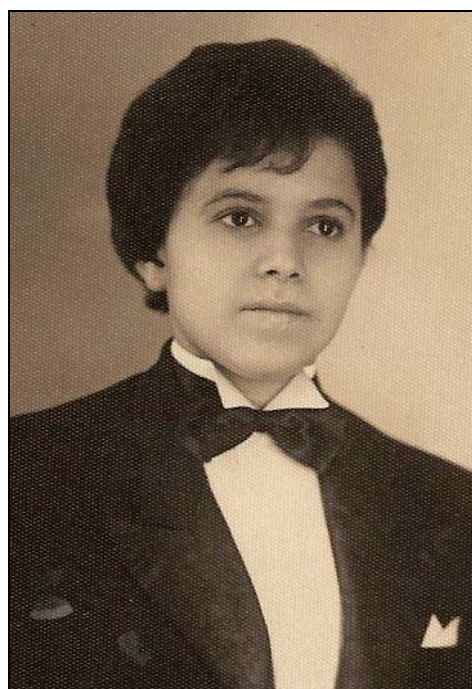


Foto 34: Eleonoura de Jesus Morais – 1963  
Foto para confecção do quadro da turma  
Fonte: Acervo particular de Eleonoura J. Morais.  
Autoria: Desconhecida

A primeira festa de formatura ocorreu no ano de 1952, em que 8 alunos do sexo masculino coloram grau. A turma recebeu o nome de Hermes Fontes<sup>110</sup>, o poeta mais importante da cidade, e teve como paraninfo o inspetor escolar Dr. Osvaldo Almeida

---

<sup>110</sup> Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes nasceu em 8 de agosto de 1888 na cidade de Boquim. Foi compositor e poeta. Filho de lavradores, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro, para onde se mudou com a ajuda do governador da Província de Sergipe. Foi oficial de gabinete do Ministério da Viação durante o governo de Washington Luiz. Suicidou-se no Rio de Janeiro no dia 15 de dezembro de 1930. Cf: MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Cartas de Hermes Fontes**. Aracaju: Gráficas Editora J. Andrade, 2006.

Sampaio. No quadro da turma estavam as fotos dos homenageados, entre estes o Pe. Gumercindo, onde também estava escrito um trecho do poema de Hermes Fontes<sup>111</sup>.

**Quadro 11: Primeira Turma de Concluinte do Curso Ginásial – Ano – 1952**

<b>Airton Barbosa de Matos</b>
<b>Everton Menezes Reis</b>
<b>Fernando Ferreira de Matos</b>
<b>Jadson Barbosa Matos</b>
<b>José Raimundo Oliveira</b>
<b>Jose Reis Filgueiras</b>
<b>Jucundo G. de Souza</b>
<b>Rinaldo Costa e Silva</b>

Fonte : Livro de Concluinte do Curso Ginásial de 1952 – 1968

As festas de formatura seguiam sempre esta programação:

- 8h. Missa celebrada na Igreja Matriz Senhora Santana;
- 12h. Almoço para os convidados;
- 16h. Colação de Grau seguida do baile;

Para o alunado, a formatura do ginásio era um momento especial em sua vida. Havia todo um preparo para viver aquele momento em que todos estariam bem vestidos e alinhados.

As festas de formatura eram, assim, como se fosse uma formatura de uma faculdade. O cerimonial era o mesmo. Tinha a missa, porque não podia deixar de ter. E quando era de noite a colação de grau com tudo que você tinha direito. Com vestidos longos e autoridades presentes (Maria José, 2007)<sup>112</sup>.

<sup>111</sup> Trecho do poema “Fonte da Mata”, escrito no quadro da turma: “Depois de longa ausência e penosa distância vi a Fonte da Mata de cuja água bebi, na minha infância. E que melancolia nessa emoção tão grata! Ver constância das causas, na inconstância ver que a poesia é uma segunda infância e que toda poesia [...] Uma Fonte da Mata”.

<sup>112</sup> GÓIS, Maria José Ávila. . Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.



Foto 35: Formandos e Madrinhas – 1952<sup>113</sup>

Fonte: Acervo particular de Fernando Ferreira de Matos

Autoria: Desconhecida

Na colação de grau os concluintes eram parabenizados pelos amigos e familiares, recebiam seus certificados de conclusão do curso, ouviam e proferiam discursos. E logo após os discursos participavam do tão esperado baile no salão de festa do Cine Brasil. Algumas autoridades faziam-se presentes nas formaturas do Ginásio Santa Teresinha, como juízes, prefeitos, inspetores escolares, deputados e vereadores. Era um momento em que os pais recebiam os cumprimentos de amigos, parentes, autoridades e professores, com entusiasmo e orgulho.

<sup>113</sup> Da esquerda para a direita: Everton Menezes Reis, Fernando Ferreira de Matos, José Reis Filgueiras, Juncundo G. de Souza, José Raimundo Oliveira, Jadson Barbosa de Matos e Rinaldo Costa e Silva.



Foto 36: Entrega de Diploma do Ginásio - 1960  
Aluno recebendo diplomas das mãos de Ir. Francisca N. Paes Barreto  
Fonte: Acervo particular do Colégio Santa Teresinha  
Autoria: Desconhecida



Foto 37: 1º Baile de Formatura – 1952  
Fonte: Acervo particular Fernando Ferreira de Matos  
Autoria: Desconhecida

O Pe. Gumercindo fazia questão de estar presente a todas as solenidades de formatura e era sempre homenageado pelos alunos de sua instituição educativa. Para ele, participar das formaturas do Ginásio Santa Teresinha era a certeza de ver a concretização de seu sonho através dos frutos que ali estavam brotando.



Foto 38: Pe. Gumercindo (centro) com a 1ª Turma de Concluintes – 1952

Fonte: Acervo particular de Fernando Ferreira de Matos

Autoria: Desconhecida

Contudo, fica evidente que, no ambiente do Ginásio Santa Teresinha, as festividades em sua maioria eram de cunho religioso. A religiosidade era expressa em meio à adoração aos santos, configurada através das missas, novenas, orações, retiros e procissões. Não era a festa pela festa, mas a festa pela comunhão cristã. Na ocasião das festas, a direção do Ginásio e os familiares enchiam-se de orgulho e satisfação ao assistir às apresentações dos alunos que, com muita desenvoltura, doavam-se para apresentar seus dotes artísticos.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Adentrar nos arquivos escolares é sempre um convite irrecusável para o historiador de pesquisa em história da educação. Em meio aos livros de visitas, diários de classe, atas, relatórios, fichas de matrícula, correspondências, cadernos de alunos, trabalhos escolares, exames, currículo, fotografias e outros documentos, a ação do tempo será sempre um obstáculo para o trabalho árduo e penoso de um pesquisador. A cada documento encontrado é permitido sempre o estabelecimento do diálogo, dos questionamentos. É permitida, também, a busca pelo preenchimento dos hiatos, contribuindo para a assertiva de que será revelado um pouco da história de uma escola, de um professor, de um aluno e de uma disciplina escolar.

A investigação da disciplina Religião do Ginásio Santa Teresinha revelou sua organização, suas finalidades, seu grau de relação entre sua constituição e o contexto político, econômico, social e cultural em que estava inserida, sua metodologia e seus principais agentes (professores e alunos). Ao estudar a história dessa disciplina, foi permitido perceber e efetivamente considerar uma história específica e distinta que se encontrava silenciada nos arquivos escolares e na memória dos agentes educacionais.

A cada fonte analisada era apresentada uma disciplina escolar que atendia aos anseios e objetivos da Igreja Católica e do Estado. Pesquisá-la demonstrou o quanto ela é dotada de uma historicidade e o quanto ela é produto da cultura escolar. Desta forma, faz-se necessário afirmar que a investigação dessa disciplina não revelou apenas a sua história por si só, mas também revelou um pouco da cultura escolar do Ginásio Santa Teresinha, através da exposição de suas práticas educativas, de suas normas, de seus valores, de seus objetivos e de seus agentes.

A compreensão de que a prática educativa oriunda do ambiente escolar fornece informações sobre os meios e as formas da produção do conhecimento, diferente dos produzidos no âmbito da ciência e de outras instituições da sociedade, põe luz sobre um campo de pesquisa, o campo da história das disciplinas escolares. A investigação das disciplinas escolares dentro dos estudos sobre História da Educação vem-se apresentando cada vez mais como um campo fértil para a compreensão das práticas educativas, bem como da cultura escolar. Pesquisar uma disciplina escolar é compreender que, como as demais práticas sociais e educativas, ela é dotada de uma historicidade que nos revela o papel da escola na construção dos saberes. É compreendê-la como fruto da cultura escolar, e sua investigação consente um olhar mais aguçado sobre uma instituição de ensino.

Nesse sentido, ao debruçar-me sobre o estudo investigativo da disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha, comportou a compreensão de que este estabelecimento de ensino fez parte das estratégias católicas alicerçadas durante as primeiras décadas do século XX. O projeto de recristianização da nação republicana pelas vias do catolicismo romanizado viu na fundação de uma rede de escolas, na implantação de uma imprensa católica e na reintrodução do Ensino Religioso nas escolas públicas as bases sólidas da Igreja na peleja contra a laicidade do Estado brasileiro. Os poderes eclesiásticos do Brasil assinalaram todas as ações plausíveis para o combate ao Estado Liberal e ao continuísmo de seu poder hegemônico nos campos social e cultural do país.

O Ensino Religioso e a instalação das escolas católicas em consonância com a ideologia de civilizar o povo pelas alamedas da religiosidade católica posicionaram-se como mecanismos eficientes e indispensáveis à formação de uma juventude republicana. A Igreja via a educação como sua égide diante das novas ideologias propagadas pelo Estado Liberal. Era através dela que a Igreja colocava-se ativamente participativa na sociedade brasileira.

O Ginásio Santa Teresinha contribuiu, duplamente, para a efetivação do projeto católico. Como uma instituição de ensino confessional católico, foi responsável pela educação de centenas de jovens oriundos das famílias de maior poder aquisitivo de Boquim e cidades circunvizinhas, que posteriormente ocupariam posições privilegiadas na sociedade sergipana. A disciplina Religião ministrada no estabelecimento em foco não era apenas uma área do conhecimento escolar, mas também, indiscutivelmente, a sustentação para a formação da consciência cristã da juventude, bem como o seu desenvolvimento integral e a propagação da fé católica.

Inquirir sobre a disciplina Religião ministrada no Ginásio Santa Teresinha permitiu compreendê-la enquanto produto da cultura escolar dessa unidade de ensino em meio ao seu currículo, sua finalidade e suas práticas. Possibilitou também perceber o quanto essa disciplina era essencial para o êxito da formação religiosa e moral do educando. Suas aulas eram o espaço pedagógico profícuo à propagação dos valores da doutrina católica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Bibliografia Utilizada

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos 1870-1908**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 2005. Tese (doutorado). Programas de Estudos - Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade.

\_\_\_\_\_. **O Atheneu Sergipense: traços de uma história**. Aracaju: ADGRAF, 2005.

ANDRADE JR. Péricles. **Sob o olhar diligente do pastor: a igreja católica em Sergipe (1831-1926)**. São Cristóvão; Universidade Federal de Sergipe, 2000. Dissertação – (Mestrado em Ciências Sociais).

ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora F. GUICPDOC, 1990.

ARAÚJO, José Carlos Souza. “As instituições escolares na primeira República: ou os projetos educativos em busca de hegemonia”. In: NASCIMENTO, Maria Isabel; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.

ARAÚJO, Serafim Fernanades. “A educação católica: a importância do seu testemunho”. In: GARCIA, Jacinta Turolo; CAPDEVILLE, Guy. **Educação Católica**. Bauru/SP:EDUSC, 2001.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. Parte 3. A Transmissão da Cultura. 4ª edição, São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

BARBOSA, Maria. **O desencontro entre a AE e as escolas católicas: uma análise da proposta pedagógica e o projeto histórico da Associação da Educação Católica do Brasil**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005. (Mestrado em Ciências da Religião).

BARBOSA, Francisco de Barros. **Pe. Gumercindo**. Perfil Bibliográfico e Escolar de Dom Bosco. Salvador/BA: 2003.

BARRETO, Raylaine Andreza Dias Navarro. **Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)**. São Cristóvão: 2004 (Dissertação de Mestrado em Educação).

BEATO, Carlos da Silva. “A política do livro único na reforma liceal de 1947: o caso da disciplina de Ciências Físico-Químicas”. In: **Cadernos de História da Educação**. n. 3, Uberlândia, EDFU, 2004. p. 55-64.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. “Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba. In: BENCOSTA, Levy Albino. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. “Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária”. In: STPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. “Disciplinas escolares: história e pesquisa”. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Taborda; Ranzi, Serlei Maria Fischer. (org). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 9- 38.

BOAVENTURA, Edivaldo M. “A educação na constituinte de 1946”. In: FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação).

BONTEMPI JR. Bruno. **História da Educação Brasileira**. O terreno do consenso. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-graduação em Educação.

BORGES, Vavy Pacheco. **O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia**. In: Revista Horizontes. v. 19. Bragança Paulista, 2001, Jan/dez. pp.01-10.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5 ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Zaia. **A Intelligentsia educacional – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999.

BUFFA, Ester. História e Filosofia das Instituições Escolares. In: GATTI Jr, Décio; ARAÚJO, José Carlos de Souza. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa – Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. (Coleção memória da educação)**

\_\_\_\_\_. “Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas”. In: NASCIMENTO, Maria Isabel; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CAETANO, Maria Cristina; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. “Ensino Religioso: sua trajetória na educação brasileira”. In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, CD- Rom, 2006.

CAETANO, Maria Cristina. **O Ensino Religioso e a Formação de seus Professores: dificuldades e perspectivas**. Belo Horizonte/MG, Pontifícia Universidade Católica, 2007. (Dissertação de Mestrado em Educação).

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**. Para ler a História Oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMARGO, Aspásia. História oral e política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim / FINEP, 1994.

CAPANEMA, Clélia de Freitas; CÂMARA, Jacira da Silva; GOMES, Candido Alberto da C. “Perspectivas da educação católica no Brasil”. In: GARCIA, Jacinta Turolo; CAPDEVILLE, Guy. **Educação Católica**. Bauru/SP:EDUSC, 2001,

CARDOSO, Teresa Fachada Levy. “As Aulas Régias no Brasil”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. STEPHANOU, Maria. **História e memórias da educação no Brasil**. Vol.1: séculos XVI-XVIII. Petrópolis- RJ, Vozes, 2004, p.179-191.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª ed., 1989. (Coleção Tudo é História)

\_\_\_\_\_. **Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista – SP: EDUSF, 1998.

\_\_\_\_\_. “Revisitando a historiografia educacional brasileira”. In: MENESES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas – SP, Mercado de Letras, 2004. p.375 – 399.

CARVALHO, Carlos Henrique de. GONÇALVES NETO, Wenceslau. “O nascimento da educação republicana: princípios educacionais nos regulamentos de Minas Gerais e Uberabinha (MG) no final do século XIX”. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas/São Paulo: Autores Associados: Uberlândia/Minas Gerais: EDUFU, 2005.

CASTANHO, Sérgio E. M. “Questões teórico-metodológicas de história cultural e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **História, cultura e educação**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2006 (Coleção Educação Contemporânea).

CECCHETTI, Elcio. “Identidade do Ensino Religioso na Escola Marista”. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério AZEVEDO; oliveira, Lilian Blanck de. (orgs.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 2005.

CEREBELLE, Marilda Corrêa. **Projeto de Pesquisa**: um instrumento da pesquisa científica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. In: **Teoria & Educação**, n. 2, 1990.

CHEVALLARD, Yves. **A transposição didática**. Grenoble, 1991.

CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. “Respirando a fragrância da piedade cristã”: considerações sobre o espaço escolar católico: A Escola Normal de Sant’Ana. In: BENCOSTTA, Levy Albino. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

CONGREGAÇÃO SANTA TERESINHA – A SERVIÇO DO REINO – 1947-1997 – Casa Central das Irmãs Teresinha – Aracaju, 1997.

CORDEIRO, Darcy. “A evolução dos paradigmas e o Ensino Religioso” In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério AZEVEDO; oliveira, Lilian Blanck de. (orgs.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 2005.

CORRÊA, Priscila Kaufmann. **Decifra ou te devoro**: Levantamento e análise das fontes sobre Ensino Religioso do Colégio Progresso Campineiro na Primeira República (1900-1937). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005. (Monografia de Conclusão do Curso de Pedagogia).

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: NPGED, Universidade Federal de Sergipe, 2003. (Dissertação – Mestrado em Educação).

CUNHA, Luis Antônio. “Ensino superior e universidade no Brasil”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.151-204.

CURY, Carlos Roberto Jamil. “A educação e a primeira constituinte republicana”. In: FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação)

\_\_\_\_\_ “A educação na revisão constitucional de 1926”. In: FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação)

\_\_\_\_\_ **Ideologia, Educação Brasileira** – Católicos e Liberais. São Paulo: Cortez- Autores Associados, 1984.

DALLABRIDA, Norberto. “Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolização e escolarização”. In: STPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

DANELCZEN, Francisca Helena Cunha; COSTA, Carlos Odilon da; SOUZA, Eronildes Schultz; “Desenvolvimento da dimensão religiosa do ser humano e currículo: novos

olhares e perspectiva”. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério AZEVEDO; oliveira, Lilian Blanck de. (orgs.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 2005.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**: Formação do estado e civilização. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. “Instrução elementar no século XIX”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.p.135-150.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorine, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral**: Um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) Entrevistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. “Ensino Religioso: da concepção à regulamentação”. In: **Revista de Educação AEC**. São Paulo: Salesiano, v.35, p.43-61, jan/mar/2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência na prisão. Trad. Raquel Ramlhete. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. 1998. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A.

\_\_\_\_\_. “Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada” In: BENCOSTTA, Levy Albino. ( org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco**: Um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920 – 1950). Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

FREITAS, Marcos Cezar de. “Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos”. In: STPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2005.



GARCIA, Jacinta Turolo; CAPDEVILLE, Guy. **Educação Católica**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

GATTAZ, André Castanheira. “Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral”. In: MEIHY, José Sebe Bom (org.). **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP/Xamã, 1996.

GATTI JR, Décio. **A História das Instituições Escolares** – Inovações paradigmáticas e temáticas. In: GATTI Jr, Décio; ARAÚJO, José Carlos de Souza. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa** – Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.- (Coleção memória da educação).

GATTI JÚNIOR, Décio; PESANHA, Eurize Caldas. “História da educação, instituições e cultura escolar: conceitos, categoria e materiais históricos”. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas/São Paulo: Autores Associados; Uberlândia/Minas Gerais: EDUFU, 2005.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiro de néon: ginásianos na Aracaju dos anos dourados**. São Cristóvão: Editorada UFS, 2002.

GRELE, Ronald J. “Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GRUEN, Wolfgang. **O Ensino Religioso na escola**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed. 1994.

GOODSON, Ivo F. **Currículo, teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. “Por qué estudiar las disciplinas escolares”. In: **Historia del currículum: la construcción social de las disciplinas escolares**. Barcelona: Ediciones Pomares – Corredor, 1998. p. 95-107.

\_\_\_\_\_. “Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicações e evolução”. In: **Teoria & Educação**. n. 2, 1990.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIAS FILHO, Luciano Mendes. Histórias das culturas e das práticas escolares perspectivas e desafio teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDERAMRIN, Vera Teresa. (orgs.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas/ São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea)

HAMILTON, David. “Sobre as origens dos termos classe e curriculum”. In: **Teoria & Educação**, n. 6, 1992. p.33-35.

HORTA, José Silveira Baía. “A constituinte de 1934: comentários. In: FÁVERO, Osmar. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação)

\_\_\_\_\_. “A educação no congresso constituinte de 1966-67. In: FÁVERO, Osmar. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Memória da Educação).

\_\_\_\_\_. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. “Refletindo sobre História oral: procedimentos e possibilidades”. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP/XAMÃ, 1996.

JOUTARO, Phellipe. “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. 2001. Campinas: Autores Associados, nº 1, Jan./ Jun. p. 09.

KRAVICE, Mariane do Rocio Peters. “O discurso sobre as diferenças nos textos didáticos de Ensino Religioso”. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério AZEVEDO; oliveira, Lilian Blanck de. (orgs.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 2005.

LANG, Alice Beatriz da S.G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, JOSE Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP/XAMÃ, 1996.

LE GOFF, Jacques. 1984. “Documento/Monumento”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. Memória-História. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. p. 95-106.

\_\_\_\_\_. História. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Lisboa, Portugal. 1984. p.158 – 259.

LENVAL, H. Lubiesnska de. **Educação religiosa das crianças**. Rio de Janeiro: Flamboyant, 1963.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.) **Usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LIMA. Aristela Aristide. **A instrução da mocidade no Liceu Sergipense**. Um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na Província de Sergipe (1847-1855). Dissertação de Mestrado em Educação, São Cristóvão-SE, 2005.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- NARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.
- NORONHA, Olinda Maria. “Historiografia das instituições escolares: contribuições ao debate metodológico. In: NASCIMENTO, Maria Isabel; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (org). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.
- MADEIRA, Maria Das Graças de Loiola. **Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do padre Ibiapina – sertão cearense (1855-1883)**. Fortaleza/CE: Universidade Federal do Ceará. (Tese de Doutorado).
- MARGOTTO, Lilian Rose. **Igreja Católica e Educação Feminina nos anos 60 – O Colégio Sacré- Coeur de Marie (Vitória – 1960-1969)**. Vitória: EDUFES, 1997.
- MARROU, Henri-Irineé. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U., 1975.
- MARTINS, ÂNGELA Maria Souza. “Educação e história cultural: algumas reflexões teóricas”. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (org). **História, cultura e educação**. Campinas/ São Paulo: Autores Associados, 2006 (Coleção Educação Contemporânea).
- MARTINS, Maria do Carmo. “As humanidades em debate”. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Taborda; Ranzi, Serlei Maria Fischer. (org). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 141-170.
- MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Cartas de Hermes Fontes**. Aracaju/SE: Gráficas & Editora J. Andrade, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Ed. 2ª São Paulo: Loyola, 1999.
- MELO, Valéria Alves. **As filhas de Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2007. (Dissertação – Mestrado em Educação).
- MENDONÇA, José Antônio Nunes. **A Educação em Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1956.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória a cultura oral revisada**. 3ª ed. São Paulo: contexto, 1994. (Caminhos da História).
- MORAIS, Carmen Sylvia Vidigal. **O ideário republicano e a educação: uma contribuição à história das instituições**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tadeu Thomas da. (orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

MUNAKATA, Kazumi. “Livro didático: produção e leituras.” In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de leitura).

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana**. Uma crítica ao estudo de História da Educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação – NPGED. 2003.

NASCIMENTO, Maria Isabel; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.

NUNES, Clarice. “História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos”. In: **Teoria em Educação**. Dossiê: História da Educação. Porto Alegre: Pannomica, 1992.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1993. “Historiografia da Educação e Fontes”. In: **Cadernos ANPED** (Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa e Educação). Porto Alegre.

NUNES, Maria Thetis – **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 – (Coleção Educação e Comunicação, v.13).

OLIVEIRA, Lilian Blanck de. **Formação de docente para o Ensino Religioso: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia- Instituto Ecumênico de Pós- graduação em Teologia, 2003 ( Tese de Doutorado em Teologia).

OLIVEIRA, Neide Mércia Scheffer de. **A legislação sobre o Ensino Religioso no Rio Grande do Sul: do período colonial de 1707 ao ano 2000**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia- Instituto Ecumênico de Pós- graduação em Teologia, 2003 ( Dissertação – Mestrado em Teologia).

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. “A educação na assembléia constituinte de 1946”. In: FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Memória da Educação).

OLIVEIRA, Theosete Gomes de. **Do deserto à terra prometida**. Tucano/Bahia: RADAMI- Editora Gráfica, 2001.

\_\_\_\_\_ **Necrológico nº 1 da congregação Divino Mestre**. Tucano, 1992.

FÁVERO, Osmar. “A educação no congresso constituinte de 1966-67: contrapontos”. In: FÁVERO, Osmar. **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Memória da Educação).

PAIVA, José Maria. “Educação Jesuítica no Brasil Colonial”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.43-59

\_\_\_\_\_. “Igreja e educação no Brasil Colonial”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. STEPHANOU, Maria. **História e memórias da educação no Brasil**. Vol.1: séculos XVI-XVIII. Petrópolis- RJ, Vozes, 2004, p.77-92.

PESSANHA, Elena. Fronteiras disciplinares e o uso da história oral: por que, de quem, para quem? In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.) **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP/XAMÃM 1996.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. “Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa”. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 27, 2004. p.57-69.

POLLAJK, Michel. **Memória e Identidade Social Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5 nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 14, fevereiro 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos Oraís: Do “Indizível” Ao “Dizível”**. Revista Ciências e Cultura.v.39 n 3. Março de 1987.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1934.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1937.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1946.

RODRIGUES, Simone Paixão. “Colégio Santa Teresinha e Suas Práticas Educativas (1947-1953). In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, CD- Rom, 2006.

\_\_\_\_\_. “Educando pela Fé: algumas reflexões sobre um livro didático de Religião”. In: **Anais do Simpósio Internacional – Livro Didático: Educação e História**, CD- Rom, 2007.

ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SGARBI, Antônio Donizete. **Igreja, educação e modernidade da década de 30- Escolanovismo Católico**: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997 (Dissertação – Mestrado em Educação (história e filosofia da educação)).

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. “Franciscanos na educação brasileira”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. STEPHANOU, Maria. **História e memórias d educação no Brasil**. Vol.1: séculos XVI-XVIII. Petrópolis- RJ, Vozes, 2004, p.77-92.

SANTANA, Valéria Carmelita do Nascimento. “O primeiro bispo de Aracaju e a difusão do Ensino Religioso católico em Sergipe (1911-1948)”. In: **Anais XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. São Cristóvão – SE, 2003, CD Room.

SANTOS, Isabel de Carvalho. **Colégio Estadual Murilo Braga: uma contribuição a sua história (1949-1999)**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2002. Monografia (Graduação em História).

SANTOS, José Gumercindo. **Pedaços d’Alma**. Feira de Santana/Bahia: Bahia Artes Gráficas, 1981.

SANTOS, Sandra Maria dos. **A trajetória educacional, em Capela: a experiência das missionárias do Colégio Imaculada Conceição. (1929 – 1954)**. Propriá – SE. Monografia (licenciatura em História): Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de Sergipe, 2002.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação**. São Paulo: Editoria Dom Bosco, 1977.

SCHWARZSTEIN, Dora. **História Oral**, memória e histórias traumáticas. In: **História Oral: Revista do ABHO**. São Paulo, nº 4 de Julho de 2001.

SCUSSEL, Marcos André. “Reflexões sobre a construção da identidade religiosa do professor de Ensino Religioso. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério AZEVEDO; oliveira, Lilian Blanck de. (orgs.). **Ensino Religioso: memória e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 2005.

SILVA, Antenor de Andrade. **Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil, 1987-1970**. Instituto Histórico Salesiano – Roma, 1997.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. “Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar”. In: CUNHA, Marcus Vinicius da. (org.). **Ideários e imagens da educação escolar**; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2000. – (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 73)

SOUZA, Valéria Camerlita Santana. **“A Cruzada” Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação – Mestrado em Educação).

STEIN, Gesuína Burin. “ A igreja católica e a educação”. In: GARCIA, Jacinta Turolo; CAPDEVILLE, Guy. **Educação Católica**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

TRAÇOS DA MISSIONARIEDADE APOSTÓLICA EM PE. JOSÉ GUMERCINDO DOS SANTOS. Congregação Santa Teresinha – Curso de Formação Permanente – Aracaju, 2004.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado. **História oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURTIER – BONAZZI, Chantal de Aquino. Propostas Metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.). **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996.

WARDE, Miriam Jorge. “A história da educação nos marcos de uma história das disciplinas”. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis ( orgs). **História e história da educação**. Campinas/ São Paulo: Autores Associados: HISTERDBR, 2000.

WARDE, Miriam Jorge e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Políticas e cultura na produção da história da educação do Brasil**. Contemporaneidade e Educação. V.7, Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada, 2000.

VALENTE, Wagner Rodrigues. “Considerações sobre a matemática escolar numa abordagem histórica”. In: **Cadernos de História da Educação**. nº 3, Uberlândia: EDFU, 2004. p. 77-82.

VALDERIN, Vera Teresa. “Cultura escolar e conhecimento científico”. In: SOUZA, Rosa Fátima de. VALDERAMRIN, Vera Teresa. (orgs.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Educação Contemporânea).

VEIGA, Cynthia Greive. “Educação Estética para o Povo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 399-422.

\_\_\_\_\_. Pensando com Elias as Relações entre Sociologia e História da Educação. In: FARIA FILHO. Luciano Mendes (org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.p. 139-166.

VENÂNCIO FILHO. “A educação na constituinte de 1890-1891 e a constituição de 1925-1926: Comentários”. In: FÁVERO, Osmar. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação).

VENTURI, Ioná Vieira Guimarães; GATTI JR, Décio. “A construção histórica da disciplina escolar Língua Portuguesa no Brasil”. In: **Cadernos de História da Educação**. nº 3, Uberlândia: EDFU, 2004. p. 65-76.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares”. In: SOUZA, Rosa Fátima de. VALDERAMRIN, Vera Teresa. (orgs.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a**

pesquisa. Campinas/ São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Educação Contemporânea).

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “História da Educação no Brasil: A constituição histórica do campo e sua configuração atual”. In: VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história**: estudos da história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados. p. 73-127.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. **Origens da Educação Protestante em Sergipe**. 1884 – 1913. São Cristóvão – SE, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe.

VOLDNAN, Daniele. A invenção do depoimento Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coord.) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

## 2. Fontes Consultadas

### 2.1 - Fontes Escritas

- ◆ Atas de Atividades do Ginásio Santa Teresinha 1947 – 1968
- ◆ Atas de Notas Individuais – 1947 – 1968
- ◆ Atas de Provas Orais – 1947 – 1968
- ◆ Atas de Resultados Finais – 1947 – 1968
- ◆ Certificados de Conclusão do Curso Ginásial – 1947 – 1968
- ◆ Estatuto Civil da Congregação Santa Teresinha – 1964
- ◆ Fichas Individuais de Alunos – 1947 – 1968
- ◆ Folha de Pagamento – 1947 – 1968
- ◆ Currículos – 1947 – 1968
- ◆ Inscrição do Exame de Admissão – 1948 – 1967
- ◆ Livro de Crônicas da Congregação Santa Teresinha – 1947 – 1968
- ◆ Livro de Ponto – 1947 – 1968



- ◆ Livro Tombo da Cúria Metropolitana – 1948
- ◆ Livro Tombo da Igreja Senhora Santana – 1946
- ◆ Livro de Visitas dos Inspectores Escolares – 1947 – 1960
- ◆ Ofícios Emitidos – 1947 – 1968
- ◆ Ofícios Recebidos – 1947 – 1968
- ◆ Regimento Interno – 1948 E 1966
- ◆ Registro de Matrícula - 1947 – 1968
- ◆ Relatório da Diretoria Do Ginásio Santa Teresinha – 1947 – 1960
- ◆ Relatório dos Inspectores Escolares – 1947 – 1960

## **2.2 - Fontes Orais**

ÁVILA, Maria Silva. Entrevista concedida à autora em 15 de março de 2007.

GÓIS, José Arivaldo. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

GÓIS, Maria José Ávila. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

MENESES, Rivanda dos Santos de. Entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2007.

MERCÊS, Laura Cardoso. Entrevista concedida à autora em 20 de março de 2004.

MORAIS, Eleonora de Jesus. Entrevista concedida à autora em 28 de março de 2007.

MATOS, Fernando Ferreira. Entrevista concedida à autora em 10 de janeiro de 2007.

OLIVEIRA, Theosete Gomes de. Entrevista concedida à autora em 10 de janeiro de 2007.

SANTANA, Olga de Souza. Entrevista concedida à autora em 8 de março de 2004.

SANTOS, Rita Silveira. Entrevista concedida à autora em 8 de março de 2004.

### **2.3 - Jornais**

A CRUZADA, Edição do dia 07 de setembro de 1946.

A CRUZADA, Edição do dia 25 de outubro de 1947.

A CRUZADA, Edição do dia 13 de agosto de 1950.

A CRUZADA, Edição do dia 31 de agosto de 1952.

A CRUZADA, Edição do dia 05 de julho de 1953.

A CRUZADA, Edição do dia 26 de novembro de 1956.

A TARDE, Edição do dia 12 de agosto de 1986.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Roteiro de Entrevista para os Ex- alunos

- 1- Nome completo:
- 2- Data de Nascimento:
- 3- Filiação:
- 4- Fale um pouco sobre a origem de sua família.
- 5- Estado civil:
- 6- Têm filhos? Quantos?
- 7- Qual a sua profissão?
- 8- Qual a primeira escola em que estudou?
- 9- Como era ela?
- 10- Comente um pouco sobre o cotidiano dessa escola:
- 11- Quais eram as suas brincadeiras de infância?
- 12- Em que ano estudou no Colégio Santa Teresinha?
- 13- Até que série?
- 14- Relate um pouco sobre a estrutura física do colégio.
- 15- Como era a farda?
- 16- Como eram a entrada e a saída do colégio?
- 17- Quem era o diretor?
- 18- Como ele era?
- 19- Quais as normas do colégio?
- 20- Como eram as aulas no colégio?
- 21- Quais as disciplinas que estudou?
- 22- Qual a de que mais gostou? Por quê?
- 23- Como eram as atividades em sala?
- 24- Como eram as avaliações?
- 25- Como era o comportamento da turma?
- 26- O (A) senhor (a) fez exame de admissão?

- 27- Como era?
- 28- O (a) senhor (a) foi interno (a) do colégio?
- 29- Como era a vida no internato?
- 30- Quando o (a) senhor (a) estudou estudavam juntos meninos e meninas?
- 31- Como eram os recreios?
- 32- Quem foram seus professores?
- 33- Qual o professor mais temido? Por quê?
- 34- Qual o professor mais querido? Por quê?
- 35- Os padres e as freiras ensinavam? Qual disciplina?
- 36- Como era o Pe. Gumercindo?
- 37- Ele ministrava aulas? Como eram suas aulas?
- 38- Como eram as aulas de Ensino Religioso?
- 39- Quem era o professor?
- 40- Tinham provas?
- 41- Como era a exigência de ir às missas aos domingos?
- 42- Quem era o professor de História?
- 43- Como eram as aulas
- 44- Como eram as festas do colégio?
- 45- Como eram as aulas de Canto Orfeônico?
- 46- Como eram as aulas de Educação Física?
- 47- Existiam castigos e punições no colégio? Quais?
- 48- Tinham livros didáticos? Quais?
- 49- Qual o valor do colégio?
- 50- Tinham aulas de trabalhos manuais e trabalhos domésticos?
- 51- Como eram?
- 52- Quais os valores e os objetivos do colégio?
- 53- Qual a importância de ter estudado no colégio?
- 54- Qual a melhor lembrança do colégio?
- 55- Qual a pior lembrança do colégio?

## ANEXO 2

### Roteiro de Entrevista para a Ex- Diretora e Freira

- 1- Nome completo:
- 2- Data de Nascimento:
- 3- Filiação:
- 4- Fale um pouco sobre a origem de sua família.
- 5- Qual a sua profissão?
- 6- Qual a primeira escola em que estudou?
- 7- Quais eram as suas brincadeiras de infância?
- 8- Como a senhora conheceu o Pe. José Gumercindo?
- 9- Quantas moças ele convidou para fundar a congregação Santa Teresinha?
- 10- Por que a senhora escolheu ser freira?
- 11- O padre teve o apoio do Bispo D. José Tomás para fundar sua congregação?
- 12- E o bispo apoiou espiritual e financeiramente?
- 13- E por que ele escolheu a cidade de Boquim?
- 14- Como o padre conseguiu dinheiro para fundar sua congregação e colégio?
- 15- Como foi a sua chegada a Boquim?
- 16- Como foi a retirada do hábito que marcou a história das freiras Teresinha?
- 17- Sobre a primeira sala de aula ministrada pela professora Maria Oliveira que existia antes da vinda do padre e das freiras, a senhora pode falar alguma coisa?
- 18- Como era o aspecto físico do Colégio Santa Teresinha?
- 19- Qual a cor do colégio?
- 20- Como eram a entrada e a saída do colégio?
- 21- Qual o objetivo do colégio dentro da perspectiva do Pe. José Gumercindo?
- 22- O Pe. Gumercindo foi diretor e professor do colégio?
- 23- Como ele era na função de diretor?
- 24- E por que ele fazia tanto teatro nas festas de comemorações?
- 25- E como era a relação dele com os políticos?

- 26- E por que ele foi embora de Boquim?
- 27- Mas ele continuou mantendo o contato com Boquim e o colégio?
- 28- Se o objetivo do padre era ajudar os pobres, por que ele fundou um colégio particular?
- 29- A maioria dos alunos era das famílias mais ricas de Boquim?
- 30- A senhora foi professora no colégio?
- 31- Como eram as suas aulas?
- 32- Era ensino misto no mesmo horário?
- 33- Qual a faixa etária dos alunos que estudavam lá?
- 34- Como era a farda?
- 35- E os professores, quem eram?
- 36- E como era a seleção dos professores?
- 37- Quais eram as festas do colégio?
- 38- Como eram as formaturas?
- 39- Tinham reuniões de pais?
- 40- Tinha reunião de professores?
- 41- Como eram a entrada e a saída no colégio?
- 42- E as aulas de religião?
- 43- Tinha algum catecismo?
- 44- Os alunos eram obrigados a ir à missa?
- 45- Na realidade, o colégio que ele fundou aqui em Tucano segue o modelo do colégio Santa Teresinha?
- 46- Quais os alunos de que a senhora se lembra? E um especial?
- 47- Atrelado ao colégio, ele também fundou o orfanato Lar Nossa Senhora das Graças?
- 48- Como era a vida no internato?
- 49- Toda a metodologia do padre era fundamentada na pedagogia de Dom Bosco?
- 50- Por que o padre José Gumercindo quis criar o colégio?
- 51- E por que o nome Santa Teresinha?
- 52- Qual a importância que o colégio teve para o Pe. Gumercindo?
- 53- Como eram as visitas dos inspetores?
- 54- Como era a disciplina Canto Orfeônico?
- 55- O Ginásio Santa Teresinha possuía banda marcial?
- 56- E a disciplina de Educação Física?
- 57- E a senhora como secretária da escola, quais eram suas funções?

58- Onde eram comprados os materiais do colégio como carteiras e livros?

59- Quais as obras do padre em Tucano/BA?

60- O padre rejeitava entregar a educação ao estado?

61- Como a senhora vê o padre e as suas ações na educação?

62- Qual a importância das irmãs Teresinha na educação em Boquim?



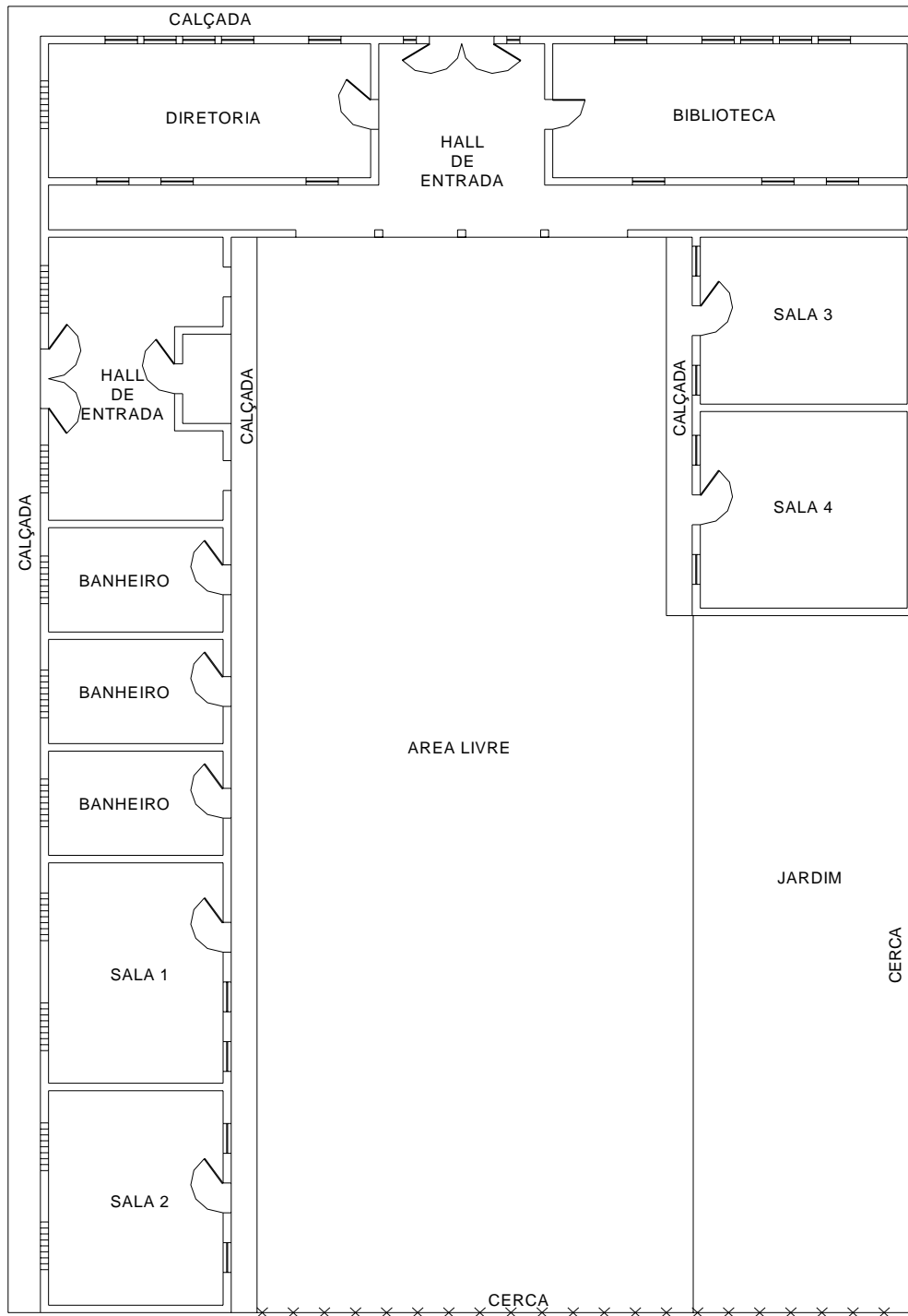
### ANEXO 3

#### **Roteiro de Entrevista para Membros da Sociedade**

- 1- Nome completo:
- 2- Data de Nascimento:
- 3- Filiação:
- 4- Fale um pouco sobre a origem de sua família.
- 5- Qual a sua profissão?
- 6- Qual a primeira escola que estudou?
- 7- Como era ela?
- 8- Até que série estudou nesta escola?
- 9- Comente um pouco sobre o cotidiano desta escola.
- 10- Como eram as aulas?
- 11- Quais eram suas brincadeiras de infância?
- 12- O (A) senhor (a) conheceu o Pe. Gumercindo?
- 13- Como era o Pe. Gumercindo?
- 14- Qual a sua relação com o colégio e com o padre?
- 15- Como foi a chegada das feiras e do padre a Boquim?
- 16- Qual a relação do padre Gumercindo e a sociedade de Boquim?
- 17- Qual a importância da criação do colégio para Boquim?

## ANEXO 4

### Planta do Ginásio Santa Teresinha - 1948



Fonte: Planta elaborada com base nos relatórios da Inspeção Escolar - 2008

## ANEXO 5

### Foto Celebração dos 10 anos da Congregação Santa Teresinha



Foto 39: Celebração dos 10 anos da Congregação Santa Teresinha -1957  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida

## ANEXO 6

### Fotos dos Ex-Alunos do Ginásio Santa Teresinha



Foto 40: Pe. Gumercindo (centro) e Concludentes do Ginásio (ao fundo) -1952  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida



Foto 41: Alunas no terreno do fundo do Ginásio -1958  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida



Foto 42: Concludentes do Ginásio -1960  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida

## ANEXO 7

### Fotos do Ginásio Santa Teresinha



Foto 43: Alunos na aula de Educação Física -1958  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida



Foto 44: Fachada do Ginásio Santa Teresinha – Década de 1950  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida

## ANEXO 8

### Foto da Praça da Igreja Senhora Santana



Foto 45: Igreja Matriz Senhora Santana –Década de 1960  
Acervo do Colégio Santa Teresinha  
Autoria desconhecida

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)